

REVISTA DO BRASIL

Directores :

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

XI O A
34

Dezembro

J922

Editores ;

MONTEIRO

LOBATO

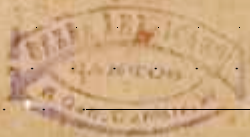
& COMP. — SÃO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

cAnno VII - Volume XXI

SUMMARIO

O BOM MARIDO	Monteiro Lobato	289
UM NOVO CAPITULO DE IÍTOLOCHA	Egas Moniz de Aragão	299
LIGEÍBA CONTRIBUIÇÃO PALIA A TERMINOLOGIA FLORESTAL.	Ed. Navarro de Andrade	311
VERSOS	Caio de Mello Franco.	321
ALEXANDRE DE GUSMÃO	Fernando Nobre	323
UMA CAMPANHA OBSCURANTISTA	Brenno Ferraz	333
NOTAS BIOGRAPHICAS DÉ GEO- LOGOS	J. C. Branner	341
BRASIL-ARGENTINA	Italo Luiz Grassi	347
EVOLUÇÃO ESPORTIVA	Fernando de Azevedo	355
A LITERATURA NACIONAL NO • ESTRANGEIRO		361
BTBLOGRAPHIA		363
RESENHA DO MEZ		368
ASCARICATURAS DOMEZ		381



REVISTA DO BRASIL - RUA DOS GUSMÕES, 70 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000 EXTRANJEIRO - 25\$000 NUMERO AVULSO - 1\$800

BIOTONICO FONTOURA

Fortificante poderoso

EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS

E EM TODAS AS EDADES ::

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
NA EXPOSIÇÃO DE HYGIENE DO CON-
GRESSO MEDICO BRASILEIRO

Fabricado exclusivamente nos grandes laboratorios do

Instituto "Medicamenta" ®

FONTOURA, SERPE (S.L.C. - S. Paulo)



Byington & Cia.

Engenheiros, Electricistas, Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de
material electrico como :

MOTORES

TRANSFORMADORES

FIOS ISOLADOS

ABATJOURS, LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEOS

VENTILADORES

PARA RAIO

FERROS DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ISOLADORES

ELECTRICAS 112 WATT

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Eléctricas completas, Bondes Eléctricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

ÚNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Telephone, 745 -Central --- S. PAULO

LARGO DA MISERICÓRDIA No. 4



Para o Natal

não ha melhor presente ás creanças que os livros que
Monteiro Lobato & Cia. acabam de editar:

«NARIZINHO ARREBITADO», 2. ^a edição do al- bum illustrado a cores.	3\$500
"NARIZINHO ARREBITADO", edição escolar.	2\$500
"O MARQUEZ DE RABICÓ", álbum agora lançado, com desenhos coloridos de Voltolino	2\$000
"O SACY", álbum que foi o successo do ultimo Natal	2\$500
"FABULAS DE NARIZINHO", álbum com dese- nhos em sombra_____	3 \$000
"FABULAS", edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra.	2\$500

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

ACCEITAM.S E

desde já pedidos dos seguintes livros, que *Monteiro Lobato & Cia.* têm no prelo:

Cartilha de Alphetização, Ensino de Francez pelo methodo analytico e Livro de Problemas para o ensino Primário e Médio, pelo prof. Benedicto TOLOSA; obras ha tanto esperadas do conhecido technico que o governo de S. Paulo commissionou para a diffusão em suas escolas dos modernos methods de ensino;

Saudade, pelo prof. *Thales de Andrade*, livro adoptado officialmente nas escolas de S. Paulo, Paraná e Ceará e que, alem de receber as mais encomiásticas referencias de quantos se interessam no Brasil pelas coisas do ensino, mereceu, em 1919, um premio do governo paulista.

Dirijam-se a MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}
Rua dos Gusmões, 70 — S. PAULO

OPINIÃO DE TRES GRANDES SCIENTISTAS

Prof. E. Bertarelli

Prof. Rubião Meira

Prof* Miguel Couto

sobre o valor e a superioridade incontestável do Guaraná Espumante [zanotta)

Diz o Prof. E. Bertorelli:

O GUARANA' ESPUMANTE é uma deliciosa bebida sem álcool, sobretudo recoinmendavcl para a conservação da saúde, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

A ausência absoluta de FORMIATOS, de matérias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausência completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o GUARANA' ESPUMANTE preferido ás bebidas que contém aquellas substancias prejudiciaes.

São Paulo, 1.º de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI

Diz o Prof. Rubião Meira:

"Attesto que o GUARANA' ESPUMANTE é bebida de valor altamente therapeutico, agradável ao gosto, sem álcool, e deve ser utilizado por TODOS OS DEBILITADOS NERVOSOS, sem inconvenientes.

São Paulo, 19 de Setembro de 1921.

RUBIÃO MEIRA

Diz o Prof. Migiiie! Coxaio:

O GUARANA' ESPUMANTE, formula do meu sábio collega dr. Luiz Pereira Barreto, é uma excellente bebida, — doce, isenta de álcool, agradável ao paladar, aperitiva e tônica; aconselhável, pois, por estas qualidades.

MIGUEL COUTO



ES
«

●
&

E
İ
H
H

83
M

ca
N

•
(Q
a
i

a
a
a

Anno 42 frs. - Semestre 22 frs.

• 9 •

• 99 M̃H̃U B̃aĩĩH̃B̃ĩĩH̃B̃ĩĩĩB̃ĩĩẼaĩĩ!aĩĩ ña:nH̃K!S̃ĩuB̃ĩĩĩ«H̃t̃ l̃aĩĩ'ss̃ĩĩẼs̃^ãaũĩĩH̃h̃ĩaB̃ĩĩĩH̃B̃ũĩĩs̃aĩĩ! <ṡ

REVISTA DO "BRASIL"

Directores:

RONALD DE CARVALHO

MONTEIRO LOBATO

BRENNO FERRAZ

XT

jj

Editores:

MONTEIRO

LOBATO

& COMP. - SAO PAULO

RUA DOS GUSMÕES, 70

O BOM MARIDO

MONTEIRO LOBATO

1

Emquanto a mulher morria no trabalho, com oito filhos á cola e mais um *nono*, Theophrasto procurava emprego.

Theophrasto Pereira da Silva Bermudes. Magro, alto, arcado, feio. Bigodeira, orelheira acabanada, olhos sapiroquentos...

Dona Bellinha casara-se contra a vontade dos seus, movida, quem sabe, menos por amor que por dó. Apiedou-a a humildade romantica de Théo, cujo palavrear de namoro feria uma tecla apenas — a pobreza.

— Que vale haver dentro de mim um coração de ouro, nicho que habitará a vida inteira? Que vale este meu amor puríssimo, forte como a morte, feito de todas as abnegações, renuncias, delicaquezas, se sou pobre? Que crime horroroso, ser "pobrezinho..."

O noivado inteiro foi esse ferir a nota exacta. Theophrasto adivinhou por instincto que a corda sensível da moça era a da piedade e fel-a vibrar de mil maneiras. Lido que era nas "Tristezas a beira mar", em "Graziella", Eschich e mais lacrimogéneos do ultra-sentimentalismo, seu cerebro virou arsenal de glandulas peritas em verter lagrimas de 1840 sobre o coração das mulheres.



Venceu assim áquella, e fel-a romper com a familia, burgoezes arranjados, de limpida visão pratica. Inutilmente tentaram os paes abrir os olhos á moça.

— E' um vagabundo, Bellinha, sem eira nem beira, incapaz de ganhar a vida. Malandro completo. Esteve na venda do Souza, mas foi posto na rua por excesso de preguiça. Também esteve no cartorio, um mez, e perdeu o lugar pelas mesmas razões. Além disso-, é filho do Chico Manteiga, o maior parasitão que já vegetou por estes lados. Puxou o pae...

— Falta de sorte, exclamava Bellinha. Théo ainda não se arrumou porque ainda não foi comprehendido.

— Sorte!... Incapacidade, é que é. Theophrasto não presta. Quem chega aos trinta e dois annos sem achar o que fazer na vida, está julgado: não presta. Elie inventou esse casamento com-tigo por um motivo só: viver a tua custa.

— Isso não! Théo jurou que ha de trabalhar feito mouro, para que eu tenha a melhor das vidas. Sou professora, mas elle não admite que eu tire cadeira.

— Diz isso agora. Casa-te e verás como tudo muda. Nasceu para chopim e escolheu-te para tico-tico.

A moça, entretanto, teimou. Preferiu romper com a familia a soltar o romântico pretendente. As juras de Théo, suas cartas de arrancar lagrimas ás pedras, recebidas todos os dias, e aquelle seu modo de olhar com infinitos de meiguice, deram á menina forças para resistir á sensatez dos conselhos.

— Ninguém te conhece, Théo. Desprezam-te porque és pobre, mas para mim a riqueza que vale é a que me offereces: esse tesouro de amor e carinho que sinto em teu peito.

Théo respondia dando corda ás glandulas lacrimaes e estilando grossos pingos.

— Anjo de bondade, tu és o orvalho que reanima a planta queimada do sol, és a chuva que abranda o fogo do deserto, és o pão que mata a fome ao faminto, és Deus, és Tudo!

E abraçava-a, soluçante.

— Izabel, meu anjo da guarda, meu paraíso, minha salvação... Abençoado o momento em que te encontrei na vida...

Repousava a cabeça no collo da moça e ficava a soluçar baixinho, enquanto Izabel lhe alisava maternalmente as melenas revoltas.

Realizado o casamento, Theophrasto deu de procurar em-



prego, ganho de subito furor. Passava os dias fóra de casa, na "labuta", e só vinha para as refeições, cançado.

— Uff! Não posso mais...

— Conseguiu alguma coisa?

— Promessas, por enquanto.

Izabel revoltava-se contra a dureza dos homens. Por que motivo repelliam assim creatura tão bôa, tão honesta, tão esforçada, de tanta capacidade? Todos se arrumavam, aqui, alli, bem ou mal; só Theophrasto se debatia em vão... Porque? Três mezes já de caça ao trabalho e nada.

Resolveu ajudal-o. Obteria uma cadeira, mesmo contra a vontade d'elle, e leccionaria. Trezentos mil réis por mez! Já dá...

Quando o marido soube d'estes projectos, indignou-se.

— Não consinto! Para trabalhar aqui estou eu, homem e forte. Tinha graça ver-te a ensinar meninos e a custear as despesas da casa...

— Mas, Théo, tu vives a te matar sem conseguir coisa alguma...

— Mas conseguirei. Insistirei até o fim. Fecham-me as portas? Arrombal-as-ei. Habilitações não me faltam, tu sabes. Falta-me sorte apenas.

— Sei disso. Ninguém o reconhece melhor do que eu. Mas havemos de ficar assim toda a vida, esperando, esperando?...

— Peço-te um mez de prazo. Juro-te que dentro de um mez estará tudo arrumado. O que não quero, o que de maneira nenhuma consinto, é que digam por ahi: olhem o Théo, um homem-zarrão, a viver do trabalho da pobre mulher. Isso, nunca!

iPassou-se o mez concedido, e mais outro, e o terceiro. A situação aggravando-se, resolveu Izabel requerer cadeira ás escondidas do esposo. Fel-o e foi feliz, vendo-se nomeada logo.

Nesse dia esteve Theophrasto na pharmacia, como de costume. Alli se reuniam todas as tardes vários amigos, para commentario dos factos locais e encrencas da alta politica. Nenhum dissertava tão bem como elle. Ninguém como elle para "descangicar" aquella "trapalhada de hermisnio e civilismo" que dividia o paiz.

Era hermista. Adorava o marechal, o Pinheiro, o Pulcherio e *tutti quanti*.

— Precisamos endireitar este paiz, custe o que custar. Basta de conselheiros! Venha a espada! Venha o pulso forte que diz — quero,- posso e mando. E' de despotismo, um sábio e largo despotismo que o paiz precisa.



Os civilistas troçavam.

— Espada burocratica, que vale? Antes a penna luminosa da Águia de Haya.

Théo pulava da cadeira, furioso.

— Águia de Haya? Sabem quem foi a aguia de Haya? Rio Branco! Ruy não passou de phonographo. Os discos iam daqui, pelo telegrapho.

Tomou folego, gosando-se da piada, e proseguiu:

— Depois, respondam-me cá: e as emissões? Ruy é emissor, e eu sou contra a emissão!

Um coronel lido em jornaes saltou-lhe á frente.

— Calumnia velha! Ruy já provou que quem emittiu menos foi elle.

— Será, mas a revisão? A Constituição, como diz o Pinheiro, deve ser a arca santa, a deusa intangível, e Ruy é revisionista.

— Está claro! Foi elle quem fez a jossa e sabe melhor do que ninguém os vícios que cila encerra. O Pinheiro, um pentefino de marfim, que é que entende de constituições? Entende de cavallos, e pocker, e nada mais...

— Não admitto!

— Vá não admittir na casa do diabo!

Theophrasto abandonou a arena e foi para casa, furioso. Entrou e cahiu na rede, já com a cara de victima, habitual.

— Que infeliz sou, Izabel! O mundo me persegue. Corri Sécca e Meca — e nada.

— Não faz mal, respondeu a moça, cuja physionomia irradiava. Requeri ás escondidas uma cadeira e obtive-a!...

Théo sentou-se de golpe.

— Quê?

— E' verdade. Fui nomeada hoje adjunta ao grupo escolar.

Théo arrebellou os cabellos.

— Fado cruel! Destino espezinhador! Eu, que te adoro, que te quero com todas as véras d'alma, ser obrigado a viver do producto do teu trabalho? Nunca!

— Mas que tem isso, bobo? Não sou vadia, gosto de serviço e a escola me distrahirá.

— Nunca! Não consinto, não admitto que minha adorada esposa trabalhe! Antes rebentar os miolos a bala!

— Não digas isso, Théo...



— Digo porque sinto! E's um anjo e eu não me conformo com a situação. Em que signo maldito nasci eu? Que te fiz, meu Deus, para me castigares desta maneira?

A creadinha veio nesse momento chamal-os para o jantar. A' mesa Théo proseguiu na lamuria, alternando imprecações com garfadas.

— Não me conformo! Não me sujeito! Pensas que não tenho brio, Izabel? Como me conheces pouco ainda!... Passa-me o arroz.

Izabel acalmava-o.

— Tolice. Todo o mundo trabalha. A mulher do Pecegueiro, não está a leccionar depois de velha? O marido perdeu o emprego e ella agora é quem... Coma este bolinho, está muito bom.

— Sim, mas alli o caso é differente. Elie perdeu o emprego, mas logo obtém outro. Tem sorte. Cerveja!... Isto é então um banquete?

— Natural. Quiz fazer-te surpresa dupla: nomeação e jantarzinho melhor.

— Nomeação! Não pronuncies tal palavra, Izabel, que me offendes sem querer. Hamburgueza? Porque não compraste Brahma? Gosto mais da Brahma.

Houve sobremesa e Théo repetiu o papo de anjo.

Entraram em nova phase. O ordenado da professora veio salvar as finanças do casal. E seriam perfeitamente felizes se não fôra a resistencia de Théo. Não se conformava, o homem...

Depois do almoço sahiam ambos, ella para a escola, elle para o serviço exhaustivo de "procurar emprego" — na pharmacia, onde crescia de violência o eterno bate-bocca político.

Assim viveram até á vinda do primeiro filho cuja presença perturbou o regimen da casa. Fazia-se necessário metter nova creada, simples pagem que fosse.

Théo achou que não.

— E' boa! E quem o pagêa durante a minha ausência?

— Ora quem! Eu, Izabel.

— Não consinto. Nada mais ridiculo do que um homem de bigodes a pegar creança. Prefiro tomar costuras para fazer á noite e com o rendimento pôr creada.

— Mas eu é que não consinto que redobres de trabalho! Costurar á noite, que horror! Nunca!

Izabel, que já conhecia o gênio do marido, cedeu provisoriamente. Retomou as aulas, finda a licença, deixando em casa o marido ás voltas com o pimpolho.

Correu tudo muito bem nos primeiros dias, enquanto brincar com o filho foi para Théo novidade.

Ao termo de duas semanas, porém, fartou-se e principiou a sentir saudades da pharmacia. Disse-o á esposa, estylizando.

— Não vae bem assim, Izabel. Perco o meu tempo aqui a lidar com o menino e desse modo não arrumo a vida. Quinze dias já que não procuro emprego!

— Não t'o dizia? O melhor é fazer como eu pensei. Tómo costuras de fóra e ponho creada.

— Mas não posso me conformar com esse redobro de trabalho, Izabel! Vá que ensines, mas costurar para fóra?...

— Que é que tem? Nada me custa, sou forte, e alem disso é o geito...

Veu a creada. Dona Izabel tomou costuras e passava as noites á machina, pedalando. Cosia habitualmente até ás onze. Innumeras vezes, ao recolher, encontrava o marido no valle dos lençóes, resonando. Entrava de manso na ponta dos pés e despia-se sem rumor para não acordar o coitadinho. Como o queria! Tão carinhoso... Incapaz de entrar a deshoras, ás oito já estava alli, ao lado delia, brincando com o pequeno, enfiando a agulha da machina, contando os casos do dia...

— Tive hoje uma discussão violenta na pharmacia com o Chicão. Provei que o Hermes vae ser a salvação do paiz e elle embuchou. Ninguém pôde commigo na polemica! Nasci para advogado.

— Por falar... Porque não tiras carta de solicitador? O João Candó não vive tão bem como rabula?

Théo segurou o queixo.

— E' verdade! Está'hi uma idéa que não me ocorreu ainda. Vou pensar nisso.

Theophrasto Pereira da Silva Bermudes pensou naquillo durante vários annos.

Nesse intervallo vieram novos filhos, dois, tres, quatro, cinco. Os encargos da familia redobram e dona Izabel tinha que fazer prodígios para assegurar a subsistência do clan.

Pobre creatura! Perdera a mocidade. Seus vinte e seis annos pareciam quarenta. A belleza fora-se, minada pela gravi-

dez ininterrupta. Por fim, em consequência de certo aborto, entrou a perder a saúde. Era já com esforço inaudito que proseguia na tarefa hercúlea, muito além das suas forças.

Não se queixava, entretanto. Gabava-se até de feliz. Ao receber visitas, puxava logo a palestra para o thema clássico das mulheres: maridos, e louvava o seu.

— Não é por me gabar, prima Biluca, mas marido como o meu, não ha outro. Théo me adora! A nossa lua de mel não acabou nem acabará nunca. Que carinhos! Que meiguice! Entra cedo em casa, nunca me disse palavra dura, vive para mim, faz tudo quanto quero. Um mimo!

Biloca já não dizia o mesmo do seu. Casara com um homem forte, de rara actividade, que se absorvia nos negocios e estava prosperando magnificamente. Dava á familia o máximo conforto e educava os filhos muito bem, mas... não era carinhoso. Muito occupado sempre, não a punha ao collo, não lhe dizia palavrinhas doces.

Izabel irradiava.

— O meu não é assim. Beija-me sempre, ao sahir e ao entrar. Tem cabidos de noivo. E se você soubesse como se amo-fina de me ver trabalhar... Coitado!

Abria pausa de ternura, e proseguia:

— Sim, porque isso de homem para uso externo, uma figa! Quero maridinho para mim, e não para as outras, não achas?

— Pois decerto!

— Théo mata-se no trabalho, passa os dias no serviço...

— No serviço?

— Sim, procurando emprego. Você sabe que não ha peor serviço do que esse. Mas não tem sorte nenhuma, o pobre. Não consegue collocar-se. E como se esforça!...

1

A fama do bom marido correu mundo. Todas as mulheres apontavam-no como o exemplo a seguir.

Os homens exemplados enfureciam-se.

— Um vagabundo d'aquelles! Um miserável chopim!

— Que tem isso? Eu, franqueza, disse uma, preferia que fosses também chopim, mas que me desses o carinho que elle dá á Izabel.

— E' o cumulo! Pois não vês que aquillo é da profissão? Typo asqueroso!... Agrada á mulher porque vive d'ella. E' o



seu negocio. E vive aos carinhos porque não tem serviço. Como ha de um malandro d'aquelles encher o dia senão conversando bobagens na pharmacia e beijocando a idiota da esposa?

Todos os homens pensavam assim; as mulheres, porém, liam todas pela cartilha de dona Izabel. E invejavam-na.

Dez annos se passaram sem que o emprego viesse. Estava escripto no livro do destino que Theophrasto morreria a procurar emprego. Que fazer? Fatalidade...

O triste é que viviam em penúria crescente. O trabalho da professora, por mais estirado que fosse, já não dava para vestir e alimentar os oito filhos pequenos e mais o nono, de bigodes. A doença começou a derreal-a. Mas como se galvanizava! Como insistia na terrível lucta sem tregoa!

Milagre do amor. Dona Izabel transformava em alento os carinhos do esposo. Commovia-se com elles. Que enlevo, ás noites, ouvil-o dizer, da rede onde se balançava, de pernas cruzadas, lançando baforadas para o ar:

— Izabel, como me dóe ver-te sempre pedalando essa machina! Porque não descanças um pouco? (Baforada). Tenho o coração em chaga viva, pisado, torturado pela dor de não poder alliviar-te. (Baforada). Tu me matas, Izabel, e eu...

Numa dessas vezes espicaçou-o uma idéa. Ergueu-se de salto e disse:

— Isto não pode ficar assim. Vou agarrar o coronel na rua e obrigar-o a dar-me o posto de fiscal da Camara. Se o não fizer, mato-o!

A mulher, assustada, interrompeu a costura.

— Pelo amor de Deus, Théo, não me vás commetter alguma loucura!...

— Não me detenhas, Izabel! Tudo tem fim na vida. Hei de conseguir, extorquir, ar-ran-car o emprego! Não se martyrisa assim um homem...

E sahiu — ou vae, ou racha — deixando a esposa apavoradissima.

Fóra, o ar livre acalmou-o e Théo, instinctivamente, seguiu para a pharmacia onde penetrou dizendo:

— Aposto o que vocês quizerem como antes do fim do mez os russos estão em Berlim. Assumiu o governo o Kerensky, e o Kerensky é um bicho!

— Onde você descobriu isso?

— Li. Como também aposto que o Cadorna vae envolver



os austríacos por cima, e ifazia gestos, indicando no ar as operações.

— Pois eu aposto, retrucou um germanophilo, que o Lüdendorff esfrega essa canalha toda em tres tempos!

A conversa pegou fogo. Aquella gente entendia de gtierra mais que os belligerantes e o ardor de Theophrasto excedia ao de Clemenceau. Só arrefeceu quando o relógio da matriz soou as dez.

—i Diabo! perdi conta esta vez |

(Despediu-se e tocou para casa, apressadamente.

Dona Izabel, afflicta com a demora, recebeu-o convencida de tragedia.

— Que houve, Tbéo? Fizeste alguma para elle?

— Elie, quem?

— O coronel!

— Ah, sim. Ficou para amanhã. Não pude encontral-o.

A mulher calou-se, comprehendendo tudo.

»

O estado de dona Izabel aggravava-se dia a dia. Por mais que se fizesse de dura, tinha de arrear a carga. Ponderou tudo, com o seu raro bom senso, e escreveu á familia. "Fiz o que pude mas estou vencida. Não me queixo. Sou feliz, immensamente feliz. Théo me adora e faz o possível para collocar-se. Não tem sorte. Persegue-o a mais cruel das fatalidades. Venham olhar para estas creanças, que o meu fim está proximo."

Théo nada soube deste passo e muito admirado ficou ao ver chegarem os sogros, de bagagem.

Os velhos olharam-no com rancor e dirigiram-se para o quarto da filha. Foi dolorosa a scena do encontro. Separados havia dez annos, mal a reconheciam agora.

— Em que estado te encontramos, Bellinha! Porque não nos chamou ha mais tempo? O orgulho te matou...

Izabel, no fundo da cama, sorria.

— Perdoe, mamãe, e lembre-se que não me queixo. Fui feliz. Théo é para mim um anjo de bondade. O que nos acabou foi a miséria e agora a doença. Estou no fim.

Os pais choravam, assombrados em face da múmia a que se reduzira a linda menina de outr'ora. E culpavam-se de a terem abandonado, de não a terem soccorrido a tempo.

Veu o doutor. Os velhos conferenciaram com elle a um canto.

— Caso perdido. Galopante. Morre exausta, de canceira,

de trabalhadeira excessiva, de partos e abortos mal conduzidos — de miséria, em summa. Aquelle infame assassinou a vossa filha...

Dona Izabel morreu nos braços do bom marido, beijando-o, abençoando-o.

Suas ultimas palavras foram:

— O que mais me doe, Théo, é deixar-te sozinho no mundo, ao desamparo. Mas já pedi e mamãe olhará para...

Não teve forças para o ti. Ennunciou-o com os olhos e fechou-os.

Após o enterro os velhos dispuzeram tudo para levar o batilhãozinho de orphãos. Quanto ao chopim, puzeram-no incontinentemente no olho da rua:

— Fóra d'aqui, assassino. Vá procurar uma outra!...

Theophrasto humildemente obedeceu. Procurou e achou. Um mez mais tarde ligava-se a certa mulata doceira, cuja quitanda ia prospera.

Guardou, entretanto, lucto rigoroso e só aos dois mezes reappareceu na pharmacia.

— *Resurrext!* exclamaram os amigos.

Theophrasto cumprimentou-os com cara de circumstancia, triste como se recebera pêsames. E falou da morta.

— Uma santa! O meu consolo é que tenho a consciência tranquilla. Fui o melhor dos maridos e fiz delia a mais feliz das esposas.

— Lá isso parece. Ella o dizia e *todas* o repetem. Mas, olha, isto aqui não é sala de visitas de casa de defunto. Está na berlinda a declaração de guerra á Allemanha. Que achas?

Theophrasto mudou de cara, esquecido já da santa e todas nas unhas da paixão partidaria.

— Acho que fizemos muito bem. Precisamos entrar na guerra e mostrar aos allemães de quantos paus se faz uma canôa. O Wenceslau é um bicho!...





UM NOVO CAPITULO DE BIOLOGIA A SELENOTAXIA NOS REINOS ANIMAL E VEGETAL

EGAS MONIZ DE ARAGÃO (1)

C é o mesmo modo que, nos mappas astronomicos, ha certas zonas absolutamente despovoadas de estrellas — verdadeiros abysmos de trêva — lambem no domínio das Sciencias Physicas, Chimicas e Naturaes, observamos, aqui e alli, vastas regiões desertas — outros tantos hiatos de mysteriosa escuridão — que até hoje têm desafiado a paciência e a argúcia dos sábios.

Negada positivamente pela maioria dos biologistas, se bem que suspeitada por alguns, a Selenotaxia representa um desses territorios ignotos.

O que pretendemos apenas, com a publicação deste desprezencioso trabalho, é demonstrar que tal phenomeno constitue •flagrante realidade e de forma alguma phantasia ou méra superstição popular.

Quando o genial biologista suisso KARL VON NAEGKU descobriu a inaudita acção olygodynamica dos metaes sobre a cellula viva, phenomeno muito mais incomprehensivel do que o da Selenotaxia, bem pouco tardou a sua repercussão no laboratorio dos biologistas e pharmacodynamologos, revelando-lhes a poten-

(1) Professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Membro ordinário da Sociedade de Sciencias Medicas e Naturaes de Heidelberg.



cialidade das doses ultrainfinitesimais (*bacteriotherapia, anaphylaxia, vitaminas, reflexos electrónicos, radioactividade, etc.*).

Em compensação, a influencia das phases lunares sobre o reino animal e o vegetal (*Selenotaxia*) ainda não mereceu o reparo e o estudo dos homens de sciencia, logrando, quando muito, ser assignalada, esporadicamente, por um ou outro observador, menos apegado a preconceitos atavicos de escola.

Aliás, desde remotíssimas éras, em todos os paizes, entre todos os povos, tem perdurado, irreductivel ás contingências do tempo e ao despreso systematico dos centros scientificos, a crença na acção directa ou indirecta da lua sobre o homem, o animal e a planta.

De accordo com repetidas e minuciosas pesquisas, a Biologia contemporânea admite a realidade dos phenomenos heliotaxicos, geotaxicos, galvanotaxicos, anemotaxicos, thermotaxicos, hygrotaxicos, etc.

Consultemos qualquer compendio recente de Cytologia, de Physiologia animal ou vegetal.

Nelles encontraremos excellentes capítulos dedicados a numerosas taxias, excepto á Selenotaxia.

Entretanto, o Pae da Medicina, HIPPOCRATES, e sábios da ordem de ARISTÓTELES, PLÍNIO, PTOLOMEU, PARACELSO, BACON, KEPLER, NEWTON, não trepidaram em affirmar que os astros, e especialmente a lua, podiam exercer influencia sobre a vida animal e vegetal.

Todos os corpos, desde o Electron até ao Homem, obedecem a irreductiveis leis mecanicas, physicas, chemicas e biológicas.

Sem o conhecimento da Physica Geral — essa grammatica de todas as sciencias — na phrase feliz de K. PEARSON, impossível seria dar um passo sequer na criteriologia das sciencias biologicas e chemicas.

Conforme nos assignalam W. MEYER, na sua utilíssima obra *Dio Naturkräfte*, RIECKE no seu notável tratado sobre a Physica experimental (*Experimentalphysik*) e todos aquelles que se entregam ao estudo da Biophysica e Biochimica, a vida do homem, do animal e da planta depende, mesmo nos seus mais delicados phenomenos particulares, das condições astronômicas e astrophysicas, sob cujas influencias se desenvolve.

Ninguém deve ignorar, por exemplo, a poderosa interferencia do sol sobre todos os seres vivos, cujo cyclo metabolico é tributário directo da luz, do calor e das energias electro-ma-



gnéticas oriundas daquelle astro, já não fallando na sua acção sobre todo o reino inorgânico.

Ora, além dessa influencia solar sobre o nosso globo terrestre, não padece duvida que sobre o mesmo devem actuar igualmente por parte dos planetas que fazem parte do nosso systema e constituem os nossos companheiros na viagem atravez do espaço, forças de possivel averiguação experimental.

O movimento da linha dos apcídios, que muda de 10.400 em 10.400 annos, revela-nos perfeitamente tal influencia, a que se attribuem as modificações de cyclo vital da Terra, o levantamento do fundo oceânico, a geotectonica das montanhas, etc.

O estudo das marés não só interessa a oceanographia mas especialmente a astronomia. Já STRABO indicava, ha mil novecentos e quarenta e sete annos, que as marés obedeciam á influencia lunar, observando ainda que as mais fortes coincidiam com as syzigias e as mais fracas com as quadraturas.

Aproveitando as observações de CAISOT (1553) concluiu GALILEU que as marés eram produzidas pela rotação da terra, e BACON a ellas attribuia a configuração geographica dos continentes.

Orientando-se pelas phases lunares, SIMON STEVIN, no ultimo quartel do século XVI, poudé predizer com muita antecedencia as grandes marés, o que também foi ratificado, contemporaneamente por KEPLER, que julgava ser esse movimento rythmico das aguas oceanicas provocado pela attração exercida pelos corpos celestes sobre o globo terrestre.

Admittindo a opinião de DESCARTES, que considerava as marés como effeito de turbilhões aquaticos, o celebre geographo VARENIUS não conseguiu desentranhar o X do problema.

A melhor theoria (ainda hoje accéita como scientifica) foi-nos legada pelo gênio de NEWTON, quando estabeleceu as leis da gravitação universal, positivadas sob o ponto de vista mathematico por LAURIN, EULER e PERNOUILLI, (1738) e afinal proclamadas a titulo de axioma, por EAPLACE (1774).

Se bem que as theorias relativas de EINSTEIN estejam a solapar o conceito newtoniano, ainda remanesce de pé a explicação das marés, de accordo com duas grandes leis:

I — a lei da gravitação (os corpos attraem-se na razão directa das suas massas, e na razão inversa do quadrado da distancia que os separa) ;

II — a lei das interferencias das ondas.

Quer perfilhemos a opinião de PELUEGER (impossibilidade de substituir-se a idéa newtoniana por qualquer outra) ;



quer admitíamos as hypotheses de LESAGE (gravitação corpuscular), de TOMASSINA (gravitação ondular); quer, ainda, acceitamos a gravitação pelo ether, imaginada pela genial CLEMENCE ROYER, cujos trabalhos suggeriram a LARTIGUE a sua mecanica tricinetica; ou concebamos a realidade dos *Quanta* de energia de PLANCK; ainda hoje se ensina que as marés devem ter como factor principal a influencia lunar, nas suas diversas phases.

Não é concebível, portanto, que o nosso geoide se conserve indifferente á influencia não só dos planetas que lhe fazem companhia durante a viagem atravez do Espaço-ttempo, mas também á lua que lhe fica muito visinha.

Ora, o sol e sobretudo a lua, presidem á phenomcnologia das marés, de modo irrefutável, sendo as marés solares muito menos sensíveis do que as lunares. Todos os mezes, durante o novilunio ou o plenilúnio, em syzygias, as marés são mais fortes; durante as quadraturas, muito mais fracas.

Ahi temos um exemplo bem claro da influencia lunar sobre 'o enorme volume das aguas oceanicas, que são attrahidas rythmicamente pela massa do nosso satellite.

A própria crosta terrestre soffre essa influencia.

A' similhaça dos oceanos, e em virtude da rotação diurna combinada com a attracção do sol e da lua, a crosta terrestre apresenta um levantamento e abaixamento quotidianos, analogos ao fluxo e refluxo do mar.

Esse movimento periodico embora não modifique a morphologia geral do géoide, attinge, no equador, a um metro. (Prof. CH. LALLEMAND, do Instituto de França; in *Revue Scientifique*, 1912, pag. 163).

Como seria portanto possível que os organismos vivos, do protozoário ao homem, do protophyta ao motaphyta, se furtassem, por uma excepção paradoxal, á selenotaxia?

Acaso o cytoplasma não constitue o registrador mais sensível das múltiplas reacções physicas, chemicas e vitaes?

Por que a sciencia contemporânea afastaria da discussão os phenomenos da influencia selenotaxica, quando reconhece a realidade da Heliotaxia?

Nada tem de logico essa attitude.

Compulsando as obras de alguns antigos autores vemos que, por exemplo, COLLUMELLA recommendava aos agricultores que não semeassem antes do 25.º dia do novilunio ou do plenilúnio, devendo serem os campos adubados sempre no declínio lunar.



CATÃO, muito competente em economia agrícola, notava que o cyclo lunar tem grande influencia nas colheitas; o mesmo ensinavam ARISTÓTELES, VARRO, PLÍNIO, VIRGILIO, PTOLOMEU, todos unanimes em affirmar que a germinação e o crescimento dos vegetaes dependem em parte da influencia selenica.

O grande BACON — *Doctor admirabilis* — aconselha aos agricultores observem a idade da lua, quando fôr tempo de semear ou de colher.

HIPPOCRATES e GALENO reconhecem a influencia das phases lunares sobre certas moléstias.

O povo, em todas as épocas e latitudes, alheio a preconceitos scientificos e a dogmas de escola, acredita, até hoje, nessa influencia, respeitando tenazmente uma remotíssima tradição, filha directa da experiencia de milhares de gerações.

A' sciencia contemporânea, especialmente á Medicina não cabe o direito de negar aprioristicamente, intolerantemente, certos conceitos de origem popular.

Acaso não é a Medicina filha do empirismo, maxime no domínio da Therapeutica?

Quem lhe tem fornecido até hoje o embrião de notáveis descobertas?

Basta citar a massagem, a heliotherapia, a opotherapie, a hydrotherapia, o emprego das quinas, do aconito, da ipeca, do jaborandy, do guaraná, do opio, da coca, da kola, e, por assim dizer, de todos os medicamentos de origem vegetal.

Ninguém ignora que as arvores, cuja madeira é aproveitada na construcção civil e naval, devem ser cortadas em certas épocas lunares, sem o que o lenho se fenderá, será atacado pelos insectos xylophagos e rapidamente apodrecerá.

O eminente naturalista A. DE SAINT HILAIRE assignala que no Brasil a madeira, cortada antes do novilunio, custa muito a seccar, fendendo-se com facilidade.

SAUER assim explica porque:

"A força ascencional da seiva é muito maior durante a primeira metade do que durante a segunda metade de cada lunação. Eis o motivo pelo qual a madeira, cortada antes do plenilúnio, apresenta um aspecto esponjoso, sendo portanto mais facilmente



atacada pelos insectos; eis a razão pela qual sécca com mais difficuldade e racha com a menor variação de temperatura.

Durante o declínio lunar, pelo contrario, enquanto a seiva se retira, a madeira é mais compacta, mais resistente, servindo para a construcção."

Não ha sertanejo que desobedeça, no Brasil, ao preceito citado pelo grande naturalista francez.

Em França, na Suissa, na Italia, na Allemanha, e em outros paizes da Europa os camponeses affirmam que as couves e as alfaces prosperam, as flores mais bellas se tornam, as fructas são mais precoces e saborosas, quando se planta no declínio lunar.

ARAGO cita o seguinte aphorismò conhecido por todos os jardineiros e agricultores da Europa e da America:

"Se quizermos colher cereaes com proveito, é necessário escolher o tempo da lua cheia, porque, durante o periodo que precede essa phase, (periodo do crescente) os grãos augmentam notavelmente de volume."

Naturalmente, certos espiritos, apegados a formulas ankylosadas no mais irreductivel agnosticismo biologico, manifestarão immediata repugnancia em acceitar a realidade de semelhantes phenomenos.

— Será possivel que na época hodierna alguém ainda ouse acreditar em influencias lunares? Sobre ser anachronico, é anti-scientifico.

Desvia-se da verdade quem assim pensar, porque a selenotaxia nem é anachronica nem antiscientifica.

Observemos os phenomenos de Phytohydraulica.

Está hoje demonstrado experimentalmente que ha uma continuidade de filetes de agua, desde a zona basilar até ao cume das arvores.

Essa continuidade manifesta-se por meio de filetes de agua ininterruptos, embora alguns autores acreditem na interferencia das cadeias de JAMIN (alternatividade de bolhas de ar e de meniscos de agua), o que, mesmo admittido, não lógra destruir essa continuidade, desde que cada menisco se acha em contacto com o

antecedente ou o precedente, por intermedio de uma minúscula massa d'agua cylindrica.

Se as folhas são capazes de sugar a agua, é pelo facto da cohesão que possuem os filetes de agua, cohesão que não pôde ser destruída pelos choques.

Já se tem medido a enorme tensão supportada por esses filetes de agua: 7 atmospheras.

Cumpre notar que o caminho percorrido pela agua nos troncos dos eucalyptos e das sequoias, que ultrapassam cem metros de altura, é considerável.

Para que se possa avaliar a resistencia á agua, que apresenta, por exemplo, o lenho das coníferas, é necessário fazer actuar uma columna de agua igual a cinco vezes o comprimento do systema conductor.

Logo, numa arvore de 40 metros de altura é mister vencer-se uma resistencia de 20 atmospheras e numa de 80, o dobro.

No que diz respeito á pressão osmotica das folhas, essa varia extraordinariamente: 5 a 20 atmospheras.

D'ahi a difficuldade de ser unicamente outorgada ás folhas o poder de hydrosucção.

Realmente, o lenho das grandes arvores apresenta formidável resistencia á circulação rapida da agua, resistencia muito superior á energia capaz de ser produzida pelo osmodynamismo das folhas.

Por consequência, deve intervir, necessariamente outra força.

Por que motivo não actuaria, no caso, a força attractiva da lua, cuja energia pode suspender a massa colossal das aguas oceanicas até á altura de 21 metros, como na bahia de Fundy (Nova Escossia) ?

Ainda nenhum phytophysiologista se lembrou de estudar a selenotaxia no reino vegetal, quando tão numerosos têm sido os trabalhos sobre a heliotaxia, a geotaxia, a galvanotaxia, a rheotaxia, a chimiotaxia, a barotaxia, etc.

Que a selenotaxia existe, não ha duvida alguma.

Os cortadores de arvores, os horticultores, o povo dos campos, de ha muito lhe reconhecem os effeitos.

Passemos ao reino animal.

Certos crustáceos (*Palinurus vulgaris* L.; *Homarus vulgaris* L.; *Astacus fluviatilis* Fabricius, etc.) são mais volumosos durante o quarto crescente do que durante o quarto minguante.



Nos animaes mortos durante o quarto crescente ha maior quantidade de medulla nos ossos. (ARAGO)

No sul da França e na Hespanha aífirnam os camponezes que os ovos chocados no inicio da lua nova dão maior percentagem de pintos do sexo masculino.

Acreditam ainda que, a lua, no mingunte, produz fêtos do sexo feminino.

SOLLEYSEL declarava, no seu *Parfait Marechal*, que as vacas, jumentas, éguas, cabras, ovelhas, etc. fecundadas durante o quarto crescente produzem somente machos.

E para que não duvidassem da sua asserção, escrevia: "pela experiencia tereis a prova, -que nunca falhará."

Ha no Brasil uma crença arraigada de que os vermífugos não devem ser applicados em certas phases lunares.

Sabemos que certos parasitos intestinaes, (*Ascaris*, *Tenias*, *Uxyurus*, *Ancylostomus* etc.) apresentam maior vitalidade durante o novilunio, de modo que os medicamentos antihelminthicos devem ser empregados no quarto mingunte, sendo o seu effeito mais efficaz.

Na minha clinica tenho verificado que não é de todo destituida de fundamento essa praxe tradicional.

A acção helminthifuga do *Chenopodium*, por exemplo, é muito mais rapida e positiva, quando applicado durante o declínio lunar.

Diversos collegas têm observado o mesmo facto, muito fácil de verificar-se.

Outra crença popular, que também não me parece absurda nem pueril: a da recrudescencia de certos symptomas nas moléstias dhronicas (rheumatismos, eczemas, asthmas, dyspepsias, etc.) em certas épocas lunares.

Fatalmente um sorriso de desdem sublinhará estas linhas, por parte de alguns collegas:

Entretanto, nada mais fácil do que estudar-se nos laboratorios a influencia selenotaxica, observando liquidos pathologicos, índices erythro e leucocytarios, etc. durante as phases lunares.

Quem terá a coragem de iniciar taes experiencias, á primeira vista temerarias?

Alguns autores, como VERGNES, admittem que o nosso satellite emette certas irradiações electro-magneticas, do mesmo modo que o sol.

Actuariam em geral sobre os liquidos orgânicos, taes como



a lymph a e certas secreções glandulares (do corpo thyroide e ovários).

Entre os systemas e aparelhos susceptíveis de serem influenciados pela selenotaxia encontram-se o systema nervoso, especialmente o cerebello, o aparelho digestivo, o aparelho genital e o systema cutâneo.

Os ovários congestionam-se no momento em que os ovulos attingem a maturidade, o que coincide com certas phases lunares.

Adenites e fibromas augmentam de volume durante o plenilúnio.

Crises gastricas (vomitos, diarrhéas, gastralgias) exarcebam-se durante esse mesmo periodo.

Não se pode negar a selenotaxia nos loucos, maníacos, delirantes, agitados, epilepticos, etc.

O qualificativo de lunático tem sido, de longa data, applicado, pela experiencia popular, aos doentes das faculdades mentaes.

VERGNES cita o caso de um degenerado dysomaniaco, cujo caracter se transformava de modo notável por occasião do plenilúnio.

Ha certos nevropathas que se queixam de insomnias, máu estar, somno interrompido por pesadellos, durante a lua cheia. Neuralgias e enxaquecas ha, que coincidem com certas phases lunares.

A leitura dos antigos tratados de medicina, a cada passo nos revela interessantes observações ácerca da influencia lunar sobre diversas moléstias.

GALENO acredita que as mudanças symptomaticas no decurso das moléstias se patenteiam especialmente durante as conjuncções lunares, decrescendo de intensidade por occasião das opposições e das quadraturas.

Na epilepsia, os accessos augmentam de violência no inicio de plenilúnio (lunáticos).

F. HOEEMANN, SAUVAGES, BRUGES citam nas suas obras grande copia de exemplos, demonstrando que os accessos epilepticos são mais frequentes durante o plenilúnio.

Tu. BERTHOLIN descreve-nos o caso de uma joven epileptica, que apresentava no rosto varias manchas, cuja côr e cujas dimensões augmentavam ou diminuía segundo as phases lunares.

KERSCHINGRINS publicou um estudo muito curioso sobre uma senhora, de rosto sempre formoso durante o plenilúnio, mas, que, logo no quarto minguante, apresentava modificações extraordinárias: olhos, bocca, nariz como que se confundiam, no mesmo edema.

A' medida que se approximava o plenilúnio, esse edema ia desaparecendo progressivamente, até que o rosto recuperava a regularidade e a belleza primitivas.

Ha um caso egualmente digno de reparo, nas observações de BAYLISE: um rapaz portador de uma fistula intestinal, na região do figado, sentia fortíssimas dores durante o quarto crescente, evacuando essa fistula, nesse periodo, grande quantidade de pús, ao passo que, no quarto minguante, quasi que desapareciam semelhantes symptomas.

SANCHIURIUS garante que conheceu diversos indivíduos, cujo peso augmentava de 1 a 2 libras no começo do mez lunar, perdendo-as em seguida.

MEAD tratou de uma joven, atacada de Choréa, cujos paroxysmos coincidiam com o plenilúnio.

Também durante esta phase lunar ROBERT BAYLE observou em muitos doentes fortíssimos accessos de cephalalgia; CHARLES LEPOIS — congestões cerebraes; WEPEER — enxaquecas e apoplexias fulminantes.

Em asthmaticos, VAN HELMONT, PLOYER e FRANGERI assignalaram coincidências entre os paroxysmos e os periodos lunares.

Hemoptysis e epistaxis, na opinião de MUSGRAVE, ARCHAMBAULT e PITTEARN, aggravam-se conforme as phases do nosso satellite.

E' crença popular, nos paizes tropicaes, que a lua exerce certa influencia na marcha do paludismo, o que foi também assignalado por diversos tropicopathologistas, taes como GLEGORN, JACKSON, LIND e BALEOUR.

Durante a epidemia da peste negra em Noyen, DYEMER-HOROECK verificou que os casos eram mais frequentes quando se approximavam o novi e plenilúnio.

VERGNES solicita a attenção dos dermatologistas para a influencia da lua sobre os eczemas, herpes, psoriasis, erythemas pruriginosos, trophonevroses, etc.

Acaso não seria de bom aviso inaugurar-se o capitulo da Selenotaxia nos tratados de Biologia?

Andariam errados todos os antigos clínicos que aceitavam as influencias lunares sobre o homem, em estado hygido e moribido?

Consultando-se os poeirentos alfarrabios médicos, que ninguém mais lê, verificamos que era praxe a applicação dos vermífugos durante o quarto crescente, o mesmo acontecendo quando se dava o enxofre ao sarnento.

Para tratar o bocio, a esponja calcinada era receitada antes do quarto crescente.

Os purgativos e as sangrias igualmente obedeciam ás indicações lunares.

Não sublinhemos com riso ironico ou sceptico semelhantes precauções.

A pharmacopraxia dos metacs colloidaes já nos demonstrou não ser bruxaria a manipulação do ouro potável;

o estudo das glandulas endocrinicas resuscitou a millenar theoria humoral de HIPPOCRATES;

os reflexos electrónicos de AURAMS revelam-nos o segredo dos *sourciers* e a polaridade humana, que os esotericos admit-tiam antes dos Pharaós;

as descobertas de EINSTEIN remodelando toda a physica geral, andam derribando muitos e muitos idolos, até bem pouco tempo thuribulados pelos concilios universitários;

as maravilhosas propriedades dos raios X; das emanações do Radium que justificam as atrevidas hypothèses da Alchimia relativas á transmutação dos corpos; das ondas de HERTZ a orientarem as descobertas de BRANLI e MARCONI; dos medicamentos optherapicos; da sorotherapia; da bacteriotherapia; os progressos da Metapsychica; o valor das vitaminas na phenomenologia do metabolismo; as revelações da anaphylaxia; em suma, todas as descobertas e invenções modernas denunciadas pelos mais respeitáveis sábios como absurdos e utopias, taes como a rotação do geoide, os meteorolithos, o galvanismo, a circulação do sangue, a vaccina jenneriana, a ponderabilidade da luz, o para-raio, a photographia, a espectroscopia, a polarisação, a cinematographia, o phonographo, o telegrapho sem fio, a radioactividade universal, a electronologia, a helice, o vapor, as ferrovias, a pharmacodynamica positiva, etc., etc.;

tudo isso nos ensina, a todo o instante, que o impossível pode de repente transformar-se em insophismavel realidade, embora contra a colligação universal dos rabbinos da sciencia officializada.

Quem sabe se a verificação experimental da Selenotaxia não viria também rasgar-nos novos horizontes no dominio da Biologia, desentranhando o X de alguns problemas?

Abi fica a sugestão.

Bahia, Agosto de 1922.





LIGEIRA CONTRIBUIÇÃO PARA A TERMINOLOGIA FLORESTAL

ED. NAVARRO DE ANDRADE

A

Aceiro. Rua, caminho ou picadão aberto nas mattas ou no seu perímetro para evitar a propagação do fogo, servindo também para a sua divisão em talhões ou parcelas e como meio de comunicação e de transporte. *Atalhada.*

Affectação. Divisão ou parcella da matta destinada a ser explorada dentro de um determinado periodo.

Alto-fuste. Chamam-se mattas de alto-fuste as que são formadas por arvores provenientes de sementeira e com regeneração também por sementeira, destinadas a produzir madeiras de grandes dimensões. (Em francez: *Futaie*; inglez: *high forst*; italiano: *fustaia*; hespanhol: *monte alto*).

Andares. Verticilos de ramos, a que também se dá o nome de *norças* e *vergadas*.

Ante-duma. E' a defeza construída contra novas invasões de areia e que serve de abrigo ás sementeiras para a arborização e fixação das areias moveis.

Arbusto. Vegetal lenhoso, até 5 metros de altura, geralmente ramificado desde a base e linhifeito em toda a sua extensão.



Arrancas. Primeiras e mais fortes ramificações das arvores.
Pernadas.

Arrife. Aceiro de segunda ordem e estreito, que corresponde á nossa *picada*.

Arvore. Planta lenhosa, de tronco simples e elevado, vivaz.

Arvores de luz e de sombra. As primeiras são as que necessitam de muita luz para viver e prosperar e ás quaes é prejudicial a sombra ou concorrência de outras arvores; as ultimas, ao contrario, precisam de abrigo para melhor vegetar e, geralmente, só prosperam sob o coberto de outras essencias. Como exemplo das lucivagas poderemos citar os carvalhos, em geral, e os eucalyptos; entre as de sombra, citaremos a faia e o cedro brasileiro.

O sr. Candido de Figueiredo, no seu livro "Falar e Escrever", concorda com um seu consulente em que ás primeiras se dê a denominação de *arvores de soalheira* e ás ultimas a de *arvores de nmbria*, concordando também, e erradissimamente, em que aquellas são as de copa muito aberta, que deixam passar o sol até o terreno, e estas as de copa fechada. E, pimponamente, accrescenta que não ha muito que objectar!...

Em França, alguns autores preferem denominar *delicadas* as arvores de sombra e *robustas* as de luz, talvez por ser de origem allemã a primeira designação, hoje universalmente adoptada.

Arvore-mãe. Ou porta sementes. Como o seu nome indica, arvore reservada para a producção de sementes. *Sementão.*

Atalhada. O mesmo que aceiro, ou picadão.

B

Balisa. Arvore mantida de pé, após o cóрте do massiço de que faz parte, afim de produzir mais tarde madeira de construcção, ou peças de grandes dimensões. Chama-se também *brasão*, *reserva*, ou *páu-real*. Quando se reserva com o fim especial de produzir sementes, toma o nome de *arvore-mãe*, *porta-sementes* ou *sementão*. (Em francez: *baliveau*; inglez: *standard*-, italiano: *riscrve*)

Balisaffem. Escolha e marcação de *balisas*.

Bastio. Massiço constituido por indivíduos novos, ainda guarneccidos de ramos desde a base. (Em francez: *gaulis*; italiano: *perticaie*).



Bicada. Conjunto da rama da arvore abatida, depois de separada do fuste.

Bosque. Arvoredo basto e de regular extensão.

Branqueamento. Descasque da arvore depois de abatida.

Brasão. Balisa, reserva ou páu-real.

Broto. Planta proveniente de uma touça. *Vergontea, rebento* ou *renovo*. (Em francez: *rejet*; inglez: *stoolshoot*; italiano: *polloni*; hespanhol: *brote, retôno*).

C

Cabeça. Conjunto de todas as ramificações do tronco. *Copa.*

Calva. Pequena área desprovida de arvores dentro de um povoamento ou massiço. *Clareira.*

Capado. Arvore de pé, sem copa ou cabeça. *Tocha.*

Capão. Matta ou massiço, geralmente de pequena extensão, circumscripto por campo limpo.

Capoeira. Matta reconstituída pela rebentação das touças das arvores que formavam a inatta primitiva, ou virgem. Abandonada a si mesma e, em condições favoraveis, torna-se em poucos annos *capoeira alta* ou *capoeirão*. A vegetação que a constitue pode differir inteiramente da primitiva, o que se explica facilmente pela destruição causada pelo fogo, que geralmente segue a derrubada da matta-virgem, das touças das arvores ou essencias de maior valor, que são também as de desenvolvimento mais lento. Mesmo sem a acção do fogo, pode dar-se aquella differença, porque os brotos das essencias de menos valor, de rápido crescimento, abafam os rebentos das madeiras melhores.

Castinçal. Matta ou povoamento de castanheiros bravos.

Castinceira. Touça de castanheiro bravo.

Catanduva. Matta de pequeno porte e ruim, em geral, de vegetação fechada. *Cerradão.*

Catinga. Matta baixa e rala, cobrindo terras arenosas, fracas ou estereis.

Cepa. E' a parte da arvore a que se cortou o caule e que fica no sólo. *Touça* ou *touceira*. (Em francez: *souche*; inglez: *stool*-, italiano: *ccppaia*; hespanhol: *cepa*).



Ccrradão. O mesmo que *Catanduva*.

Cerrado. Espécie de *Catinga*, com maior quantidade de plantas herbáceas, de árvores mais baixas e contorcidas ainda, com vegetação alta pouco abundante e muito espaçada.

Clareira. O mesmo que *calva*.

Coberto. Superfície foliacea das árvores, ou assombreamento maior ou menor com que a folhagem abriga o terreno. (Em francez: *couvert*; inglez: *crown*; italiano: *chioma*).

Colmeeiras. Incrustação de resina nas madeiras abatidas.

Compasso-florestal. Instrumento para a medição do diâmetro das árvores. *Craveira*.

Contra-fogo. Fogo lançado em opposição a um incêndio na mata, para impedir a sua propagação.

Conversão. Transformação do processo de exploração de um *talhadio simples* em *talhadio composto*.

Copa. O mesmo que *cabeça*.

Corilqueira. Árvore danificada pelo raio, geralmente morta.

Coroa. Parte superior da copa, 011 da árvore, constituída pelos ramos terminaes, seccos.

Côrte. Acto ou effeito de cortar árvores, massiços ou matas. Quanto ao seu fim, os cortes podem ser de: *limpeza*, *melhoramento* ou *regeneração*. Em relação ao processo podem ser: *à rasa*, *rasos* 011 a *eito*: *salteados*, *alternados* 011 *jardinatórios*.

Coruto. Embora se empregue, às vezes, para designar a copa, a sua verdadeira accepção é a de rebento terminal da árvore. *Flêcha*, *galocha* ou *guia*.

Conrella. Derrubada ou *côrte* velho e vasio, que corresponde mais ou menos, á nossa *roça*.

Covato. Monte de matto coberto de terra, a que se lança fogo, para limpeza dos massiços, de modo a arder sem levantar chamma, espalhando-se depois as cinzas pelo terreno. *Moreias*. (Em francez: *ecobuage*).

Craveira. O mesmo que *compasso-florestal*.



D

Decótc. Corte dos brotos ou rebentos das touças*

Derrote. O mesmo que *decôte*.

Derrama. Operação que consiste na supressão artificial, até certa altura, dos ramos de uma árvore viva. Pode ser feita com o intuito de aumentar o valor da árvore *derramada*, para melhor aproveitamento do fuste, ou para dar luz e espaço às árvores do massiço. (Em francez: *élagage*).

Desbaste. E' a operação que consiste em supprimir num massiço um certo numero de árvores, de modo que as que se reservam fiquem com bastante desafogo para melhor vegetar.

Os desbastes podem ser: *moderados*, *normaes* e *fortes*. *Salpique.* (Em francez: *éclaircie*; inglez: *cleaning*; italiano: *dirdamento*).

Desbrota. Desbaste praticado nos brotos ou rebentos das touças. *Monda.* Este ultimo termo, usado em Portugal, parece-nos pouco feliz por já designar outra operação agrícola, inteiramente differente.

Descabeçar. Separar, nas árvores abatidas, a *cabeça* ou *copa*

Despontar. O mesmo que *descabeçar*.
do *tronco* ou *fuste*. (Em francez: *etéter*).

Duna. Densas massas de areia, provenientes, em geral, da desagregação das rochas da beira mar, arremessadas á praia pelas marés. *Medão.*

E

Essência. Em sylvicultura, *essencia* é synonymo de especie botanica. As essencias florestaes dividem-se em *folhosas* e *resinosas* ou *resiníferas*, pertencendo as primeiras á classe das Angiospermas-dicotyledoneas e as segundas á classe das Gymnospermas.

Bxplorabilidade. E' a base do tratamento de uma floresta 011 matta. Pode ser *physica*, *absoluta*, *relativa* e *composta*.

F

Flecha. O mesmo que *coruto*, *galocha* e *guia*.

Floresta. Ou matta é a reunião de vegetaes lenhosos de grande porte, da mesma ou de differentes essencias, e que não estão sujeitos da parte do homem a cuidados individuaes de tratamento. E' termo generico para qualquer terreno plantado de árvores sylvestres de extensão considerável.



Folhedo. Parte superior do solo das mattas, formada pela acumulação de detritos orgânicos, folhas, raminhos, fructos etc. *Manta, cobertura, folhada* ou *camada humifera*.

França. O conjunto das ramificações menores da copa.

Fustadio. E' o estado do povoamento ou massiço em que os caules das arvores têm, pelo menos, dez centímetros de diâmetro junto ao solo. Distingue-se em *baixo* e *alto fustadio*, segundo as arvores têm 0,m10 de diâmetro ou mais, até 0,m20. A partir desta ultima dimensão, toma o nome de *alto-fuste*. (Em francez: *perchis*; inglez: *pole-forest*).

Fuste. A parte do tronco desprovida de ramos, ou a parte compreendida entre o sólo e as *arrancas*, ou *pernadas*.

G

Galocha. O mesmo que *flecha, coruto* e *guia*.

Gemmagem. Extracção da *gemma*, ou resina dos pinheiros e que também se poderá applicar á extracção do látex das arvores borrachiferas. *Resinagem, sangria*.

Guia. O mesmo que *coruto, flecha* e *galocha*.

J

Jardinagem. Processo de exploração que consiste em cortar em diversos pontos da matta ou massiço, salteadamente, as arvores que chegaram á idade da sua explorabilidade. *Cortes salteados* ou *jardinatorios*.

M

Machio. Arvore que, devido a qualquer accidente na vegetação, ficou rachitica, enfezada, com folhagem curta e encrespada.

Manta. O mesmo que *camada humifera, folhada, folhedo* ou *cobertura*.

Marca. Signal impresso nas arvores cortadas ou por cortar, por occasião do inventario dos cortes.

Martello-florestai. Instrumento com que se fazem as marcas nos inventários dos massiços.

Massiço. Dá-se o nome de *massiço* ao povoamento em que o terreno é occupado por um numero de arvores, geralmente



proporcionado á sua fertilidade, inteiramente coberto pelas copas. Arvoredo basto e fechado, sem clareiras ou calvas.

Matta. Termo generico para qualquer terreno com arvores sylvestres, de alto fuste, qualquer que seja a sua extensão e modo de tratamento.

Moita. Reunião de *vergontcas* ou *rebenções*. (Em francez: *recru*).

Montado. Mattas de sobreiro (*Quercus suber*, L) ou azinheiras (*Q. ilex*, L).

Moreia. O mesmo que *covato*.

Muda. Planta enraizada, nova, prompta para a plantação definitiva. (Em francez: *brin*; inglez: *seedling*).

N

Nascediça. Arvore proveniente de sementeira, ou producto da reproducção sexuada. *Novcdilho.* (Em francez: *brin de semence*; inglez: *seedling*).

Nasccdio. Primeira phase de desenvolvimento dos povoa-mentos, de pouca idade. *Novedio.* (Em francez: *fourré*; inglez: *thicket*; italiano: *novcletti*).

Norça. O mesmo que *andar* e *vergada*.

Novcdilho. O mesmo que *nascediça*.

Novedio. O mesmo que *nasccdio*.

O

Ordenamento. Methodo ou conjunto de preceitos a seguir no tratamento e exploração das mattas.

P

Parcella. Divisão da matta. *Talhão.*

Periodo. Serie ou divisão do *turno* de exploração.

Pernada. O mesmo que *arranca*.

Picada. O mesmo que *arrife*.

Picadão. O mesmo que *aceiro*.

Porte. Aspecto physico das arvores.



Possibilidade. Quantidade de madeira a explorar periodicamente, ou quantidade de productos lenhosos que se tiram anualmente das mattas. Pode ser feita: por *extensão* e por *volume*.

Povoamento. Reunião de grande numero de arvores em um todo limitado, da mesma natureza e independente, que constitue o objecto de um tratamento e de uma exploração florestal.

Q

Quadros. Folhas de côrtes de pequena extensão.

R

Rapão. Camada superficial do solo da matta (*folhada*) rica em matéria organica. *Sarapilheira*.

Rebentão. E' a planta proveniente da rebentação, ou brotação de uma raiz. (Em francez: *dragcon*; inglez: *sucker* ou *rootsucker*; hespanhol: *vástago*).

Rebento. O mesmo que *broto*.

Recepagem. Operação que consiste em cortar as arvores junto ao sólo. Feita a cerca de um metro acima do chão, toma o nome de *rolamento*.

Regimen. Methodo de cultura ou de exploração a que está sujeito um massiço, ou matta.

Renovo. Genericamente, o mesmo que *broto* ou *rebento*; na sua verdadeira accepção, designa a ramificação ainda herbacea, no anno em que sahiu do *botão* ou *gomo*.

Reserva. O mesmo que *balisa*, *brasão* ou *páu-real*.

Resinagem. O mesmo que *gemmação* ou *sangria*.

Retancha. Replantas das falhas de plantações geralmente ainda novas. *Retanchôa*.

Revolução. Espaço de tempo que medeia de um côrte a outro na matta, ou lapso de tempo comprehendido entre dois cortes successivos no mesmo massiço, ou matta. *Turno*, *rotação*.

Rolamento. Vide *recepagem*.

Rotação. O mesmo que *revolução* ou *turno*.



S

Salpique. O mesmo que *desbaste*.

Sangria. O mesmo que *genunagem* ou *resinagem*.

Sartagem. Processo de exploração em que, após cada córte, nas talhadias, se faz urna cultura intercalar, geralmente de cereaes ou leguminosas, durante um ou dois annos, queimando-se previamente os ramos seccos, folhagens, etc.

Secção. Grande divisão da matta, comprehendendo mais de um talhão ou parcella, sob diversos regimens de exploração.

Sementão. O mesmo que *arvore-mãe* ou *porta-sementes*.

Souto. Matta de castanheiros..

Subosque. Conjunto de vegetação herbacea e lenhosa que cresce sob o coberto da matta. O Sr. Candido de Figueiredo, respondendo a um consulente, disse-lhe que achava tolerável o *neologismo*, por ignorar que este termo fôra empregado, em 1813, por José Bonifacio de Andrada e Silva, e, em 1875, pelo notável sylvicultor portuguez Sr. Carlos A. de Souza Pimentel.

Sylvicultura. E' a sciencia que tem por objecto o estudo e exploração das mattas. Distingue-se da *arboricultura*, que também estuda e explora vegetaes lenhosos, por applicar processos e tratamentos collectivos, a grandes parcellas, ou massiços, ao passo que a ultima tem para cada individuo cuidados especiaes, taes como a enxertia, a poda, etc.

iMuitos autores querem fazer repousar esta distineção na natureza dos productos fornecidos por uma e outra, dando áquella a madeira e a casca e a esta os fructos; mas neste ponto a differenciação não é perfeita porque ha mattas que também fornecem, como producto principal, os fructos, taes como os azinhaes, soutos excertos coqueiraes. Mattas ha em que o producto principal é o látex, como se dá nos nossos seringaes.

T

Talhadia. Ou *talhadio*. Chamam-se mattas de talhadia as que são constituídas por touças e cuja regeneração se funda na faculdade que têm certas essencias de se reproduzir por meio de *vergonteas*, *brotos* ou *rebentões*. A *talhadia* pode ser *simples*, ou propriamente dita, e *composta*, o que representa uma forma de transição entre os dois principaes processos de exploração, e



toma, então, a designação de *fuste sobre talliadia*, em que as arvores de tronco alto e ramificado a grande altura têm preponderância sobre as de touça e constituem a parte mais importante do povoamento. (Ern francez: *taillis*; inglez: *coppice*; italiano: *ceduo*; hespanhol: *monte bajo*).

Tanchão. Parte lenhosa de uma planta, desprovida de raiz, que serve para a sua reprodução. *Estaca*. Vulgar e erradamente denominada *galho* no nosso paiz. E' o *layer* dos inglezes e a *taléa* dos italianos.

Testa. Designação dada ás vergontees das touças da segunda *dc*sbrota.

Tocha. Parte do tronco que fica de pé nas arvores partidas, ou arvore de que resta apenas o fuste. E' a *quille* ou *chandelier* dos francezes.

Toco. O mesmo que *touça*, na sua verdadeira accepção. No nosso paiz designa também as *tochas* e assim, nos contractos de derrubadas, é commum estipular a altura a que devem ficar os tócos a 12, a 15, a 20 palmos.

Toro ou *tóra*. Tronco de arvore abatida, serrado e ainda com casca. (Em francez: *grume*; inglez: *log*).

Touça. O mesmo que *cepo* e *touccira*.

Tremedal. Pôça d'agua ou lagôa recoberta por tenues camadas de areia, junto aos areaes e dunas das costas, dando-lhe a impressão de certa consistência. As areias transportadas pelo vento vão cahir sob a forma de chuva meúda e sem attricto algum na superficie tranquilla daquellas aguas; sobre ellas se conservam em equilibrio, formando uma pequena abobada, que serve de sustentáculo a novas camadas e assim successivamente, adquirindo uma espessura capaz de illudir o viandante incauto.

Em Portugal chamam-lhe também *olheiro*.

V

Varolas. Productio obtido nos desbastes dos *bastios*.

Varoleiro. O mesmo que *fustadio*.

Vergada. O mesmo que *andar* e *norça*.

Vergontea. O mesmo que *broto*, *rebento* e *renovo*.

Rio Claro, Novembro 1922.





CAIO DE MELLO FRANCO

SONHO

*^OIVBS... e em tua vida inquieta ou mansa,
Cheia de gloria, ou de incerteza cheia,
Constróes teu sonho erguido na esperança,
Tanto mais frágil quanto mais se alteia...*

*Depois, fio subtil, na ignota teia
Teu pensamento pelo espaço avança...
Mas tem a indecisão e a semelhança
De passos fugitivos pela areia...*

*Julgas que crês e a duvida te esmaga/
Ardes, deliras', tudo inutilmente,
Pois, do incêndio interior que se propaga,*

*Fica-te apenas, quando o sonho passa,
Um punhado de cinza inconsistente
B uma reino ta sombra de fumaça..*



S. FRANCISCO DE ASSIS

*Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã
a Morte corporal.*

(O CÂNTICO DO SOL)

*Ês o gênio do Amor, na natureza.
Teu irmão Sol te aquece e te illumina...
Sc é noite, Soror Lua crystallina
Desfaz-se em ouro, toda em ouro accesa...*

*Se vens, diz a creatura que se inclina,
Livre da rude pena e da tristeza:
"Bem dita sejas tu, alma indefesa,
Pastor da gente humilde e pequenina!"*

*E o teu rebanho vae... Não se desgarra
Nem uma ovelha só! Seguem-te, graves,
Teu irmão lobo e tua irmã cigarra...*

*Morto, a tua alma a Deus ascende, agora,
E te acompanham, tremulas, as aves,
Num coro immenso, pelo espaço a fora.. .*



ALEXANDRE DE GUSMÃO ✧

FERNANDO NOBRE

*O avô dos diplomatas brasileiros — O Tratado de 1750
— A "Instrução" de 1751, para a demarcação de
limites — Os marcos fincados.*

Foi Alexandre de Gusmão "o avô dos diplomatas brasileiros", como bem cognominou consciencioso escriptor da nova geração nacional. (2)

Nono filho de Francisco Lourenço Rodrigues, cirurgião-mór do presidio da então Villa de Santos, e de D. Maria Alvares, também natural da mesma villa, aqui nasceu em 1695, tendo seguido para a corte de Lisboa, em 1710, afim de proseguir em seus estudos sob o patrocínio de D. João V.

Por esse tempo, havia grangeado grande reputação na Corte o padre Bartholomeu de Gusmão, "o voador" — irmão mais velho de Alexandre.

Pelo que ahí está dos nomes paternos, vê-se que o sobrenome *Gusmão* foi uma simples adopção feita pelos filhos dessa familia, explicando-se a origem disso pelo facto de chamar-se

(*) ! Consultem-se "*Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatísticos e noticiosos da Provincia de S. Paulo*" tom. I, pag. 7. Noticia sobre "*Os Gusmões*" dos Srs. Lellis Vieira e Affonso A. de Freitas, no "Estado de S. Paulo" e no "Correio Paulistano".

(2) Dr. A. G. Araujo Jorge — "*Ensaio de Historia e Critica*" Rio de Janeiro, 1916, obra esta de que muito nos aproveitámos neste capitulo.



também Alexandre de Gusmão o jesuíta que foi padrinho e mestre do nosso biographado.

Findo o seu curso universitário na tradicional Coimbra, Alexandre de Gusmão doutorou-se em leis (1), sendo nomeado secretario da embaixada extraordinaria de Portugal em Pariz. Ahi permaneceu durante cinco annos, intelligentemente aproveitados na aprimoração da cultura do seu espirito de escól. Talhára-se, então, em molde lapidar, para o descortino dos vastos horizontes que o seu talento abrangia na politica e no mundanismo da cõrte e da diplomacia, bem como no ambiente acadêmico que soube frequentar.

Em 1720, um novo scenario se lhe extendia entre os refulhos das purpuras cardinalicias. E' que, conquistada a cõrte de D. João V e seduzido o Rei pelo encantamento fidalgo com que o jovem diplomata revestia o seu saber e as demais qualidades de que era dotado, foi elle, logo ao regressar de Pariz, enviado para destrinçar no Vaticano os mais delicados assumptos que affectavam a Corõa.

Soube haver-se de tal arte, e com tanta destreza esgrimiu contra a insidia tortuosíssima com que os cardeaes entravavam as pretensões lusitanas, que, conseguindo absorver as sympathias daquelles subtis negociadores, attingiu a sua méta com o triumpho completo da missão que levava.

Aproveitou-se ainda da oportunidade e, rivalisando com o titulo de rei "*Catholico*" concedido aos monarchas de Hespanha, conseguiu, ao mesmo tempo, o titulo de "*Fidelíssimo*" para os reis de Portugal. Além disso, o Papa Benedicto XIII, encantado pela nobreza de Alexandre de Gusmão, fez-lhe a honrosissima offerta do titulo de Príncipe Romano.

Era tão alta esta distincção que, movida a inveja nos bastidores do paço, D. João V teve de recusar o consentimento preciso para que o seu notável e querido representante acceitasse semelhante honra e tão rara mercê papal.

Esse triste procedimento denota, apenas, a miséria espiritual dos cortezãos enciumados, cujo augusto intellecto não podia conceber que ao "*brasílico*", como o appellidavam, coubesse a "*alteza*" de um "*príncipe*" — tratamento esse que, aliás, lhe condizia mais do que a nenhum outro, pois derivava dessa genuína nobreza proveniente do supremo dom que é o talento. Mas Alexandre de Gusmão formava, por si só, uma casta á parte. E antes assim. Sem o titulo, menos se confundiria com os outros...

(1) Arthur Goulart — "*Estudo literário biographico*" Rev. do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo — Vol. 2, pag. 221.



Predicado consequente do seu alto valor era a sua modéstia.

Quanto a esse vulto pouco vulgar, Camillo Castello Branco, sempre tão acre na apreciação dos Brasileiros, referindo-se às suas notáveis cartas, concisas e penetrantes como candentes espinhos, dizia que ellas se incorporaram definitivamente á Historia de Portugal. E accrescentava: "Na esperteza da observação, na solercia da critica, para quem antepõe estudos sociologicos a perluxidades linguisticas, o Secretario de D. João V excede Antonio Vieira e D. Francisco Manuel de Mello". (1)

E é ainda o mesmo castiço Camillo quem, alludindo a Alexandre de Gusmão, affirma: "Na sagacidade e lucidez de fino sentir foi o mais avançado espirito do século". Desfazendo nas reformas do Marquez de Pombal, tem¹ elle oportunidade de fazer a seguinte referencia: "Todas as encomiadas providencias de Sebastião de Carvalho, acerca da moeda, das companhias na America, das colonias, das industrias nacionaes, das abnoxias distincções entre christãos novos e velhos, das minas do Brasil, encontram-se nos escriptos de Gusmão." "Ser-me-ia agradavel tarefa confrontar o plagiato não só na essencia das providencias, mas até na fôrma. Não o faço com o justo receio de que o meu paiz não tenha dez caturras que me agradeçam o inútil serviço. Se os ha, esses que cotejem oâ escriptos geniaes de Alexandre de Gusmão com as jactanciosas rapsódias de Sebastião de Carvalho". (2).

Eis o insuspeito paralelo traçado entre o "*brasillico*" diplomata e um dos maiores homens de estado que Portugal produziu.

E, ainda, lembrando o que o mesmo Camillo escreveu sobre Alexandre de Gusmão, é justo alludirmos ao seu interessante capitulo — "*As jóias de um ministro de D. João V, no prego*". (3).

(1) "*Curso de Litteratura Portuguesa*", por José Maria de Andrade Ferreira e Camillo Castello Branco. Lisboa, 1875. Cap. XI, Tomo II, pags. 136-165.

(2) Camillo Castello Branco — "*Perfil do Marques de Pombal*", 2.^a ed., Porto, 1900, pags. 96-101.

(3) "Este ministro era Alexandre de Gusmão. Nasceu no Brasil, em Santos, província de S. Paulo, por 1695, e falleceu em Lisboa, em 1753. Foi Cavalleiro professo na ordem de Christo; fidalgo da Casa Real; secretario particular de D. João V — o devasso; conselheiro de Capa e Espada do Conselho Ultramarino; e, quando morreu, parte dos seus haveres — as jóias de sua defunta mulher estavam empenhadas, e foram vendidas em hasta publica. Quaes seriam os outros bens leiloados? Uma carta já eu descobri folheando um grosso volume manuscripto, intitulado: Tombo das herdades de Nossa Senhora da Ajuda, de Val de Figueira, e da Atalaia, sitas no termo da Villa da Cabrella, que são do Illmo. e Exxno. conde de



Mas aquella característica modéstia a que alludimos, elle em tudo a revelava. Haja vista o modo pelo qual agradecia a honra offerecida de se lhe incluir o nome entre os dos mais notáveis portuguezes na Bibliotheca Lusitana:

"Alguns amigos, explica elle, me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém, como estes, emquanto não se dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento daquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem, pois até o presente não tenho mostrado composição por onde possa adquiril-a; e, fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provável que o perderia de todo, sahindo á luz com algum volume. Supposta esta verdade que sou obrigado a confessar ainda que me cause confusão, discordo que também Vossa Alercê se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião e que seria extranhada á boa exacção e boa critica de Vossa Mercê conter na Bibliotheca Lusitana entre os autores a um individuo que não é".

Do mesmo sabor foi a sua linguagem quando, em 1730, a Academia Real de Historia Portugueza o alistou entre os seus cincoenta membros. Leia-se-lhe a phrase: — "Contra a sorte

Oeiras, feito por ordem de S. M., que Deus guarde. Anno de 1763. Vejam que ousa eu folheio no intervallo de dous capítulos de romance, em que ha meninas louras e mancebos de pupila ardente a dialogarem á competência com a calhandra portugueza e o sabiá brasileiro! Pois deste tombo á pag. 46 v. consta que uma herdade do vallido de D. José partia cotn a quinta que foi de Alexandre de Gusmão, em Val de Figueira. Quem possue hoje a quinta do privado de D. João V? Não me recordo onde li que elle tivera boa quinta de recreio no vale do Alcantara, e era convizinha de outra que pertencera ao grande escriptor D. Francisco Manoel de Mello, que lá se finou, mais pobre que Alexandre de Gusmão, um victima da libertinagem de D. João IV, outro victima da ingratição de D. João V e de seu augusto filho; este ministro, irmão do Padre Bartholomeu de Gusmão alcunhado o voador, foi sempre malquistado dos frades que perseguiram como necromante o inventor dos balões. Tres homens affeitos a D. João V foram grandemente satyrisados naquelle tempo: o Marquez de Gouvêa, D. Martinho Mascarenhas, pai do que depois foi duque de Aveiro, e morreu no patíbulo como regicida; Frei Gaspar Moscoso, ou da Encarnação, da mesma familia, e Alexandre de Gusmão. Eis aqui um specimen das satyras:

Quem destruir-nos idéa? Gouvêa.
Quem merece a inquisição? Gusmão.
Quem o deve acompanhar? Gaspar.

Pois, meu rei, acautelar!
Olho aberto, e vêde bem,
Que no reino não convém
Gouvêa, Gusmão, Gaspar.



commum a todos os que entram na carreira litteraria, diz elle, consigo a corôa antes de me haver assignalado no certamen, sem outras provas de sufficiencia que a noticia de haver em mim uma summa veneração ás letras e um desejo ardente de vir a merecer um nome."

Innumeros outros documentos deixados por Alexandre de Gusmão são do mais vivo interesse, devendo-se destacar dentre os mesmos um discurso e uma petição, nos quaes põe elle em relevo alguns dos principaes serviços a D. João V. (1)

Mas, voltando da digressão, ao falarmos das fragilidades da corte e do soberano, resalta o facto contraposto de D. João V não se ter deixado vencer por seus sequazes no carinho e predilecção que votava áquelle grande fidalgo do espirito — armado cavalleiro pelas glorias que alcançou com as desttras armas do seu próprio intellecto.

Para bem egoístico da Corôa, o rei quiz tê-lo sempre a seu lado, e, com tal intuito, fel-o seu secretario particular.

(1) Esse discurso acha-se publicado na revista "*Panorama*", vol. VII, pag. 149, precedido da seguinte nota: — "Publicar trabalhos alheios, quasi mortos por escondidos, é de certo mais por desejos de ser util do que por ambição de adquirir honra ou gloria. O Snr. J. M. T. de C. colleccionou e publicou no Porto, em 1841, vários escriptos politicos e litterarios do celebre americano A. de Gusmão, conselheiro de capa e espada do conselho ultramarino, e confidente e secretario privado d'el-rei D. João V — é serviço para agradecer-se. Também desejoso de ser util de algum modo á nossa historia politica e á nossa Ktteratura, julgo dever publicar um manuscrito do mesmo autor, que não achei na collecção do Snr. J. M. T. de C., nem nas memorias da Academia Real de Historia Portugueza, nem na Bibliotheca de Barbosa Machado, nem, emfim, nos differentes jornaes litterarios, onde se hão publicado differentes escriptos de A. de Gusmão.

A 10 de janeiro de 1750 ajustou-se, entre a corte de Lisboa e a de Madrid, um tratado de limites, relativo á Colonia do Sacramento situada na margem septentrional do Rio da Prata: — foi esse tratado vivamente impugnado, logo depois da morte do Snr. D. João 5.º, em uni papel escripto pelo brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, que tinha sido governador da Colonia. A resposta que A. de Gusmão deu a esse escripto é curiosa e instruetiva, pelas idéas politicas e economicas que o autor expende, e pela vastissima sciencia topographica que nella se acha. Está publicada na collecção do Snr. J. M. T. de C.

O manuscrito de que hoje trato, é acerca da mesma negociação; foi escripto quando A. de Gusmão, em consequência da demora da execução do Tratado, começou a sentir novos receios de que se lhe não dêsse effeito; — é um complemento do primeiro manuscrito, que deveria ser inserido em uma 2.ª edição da Collecção do Porto, e que, no entanto, parece acertado tirar á luz publica. — J. T."

No vol. IV, pag. 155, da mesma revista acha-se, em sua integra, a petição alludida, notável documento em que Alexandre de Gusmão rememora todos os seus serviços prestados á corôa portugueza e as injustiças com que se lhe retribuíram.



Neste cargo, Alexandre de Gusmão amargurou-se com os mais constantes dissabores, ao procurar vencer a deliquescencia do ambiente íreiratico da Côrte.

Logrou, em parte, impôr os seus mēritos, tendo-se tornado "*o Indispensável*". Fez a figura de maior destaque, embora não lhe fôsse possível conseguir, por seus esforços singulares e isolados, a reabilitação daquelle meio carcomido pela sotaina.

Elevado a Ministro do Conselho Ultramarino, os maiores empenhos desenvolveu em prôl da corôa, bem como da Patria do seu berço. Fez-se sempre, em todos os seus actos, o esteio de arrimo daquelle situação, da qual, logo após, veio a ser amparo e dique o pulso de aço do Marquez de Pombal, no reinado subsequente, sob D. José I.

Obra prima, que immortalizou o nome do "*avô dos diplomatas brasileiros*", foi' incontestavelmente, o Tratado de 1750, em cujo exame nos vamos deter algumas linhas adeante.

Não precisaríamos encarecer mais a valia desse monumental trabalho depois de affirmar que a configuração geographica, a physionomia dada á vastidão territorial que o Brasil abrange nos mappas, até aos dias de hoje, se deve á fixação que ficou impressa, pela primeira vez, nesse relevante documento.

No capitulo anterior chamámos a este documento "*o canto de cysnc da obra de Gusmão*", porque, logo após tê-lo ultimado, morria elle, a 31 de dezembro de 1753. Falleceu divorciado da politica, devido á brutalidade do Marquez de Pombal e, ainda mais dolorosamente, minado pela desventura que lhe acarretára o incêndio que, em 1752, lhe consumira a casa e a familia.

Havia-se casado aos cincoenta annos de idade, com D. Isabel Maria Teixeira Chaves, filha de Francisco Teixeira Chaves — fidalgo da Casa Real, tendo, logo após, morrido Gusmão, infeliz e paupérrio.

E, referindo-nos a tal facto, releva notar que morto em 1753, em 1755 o seu nome não estava inteiramente esquecido... pois dos supra-referidos documentos vê-se, como diz illustre autor citado, que "uma certa Anna Maria do Vencimento requera a penhora do laço e fita com o habito de Christo, de Alexandre de Gusmão, e das arrecadas de diamantes e rubis de sua senhora, que foram vendidas em hasta publica para o pagamento de dividas. Digno fim do Secretario particular de um soberano de Portugal que, durante o seu reinado, recebeu do Brasil a bagatella de cento e trinta milhões de cruzados, cem mil moedas de ouro, trezentos e quinze mil marcos de prata, vinte e quatro mil e quinhentos marcos de ouro, setecentas arrobas de ouro em pó, trezentas e noventa e duas oitavas de peso, quarenta milhões de



cruzados em diamantes, além dos rendimentos do imposto dos quintos e do monopólio do pau-brasil...

"Perdido no recanto de nm dos salões do Palacio Itamaraty, entre outras glorias mais vistosas e menos proficuas, um modesto busto de bronze, devido ao carinho de Rio Branco, perpetua a physionomia do esquecido filho de Santos, o maior obreiro da grandeza territorial desse Brasil ingrato." (1)

O Tratado de 1750 foi a conclusão do ajuste de limites entre as possessões de Portugal e Hespanha. Ao estudioso, fácil lhe será compulsal-o, mas, aqui, é justo extractarmos os artigos que vão abaixo, em nota, pois são os que mais dizem sobre o assunto do nosso estudo. (2)

(1) Araujo Jorge, ob. cit. pag. 49.

(2) Artigo 13. "Sua Magestade Fidelíssima, em seu nome e de seus herdeiros e successores, cede para sempre á Corôa de Hespanha a Colonia do Sacramento e todo o seu territorio adjacente a ella na margem septentrional do Rio da Prata, até os confins declarados nos artigo 4, e as povoações, portos, e os estabelecimentos, que se comprehenderão na mesma paragem, como também a navegação do mesmo Rio da Prata, a qual pertencerá inteiramente á Corôa de Hespanha, etc.

Artigo 14. "Sua Magestade Catholica, em seu nome e de seus Herdeiros e successores, cede para sempre á Corôa de Portugal tudo o que por parte de Hespanha se acha occupado, ou que por qualquer titulo ou direito possa pertencer-lhe em qualquer parte das terras, que pelos presentes artigos se decláram de Portugal, desde o Monte de Castilhos Grandes e sua fralda meridional, e Costa do Mar, até a cabeceira e quaesquer povos, que se tenham feito por parte da Hespanha em o angulo de terras comprehendidas entre a Costa septentrional do Rio Ibicuy, e a oriental do Uruguay, etc.

Art. 16. "Dos povos ou aldêas, que cede Sua Magestade Catholica na margem oriental do Rio Uruguay, sahirão os missionários com os seus moveis e effeitos, levando consigo os índios para os aldear em outras terras de Hespanha, e os referidos índios poderão levar também todos os seus bens moveis e semoventes, e as armas, polvora, e munições, que tiverem, em cuja fôrma se entregarão os povos á Corôa de Portugal, com todas as suas casas, igrejas, edificios, e a propriedade e posse do terreno, etc., etc.

Artigo 22. "Para que se determinem com maior precisão e sem que haja lugar á mais leve duvida de futuro nos lugares por onde deva passar a linha em algumas partes que estão nomeadas e especificadas distinctamente nos artigos antecedentes, como também para declarar a qual dos dominios hão de pertencer as ilhas que se acham nos rios que hão de servir de fronteira, nomearão ambas as Magestades quanto antes commissarios intelligentes, os quaes visitando toda a linha ajustem com a maior distincção e clareza as paragens por onde ha de correr a demarcação, em virtude do que se expressa neste tratado, pondo marcos nos lugares que lhes pareça conveniente, e aquillo em que se conformarem será valido perpetuante em virtude da approvação e ractificação de ambas Magestades; porém em caso que não possam concordar-se em alguma paragem, darão conta aos sereníssimos reis para decidir da duvida em termos justos e convenientes, ficando entendido que o que os ditos commissarios deixa-

Convém pôr em relevo, sobretudo, a magna importancia naturalmente attribuida á questão de se demarcarem os limites a que allude o artigo 22 do Tratado.

Resalta, desde logo, nesse famoso pacto, haverem-se firmado dois pontos capitaes: — pelo primeiro, ficava para sempre desfeito o mal concebido Tratado de Tordesilhas, cujos erros de apreciação geographica, em que se baseava, reduziam o Brasil a uma insignificante nesga territorial, escorrida em parte da nossa costa. (1) E o segundo ponto de vista assume vasta proporção em seu aspecto jurídico, por deslocar do Direito Civil para o Direito Internacional o instituto do *uti possidetis*, que ficaria a valer como titulo de aquisição entre os Estados.

Nenhum historiador jámais regateou justos e rasgados encomios ao apreciar as linhas desse celebre acto internacional. A elle se refere a incontestável autoridade de Southey, com as seguintes palavras: "Os seus contractantes procederam com uma lealdade que quasi pôde ser considerada nova na diplomacia: procurando estabelecer uma paz perpetua nas suas colonias, quaesquer que fossem as disputas que entre elles se suscitassem na Europa, deram um exemplo digno de recordar-se como meio pratico de diminuir os males da guerra."

Rio Branco opina igualmente, dizendo da "boa fê, lealdade e grandeza de vistas que inspiraram este ajuste amigavel de antigas e mesquinhas querellas, consultando-se, unicamente, os princípios superiores da razão e da justiça e as conveniências da paz e da civilisação da America."

O tratado de 1750 era negociado com as cautellas de um sigillo intencional e intelligentemente cuidado por Alexandre de Gusmão, para evitar que a repercussão do entendimento que se concertava, viesse estremecer intenções nos ânimos e acção no seio das Colonias.

Era com essas precauções que Gusmão urdia em Lisboa todo o tecido do seu integro esforço e talento, elaborando successivas minutas e contra-minutas, contestando propostas, redarguindo contra-propostas, determinando em notas, cartas e avisos, o fructo dos seus estudos e meditações sobre o assumpto, para o qual lhe sobravam argúcia e competencia.

rem de ajustar não prejudicará de nenhum modo o vigor e observancia do presente tratado, o qual independente disto ficará firme e inviolável em suas clausulas e determinações, servindo no futuro de regra fixa, perpetua e inalteravel para os confins do dominio das coroas."

(1) "O Tratado de Tordesilhas, diz o provector mestre Capistrano de Abreu, concluído antes de descobertos o continente americano e o Brasil, ficou, por assim dizer, derogado desde os primeiros passos dos progressos geographicos."



Foi, alfim, celebrado o Tratado de Madrid, a que alguém chamou "*Tratado de Permuta*", firmado na capital de Hespanha, a 13 de janeiro de 1750, pelos plenipotenciários Visconde de Villa-Nova da Cerveira, (D. Thomás da Silva Telles), por parte de Portugal e, por parte de Hespanha, o Secretario de Estado D. José de Carvajal e Lancáster.

Como era immensa a extensão territorial a cujo reconhecimento e demarcação se deveria proceder na conformidade do artigo 22 do Tratado, vieram a concordar ambas as Altas Partes Contractantes, pela "*Instrucção*" ajustada em Madrid a 17 de janeiro de 1751, que "se formassem duas partidas de demarcadores, destinada, humá para o rio Amazonas e outra para o rio da Prata".

Foram nomeados, para esta: por parte de S. M. Fidelíssima o Rei de Portugal — o Capitão General do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, mais tarde Conde de Bobadella; por parte de S. M. Catholica, El-Rey de Hespanha — o Marquez de Val de Lirios, Ministro do Conselho das índias. (1)

Tiveram no dia primeiro de setembro de 1751 o seu primeiro encontro e a 19 de outubro a conferencia em que os dous Altos Commissarios apresentaram, reciprocamente, os poderes e ordens de que se achavam investidos, convencionando, então, fincar o primeiro marco de mármore sobre um penhasco em frente ao mar, proximo ao Monte Castilhos, a que os Hespanhoes chamavam Cerro Buenavista e que é, hoje, a Ponta do Diabo.

Os marcos para solenne demarcação eram de fôrma rectangular, de mármore lavrado, tendo esculpidas na face voltada para o norte, isto é, para os dominios portuguezes, as armas do Reino, jacentes sob esta inscripção: — "*Sub Joanne V, Lusitanorum Rege Fidelissimo*"; na face de leste, a legenda: — "*Justitia et Pax osculatae sunt*", e, na face oeste: — "*Bx Pactis finium regundorum, conventis Matriti Idibus Januari 1750*".

Vacillaram os demarcadores sobre a directriz que deveriam dar á linha divisória, tomando o primeiro marco como balisa invariável a seguir, e resolveram, conforme o permittia o Tratado, guiar a divisa pelos montes mais altos, seguindo-se, pois, do primeiro marco ao monte Xafalote, visivelmente mais alto que o Navarro. Assentou-se, então, o segundo marco, como os demais, igual ao primeiro, no lugar chamado índia Muerta.

Os demarcadores resolveram, também, a duvida suggerida

(1) Archivo da Junta da Real Fazenda, Liv. 2, pag. 24, do Registro Geral e Provisão do Conselho Ultramarino, de 22 de setembro de 1751.

entre si quanto á distancia que deveria haver para assignalar a fralda meridional do Monte Castilhos. Ficou estipulada a de tres quartos de légua para os lados dos dominios de Hespanha, distancia esta que, conforme julgaram, alcançaria o tiro de canhão.

Proseguiu-se na demarcação, abrindo-se, em todas as pedras grandes que se encontravam, as iniciaes R. F., na parte de Portugal, e R. C., na parte de Hespanha, até que nas serras do Maldonado, a cinco léguas do porto deste nome, fincaram o terceiro marco, no dia 6 de janeiro de 1753. Conservaram ahi o nome de Serra dos Reis, devido á festividade que se celebrava nesse dia.

Note-sé que a linha seguida por aquelles régios demarcadores resultava da escriptulosa observancia das suas alludidas "*Instrucções*" de 17 de janeiro de 1751, cujo artigo 34 era concebido em fôrma precisa. (1).

(1) Art. 34. "Os dous commissarios principaes reconhecerão e demarcarão juntamente o lugar, onde na praia do mar principiarão a dividir-se os dous Dominios, pondo alli um dos marcos, que vão destinados para este effeito. Do dito Marco, como de ponto fixo, passarão a reconhecer, e demarcar também da mesma sorte, a fralda meridional do Monte de Castilhos grandes, discorrendo por ella, e pondo, de commun consentimento, os mais que forem necessários dos referidos Marcos nas paragens, que lhes parecerem mais opportunas, até os cumes dos montes, que tomarão para seu governo, sem attenção a rumos, desde os lugares mais superiores, onde têm seus princípios as Vertentes das aguas, que descem dos referidos cumes; a saber, por parte dos Dominios de Portugal para banda da Lagôa Merim, e pela dos Dominios de Hespanha para banda do Rio da Praia . Igualmente continuarão em reconhecer e demarcar pessoalmente todo o restante da Raia, que se segue, até onde commodamente a puderem visitar, e lhes parecer que se faz preciso acompanhar a primeira tropa. E como a enseada de Castilhos grandes ha de servir para o uso commun de ambas as nações, a farão sondar, reconhecendo e notando não só a sua capacidade, mas também as ilhas ou escolhos da mesma enseada, com toda a exacção e miudeza."





UMA CAMPANHA OBSCU- RANTISTA

É NOCIVA A IMAGINAÇÃO?

BRENNO FERRAZ

O sr. Mario Pinto Serva é um espirito pratico, mas não é o homem de acção em espirito. No terreno mental seria este o homem das ideias, aquelle que as descobrisse, cultivasse e creasse mesmo, o que não faz o sr. Pinto Serva. Seria o philosopho. Ora, o philosopho é o homem das abstracções, coisa de que o sr. Pinto Serva é confessadamente incapaz. E é só pela sua capacidade de abstrahir que o philosopho é homem de acção, descobrindo principios e generalidades, formulando leis, suscitando probabilidades, induzindo á acção mais variada.

Isso para o sr. Pinto Serva é paradoxo. Para toda a gente é verdade de senso commum. O sr. Pinto Serva não pode conceber que um philosopho, sonhador, portanto, e — o que é peor — escriptor e literato — possa produzir qualquer coisa palpável. Não o concebe porque é um "espirito pratico", estreitamente cingido a uma realidade immediata e cega: a negação do espirito scientifico, que se distingue pela previsão.

E' por isso que nos diz esta monstruosidade, incrível num homem illustrado:

"No Brasil, assim como na França e em Portugal, grande parte da mocidade perde-se para a vida activa em consequência de ter o seu espirito cheio de literatura de ficção.



Todo acto humano origina-se em uma ideia. Os romances e a literatura de ficção povoam o espirito da mocidade brasileira de cousas imaginarias."

'Compendio mais completo de ignorancia não se teria de encommenda em tão poucas linhas. Comparavel, só as palavras que um literatosinho risonho e philosophante põe na bocca de um preceptor de "novos-ricos", solicitado a ensinar latim ao filho:

Senhor, como sabeis latim e pertenceis á c'orte... — Eu, -senhor, latim! Não sei uma palavra. E' claro que se fala muito melhor a sua lingua quando não se divide a attenção entre ella e línguas estrangeiras: vêde as nossas damas, ellas têm o espirito mais agradável que os homens; suas cartas são escriptas com vezes com mais graça; não têm ellas sobre nós essa superioridade sinão porque não sabem latim." E Madame apoia: — "Si meu filho soubesse latim estaria perdido. Representa-se a comedia e o drama em latim? Arrazôa-se em latim, quando se advoga um processo?" E o sr. Pinto Serva concordaria em que o joven marquez não perdesse tempo com Cicero, Horácio e Virgilio. E si lhe perguntassem si não conviria "mostrar-lhe" um pouco de geographia, acudiria o sr. Serva: — "Quando o sr. marquez fôr ás suas terras, não saberão o caminho os postilhões? Certamente não o perderiam; não se precisa de transferidor para viajar e vae-se muito commodamente de Paris a Auvergne sem necessidade de saber em que latitude a gente se acha." E a astronomia? — "Que lastima! — exclamaria. — Guia-se alguém pelos astros? E será preciso que o senhor marquez se mate a calcular um eclipse, quando elle o encontra no almanaque, que, ademais, lhe ensina as festas moveis, a idade da lua e a de todas as princezas da Europa?" E a historia? — Fabulas! "Que importa ao senhor vosso filho que Carlos Magno tenha instituido os doze pares de França e que o seu successor tenha sido gago?" Mas de todas as sciencias a mais absurda, "aquella que é capaz de abafar toda especie de gênio é a geometria. Essa sciencia ridicula tem por assumpto superficies, linhas e pontos, que não existem na natureza: faz-se passar em espirito cem mil linhas curvas entre um circulo e uma linha recta que o toca, ainda que na realidade não se possa fazer passar um nada. A geometria, em verdade, não passa de uma pilhéria de mau gosto." "Um senhor como o marquez, — continuaria — si um dia necessitar de um geometra sublime para levantar a planta de suas terras, fará medil-as pelo seu dinheiro; si quizer apurar a antiguidade da sua nobreza, que remonta aos tempos mais afastados, mandará buscar um beneditino. O mesmo, com todas as artes. Um joven senhor bem nascido não é nem pintor, nem musico, nem architecto, nem esculptor; mas faz florescer todas as artes, enco-



rajando-as pela sua magnificência. Mais vale, sem duvida, protegê-las, que exercel-as..."

Assim pensa o sr. Pinto Serva. Utilitário, quer concretas as realidades. Abstrações? — Baboseiras... — No entanto, a mathematica é abstrata, é especulativa, é fictícia. E não foi por outro motivo que ella se tornou o nó gordio, nunca desfeito, do empirismo triumphante de Loeke e Hume, pondo abaixo o experimentalismo systematico. A mathematica é o mundo da ficção. E a astronomia? E a historia? São ao menos, construcções abstratas.

*

A campanha obscurantista do sr. Mario Pinto Serva, a qual tanto tem de curiosa quanto de pittoresca e desfructavel — pois pede que se ensine a ler e ao mesmo tempo exige que se não leia, pregando o desamor da leitura no que ella pôde offerecer de mais conducente á sua utilização posterior, a ficção e o romance — funda-se num erro básico e de erros se alimenta. Parte da santa convicção, proveniente do realismo literário de ha cincoenta annos, de que a imaginação é a qualidade negativa do espirito, especie de cancro, que tudo carcome e paralysa, que nada produz e tudo adultéra. E' uma convicção literaria, nada mais, nada menos. Não o suspeita sequer Mario Pinto Serva. E'-o, porém... {Mal sabe elle, si o sabe, que já o classicismo, ha tres séculos, propugnava esse mesmo literário horror, oppondo á imaginação a razão soberana, com entidades contrastantes, faculdades opostas, entre as quaes preciso era tomar partido e tomal-o pela segunda. Ha tres séculos. Reagiu, então, o romantismo, repondo o problema para solução diametralmente inversa. Só depois é que tornamos a essa especie de racionalismo literário ou experimentalismo esthetico, que o sr. Serva quer applicar á vida, aliás, com o mais literário horror.

Convicção literaria? Decerto, não — dirá o sr. Pinto Serva. A concepção da literatura numa época se inspira na ideia ambiente: si tal era hontem o pensamento humano, qual fôra em seus fundamentos a literatura. Seja.

Desde a escolastica, até nossos dias, gosa a razão do primado entre as funções psychicas. Já os antigos, concebendo as tres almas — a do cerebro (razão), a do coração (sentimento), a do abdômen (vontade) — entronisaram, sobre estas, aquella; e tão bem o fizeram que ainda hoje não faltam pensadores que assim a conservam. Atravez do cartesianismo, a Revolução **Franceza** é o império infeliz e falho da Razão. A seguir, dominando o espi-



ritualismo, é a Razão a alma e, si o não é ainda hoje, é que descremos da immortalidade. Incrédulos embora, persistimos em tanto na mesma concepção de categorias das funcções psychicas. Dahi, o racionalismo literário. O critério scientifico de verdade — verdade que só se apura pela experiencia — transposto para o meio literário, tornou-se critério de realidade, no romance e de cerebralismo, na poesia. Mas, si a sciencia pode ser sempre experimental, nunca se contenta a literatura com a simples realidade. Ora, vedava-se-lhe o imaginoso e o sentimental: restava-lhe o racional. E vimos construir-se todo o realismo sob a fêrula da Razão. Eis como o "espirito pratico" do sr. Pinto Serva se resolve numa ideia francamente literaria.

Mas não ha tal superioridade da razão. Os psychologos modernos, áparte Fouillé, ou concedem primazia á affectividade (Ribot) ou comprehendem a vida psychica como perfeita unidade indivisível e dizem: — não é o cerebro que pensa; é o homem na integridade do seu todo orgânico (Spencer, Ardigó, Ingenieros). Sentir, conhecer, pensar, querer são élos de uma mesma cadeia, os quaes se suppõem, successivamente, uns aos outros.

A imaginação, ainda que despertada pelo sentimento, não é qualidade negativa; nem é roaz nem paralysante; nem é improductiva nem falsa. Em sentido etymologico — imaginação, *coi>* junto ou successão de imagens — é o proprio material e a essencia do intellecto. Em accepção psychologica — imaginação, capacidade de associação e combinação de imagens, ideias, recordações — é a propria alavanca do espirito, faculdade, digamos, eminentemente activa e creadora.

Diz E. Dupré, em "L'imagination et le rêve":

"Uma das operações mais importantes desse trabalho continuo do pensamento é representada pela Imaginação, isto é, por essa funcção mental, que, seja pela revivescencia (imaginação reproductora), seja por combinação (imaginação creadora) resuscita e associa, ou mesmo improvisa e inventa productos pessoas e novos." Si é reproductora e é creadora, não é negativa. E, mesmo para o prof. Dupré, da Faculdade de Medicina de Paris, é a imaginação alguma coisa de essencial á vida mental: "Sob esses dois modos a imaginação traz já a marca da independencia e da autonomia do pensamento. Ella indica os progressos do desenvolvimento psychico e da emancipação intellectual do individuo, desde ahí liberto, no mecanismo da sua ideação, da sujeição á realidade objectiva; ella lhe permite associar, em si mesmo e fóra das percepções actuaes, por analogia, semelhança ou contraste, ideias e imagens, evocar reminiscências espontaneamente, combinar estas entre si e com as percepções presentes, formar

conceitos abstractos e evoluir para o pensamento synthetico, symbolico e geral. Podemos, graças a ella, segundo a expressão de A. Rey, levar uma vida de recordações e de pensamentos e não mais exclusivamente de sensações e percepções." E', pois, para Dupré, a marca da autonomia mental, a libertação do individuo para o trabalho ideativo e conceituai; e é, para Abel Rey, a própria razão de ser da vida pensante, creada por ella com a matéria bruta e inculta, colhida pelo sensorio.

Não é o polo opposto da Razão: — é o seu fundamento, a base e a essencia delia. "Fóra desses elementos primitivos (sensação e *imagem*) não existe nenhuma coisa real que possa merecer o nome de "razão". (Ingenieros) Pensar suppõe, primeiro, conceber, isto é, — comparar, associar e abstrahir, funcções cujo conjuncto forma a Imaginação; julgar, em seguida, relacionar por afinidade e differença, por quantidade, identidade e causa; e, por fim, raciocinar — induzir, deduzir, argumentar. Imaginar está á base do processo intellectual. Si a Razão serve á verdade, serve-a também a Imaginação, seja como preliminar daquella, seja, em sua função creadora, como agente ainda mais audaz e poderoso. A verdade, que o raciocínio deduz, quando pôde, a conjectura possibilisa sempre; e é assim que a Imaginação reajisa o que a Razão nunca realisaria.

Pensar não é função da intelligencia pura e, menos, da razão. Pensar não é a elaboração consciente dos dados da experiencia — ideia falsa, que só perdura, ou por commodidade mental, ou por acção atávica da escolastica, inveterada na cultura.

"Os processos reaes que o homem usa habitualmente para pensar não correspondem ao processo do raciocínio logico" — diz Ingenieros, corrigindo a definição racionalista: — "o homem é um ser illogico e irracional." O pensamento, expressão da intelligencia pura, não existe. E' o que ensina a psychologia biologica e com ella a pragmatista, para a qual o objecto varia conforme o sujeito: — "E' preciso reconhecer um lado psychologico em tudo o que é susceptivel de ser conhecido." Pensar é função de todo o organismo. Nem a imaginação, nem o sentimento lhe são prejudiciaes: são-lhe, ao invéz, essenciaes. Extirpar a imaginação ou o sentimento seria idiotisar ou imbecilisar, incapacitando para a vida psychica.

"A imaginação é na ordem intellectual o equivalente da vontade na ordem dos movimentos." (Ribot) Ambas visam um fim, ao contrario do conhecimento, que se limita a constatar. Frivola ou capital, sempre se quer uma coisa. Napoleão que prepare um plano de campanha, ou cosinheiro que combine um novo prato,



inventa-se sempre com um fito. Ambas fazem milagre: a vontade de um Lesseps ou de um Colombo, que destrõe montanhas ou descobre mundos; a imaginação que estygmatisa na própria pelle um illuminado com o crucifixo ou a corôa de espinhos; que em um Weber, physiologista, accelera ou retarda, á vontade, o palpitante do coração; que, no hypnotizado, lhe abre a pelle em vesículas.

Bem se vê a que distancia estamos daquelles bons e ingênuos moralistas, que, dogmáticos, proscreviam como fonte inexgotavel de erros a actividade imaginativa. Toda a sciencia provém delia: — é a imaginação que inventa e o raciocínio apenas verifica e demonstra. (E' ridículo insistir em coisa tão clara, dita e redita mil vezes!) E' a imaginação que crêa o typo americano, tão querido do sr. Serva, emprehendedor, vivo, adaptavel a todas as actividades. E' ella, que, além da sciencia, applicando-a, produz a machina tão bem como o romance e o poema; produz a industria e produz o commercio.

Consiga o sr. Pinto Serva desarraigarse dos preconceitos escolásticos, que não são mais que literários, os quaes o fazem ver na Lógica o mecanismo puro da Razão e na Razão a faculdade preponderante do espirito, que nos guia e nos torna práticos e úteis — e verá que a Imaginação, que architecta romances e ficções, é a mesma que nos guia e nos torna práticos e úteis...

"No Brasil, assim como na França e em Portugal, grande parte da mocidade perde-se para a vida activa em consequência de ter o seu espirito cheio de literatura de ficção".

Enganou-se, decerto, o sr. Pinto Serva, quando particularizou o termo "literatura" com o restrictivo "de ficção". Literatura é uma coisa; literatura de ficção é outra. A que se lê no Brasil, em França e em Portugal é aquella. Literatura de ficção lê-se, exactamente, "nos paizes em que a mocidade não se perde para a vida activa" — na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde o seu consumo é phantastico. Si entre nós também isso se lê, é que de lá nos veio, sob a forma detestável dos Sherlock, Cárter, Winter e igual caterva, assim como nos vêm os "films" — nada "fictícios", é claro, pois que nada literários — da Fox e companhia. ...

Pois não sabe o sr. Serva que é tão grande o consumo da ficção na Inglaterra que ella não se data pelos annos, mas pelas estações, distinguindo-se a da primavera da do outomno, a do verão da do inverno?



*

"Todo acto humano origina-se em uma ideia." O conselheiro Accacio não teria maior convicção.

Preliminarmente, nenhum acto humano se origina de uma ideia, ultima phase do processo psychico, bastante superficial para não ser "origem" de coisa nenhuma. Origem dos actos humanos, sabe-o toda a gente, é o sentimento, sob a forma de reacção instinctiva ou voluntária. A ideia é o producto transitorio da affectividade, a representação fugaz, que brilha e passa para dar lugar á volição. A ideia, num abúlico, nunca produz acto. Reduzida ao seu aspecto primitivo, fundamental, a ideia é a paralysação do impulso que começou na excitação e acabaria na reacção exterior. E' a suspensão do acto e nunca o começo d'elle. O movimento começa na percepção externa — de character sentimental, affectivo, instinctivo — para se interromper exactamente no cerebro, "apparelho de indeterminação", de hesitação, de escolha. Não se reate, sob o aspecto volitivo, a profunda corrente nervosa, inconsciente, que permittiu a percepção e nunca o acto se produzirá.

A ideia, pois, no sentido escolástico de matéria prima da Razão, não é mais que a imagem, o material da Imaginação e elemento daquella; é menos.

E' o que ensina a psychologia e é o que revelam os factos, observados por sábios extranhos áquella sciencia. Em "Os grandes homens", diz Ostwald: — o que mais importa para o sábio, além da paciência, amor da verdade e da exactidão, "é a originalidade, isto é, a capacidade de *imaginar* qualquer coisa além do que é ensinado." A originalidade é o que "apresenta mais nitidamente o character de um dom innato primordial." Como descobrir, de antemão, nos estudantes essa "capacidade de imaginar qualquer coisa além do que é ensinado"? Ostwald opta pela curiosidade, como indicio certo, nos discípulos "que me sujeitavam toda especie de questões, principalmente as que não tinham relação immediata com o facto que tínhamos em vista no momento."

E continua, taxativamente, á pagina 31: — "Entre as diferentes qualidades do grande sábio, a imaginação é a que primeiro e mais se desenvolve, e se desenvolve no sentido da grande tarefa do sábio, disciplinando-se de conformidade com experiencias mais extensas e mais profundas." As recordações de experiencia, refeitas, produzem conceitos que, por seu turno, se combinam da maneira mais variada. Começa ahi a imaginação. "Esta aptidão para combinar afim de crear é uma qualidade *absolutamente essencial* para o sábio, que deve deslindar relações desconhecidas." "O que faz o successo do sábio é que elle sabe achar a conjectura

conveniente, depois de ter tentado, necessaria e naturalmente, toda uma série de ensaios infructiferos."

A curiosidade do homem que lê tudo, romances e aventuras policiaes, poesia e sciencia, jornaes e revistas não é o elemento nocivo que parece ao nosso moralista civico.

Faraday, nascido pobre, tendo como traço essencial o desejo insaciavel de apurar uma personalidade própria e, dotado de grande capacidade de trabalho: "Lê todos os livros e todos os jornaes que pode obter em seu mister de encadernador. Funda com amigos uma sociedade philosophica com o fim de se aperfeiçoarem mutuamente; escreve cartas sem fim aos amigos, para se exercitar em escrever e em manejar o pensamento; estuda rhetorica, ainda que os gastos desse estudo sejam pesados para elle, mas quer aprender a falar melhor. Pede aos amigos que lhe indiquem todos os erros que commetta em suas lições, para poder evital-os em seguida." ("Os grandes homens", pagina 89.) E elle proprio declara: "Não acrediteis que eu tenha sido um pensador muito profundo ou que tenha sido precoce. Eu era um rapaz muito vivo, dotado de uma grande imaginação e *acreditava tanto nas "Mil e uma noites"* como no Léxico da Conversação."

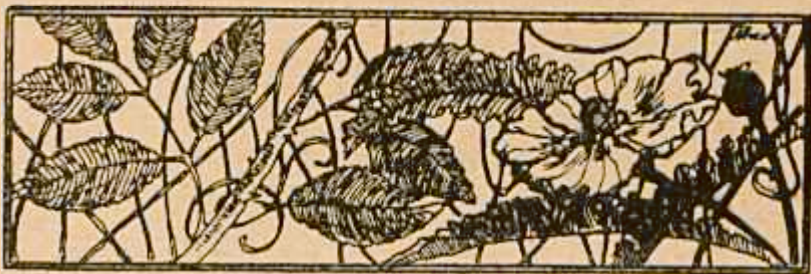
Helmholtz ia mais longe: sabia apreciar a mnemotechnica do verso e, grande admirador da poesia, recitava Odes de Horácio e alguns cantos da "Odysséa". Entendia que, com os exercícios de métrica — "aprendemos melhor, que por qualquer outro exercício, a exprimir de maneira extremamente variada o que temos de dizer."

E é tão nocivo o "mal literário"...

*

Em summa: — o sr. Pinto Serva, sem que o suspeite, promove uma campanha obscurantista; tudo fia da Razão, condemnando a Imaginação que, aliás, é a grande e inexaurivel fonte de toda e qualquer actividade; e condemna a literatura, que, a seu pezar, é o grande instrumento de educação e apuro mental.





NOTAS BIOGRAPHICAS DE GEOLOGOS O

POR J. C. BRANNER

XIV

JOAQUIM CANDIDO DA COSTA SENA

[V ASCEU aos 13 de Agosto de 1852 na
cidade de Conceição, Estado de
Minas-Geraes.

Desde a meninice, sua vivacidade
attrahiu a attenção do Padre Lazarista
Miguel Sepolis, que o matriculou no Col-
legio de Caraça em Minas. Ahi fez os
seus estudos preparatórios, terminados
os quaes, leccionou por um anno.

Matriculou-se na Escola Polytech-
nica do Rio de Janeiro em 1874, passan-
do -nos exames do primeiro anno. O seu
estado de saúde compelliu-o a regressar
a Minas, onde acabava de ser fundada a
Escola de Minas.

Indo para Ouro Preto, e não dis-
pondo dos necessários meios para continuar a sua carreira, dedi-
cou-se a leccionar privadamente, angariando por essa forma di-
nheiro, para poder completal-a.



(*) V. números de Agosto, Outubro e Novembro,



Mais tarde foram-lhe facultados, pela Assembléa Provincial, os necessários meios para concluir a sua carreira, o que fez em Junho de 1880.

Seguiu então para o Rio, onde se submetteu com êxito ao concurso para o cargo de assistente das cadeiras de Mineralogia e Geologia da Escola de Minas. Nomeado pelo decreto de 6 de Setembro de 1880, regressou a Ouro Preto para assumir as suas funções.

Quando o Dr. Gorceix, director da Escola de Minas, seguiu para Europa, o Dr. Sena deixou o lugar de assistente e assumiu as cadeiras de mineralogia e geologia; leccionou também por alguns annos, physica e chimica elementares. Seus dias feriados passava-os no campo de trabalho, colhendo elle mesmo os dados de seus "Estudos Metallurgicos no Centro de Minas". Serviu de assistente ao Dr. Gorceix na organização das collecções brasileiras enviadas ás exposições de Berlim e Chicago.

Representou o Brasil na Exposição mineralógica do Chile.

Deixando o Dr. Gorceix o lugar de Director da Escola de Minas, substituiu-o o Dr. Sena.

Foi Vice-Presidente do Estado de Minas e chegou a occupar a Presidencia desse Estado.

Falleceu em Bello Horizonte.

XV

FREDERICH KATZER

NASCEU em Rokitzan, na Bohemia, aos 5 de Julho de 1861.

Iniciou a sua educação em Hoheneble, Kutemberg e Praga, onde também frequentou a escola secundaria, Academia Polytechnica e Universidade. Recebeu o seu grão de doutor na Universidade de Giessen.

Em 1884, foi nomeado assistente ao departamento de mineralogia e geologia da academia Polytechnica de Praga.

Em 1889, foi director de um laboratorio de pesquisas de uma companhia constructora de materiaes.

Em 1892, foi assistente de geologia, mineralogia e paleontologia de Leoben Stemmarm.

No outomno de 1895, foi nomeado director da secção do Museu Paraense de Historia Natural (actualmente Museu Goeldi) do Pará, onde permaneceu até meados de 1898.



Desde então foi nomeado geologo e director do Instituto Geologico da Bósnia e Herzegovinia, em Sarajevo.

Quando o Dr. Katzer veio para o Pará, encontrou no Museu apenas compartimentos sem nenhuma collecção geologica. Dentro de pouco tempo conseguiu organizar as collecções mineral e geologica.

No começo de 1896, fez uma excursão pelo Amazonas fazendo estudos na região de Santarém, chegando até Alter do Chão e Rio Una. No mesmo anno fez uma excursão á Ilha de Marajó, visitando o cabo de Magoary. No anno de 1897 visitou o Ceará, de onde trouxe varias raridades para o Museu Paraense. Nesse mesmo anno visitou o interior do Pará, examinando os depósitos geologicos ahi existentes.

Afora os minérios de ferro e manganez e pequena existencia de pyrete e camadas de hydroxido de aluminio nas regiões visitadas, nada encontrou que merecesse menção.

Nessa excursão, examinou a região do Tapajoz desde as cachoeiras de Boa Vista e Goyanna até Santarém, obtendo fosseis das Boccas Carboníferas.

Estudou também as immediações de Monte Alegre, Erere e o baixo Maecurú, onde recolheu vários fosseis Devonianos e Carboníferos, com os quaes enriqueceu as collecções minero-geologicas do Museu Paraense.

Durante essas excursões, observando de visu, Katzer obteve conhecimento seguro dos traços característicos da formação geologica de uma grande parte do Estado do Pará, sentindo-se, portanto, capacitado para escrever um esboço comprehensivo da geologia do baixo Amazonas.

Escreveu então o "Grundzuge der Geologie des unteren Amazonas gebietes des States Pará in Brasilien", que foi sua principal contribuição á geologia do Brasil.

No intróito historico, expressa o seu reconhecimento pelos serviços prestados pelos exploradores que, até o fim do século XIX, tinham estudado a geologia do baixo Amazonas, especialmente Agassiz, Hartt, Derby e Clark, cujos retratos vêm estampados em sua obra.

O livro pôde ser dividido em duas partes, a primeira das quaes trata da formação geologica, e a segunda da evolução geologica do baixo Amazonas. Naquella, descreve a situação geologica do Pará, começando do periodo quaternario, visto que isso dá azo á discussão ao mesmo tempo, da geographia physica do baixo Amazonas.



I—HERBERT Huntington Smith, antigo membro da extincta Comissão Geologica do Império do Brasil, foi morto no dia 22 de Março do anno de 1919 por um trem de carga em Tuscaloosa, Estado de Alabama, Estados Unidos.



O Sr. Smith nasceu na villa de Manlius, Estado de New York, a 21 de Janeiro do anno de 1851. Matriculou-se na Universidade de Cornell no anno de 1868, mas deixou de formar-se, tendo abandonado as aulas no anno de 1871, quando foi á região Amazônica, no Brasil, pela primeira vez, acompanhando, como ajudante, o Professor Hartt.

No anno de 1873 voltou de novo ao Amazonas, dedicando-se 'especialmente ao estudo da entomologia daquella região. Estando ainda no Amazonas em 1875, quando foi organisada a Comissão Geologica do Império do Brasil, foi nomeado ajudante daquella comissão pelo director, Professor Hartt, e ficou no paiz até 1877, quando a mesma foi extincta. Voltando aos Estados Unidos naquelle mesmo anno, publicou, em 1879, em New York, importante livro "Brasil, the Amazon and the coast". No anno de 1881 regressou de novo ao Brasil e viajando os Estados do Rio Grande do Sul e Matto Grosso, fez contribuições importantes sobre a entomologia e a geologia até o anno de 1886. Publicou então, no Rio de Janeiro, pequeno livro com o titulo "Do Rio de Janeiro a Cuyabá, notas de um naturalista", onde reuniu artigos apparecidos na *Gazeta de Noticias* dessa cidade. Durante a viagem a Matto Grosso, escreveu um série de artigos sobre a historia natural daquella região, que sahiram no *American Naturalist*, volumes XVII e XVIII, Philadelphia, 1884. Um artigo sobre a geographia physica do Estado do Amazonas, também foi publicado no *American Naturalist* no mez de Janeiro de 1885.

Depois da visita de 1881-6, H. Smith nunca mais voltou ao Brasil, mas proseguuiu no Mexico, nas Antilhas e na Colombia, os seus estudos de naturalista. Foi director do Carnegie Museum, de Pittsburg, Pennsylvania, durante os annos de 1896-8, e até 1902 esteve ali empregado. Do anno de 1910 até fallecer, foi director do Museu do Serviço Geologico do Estado de Alabama.

Embora Herbert Smith não tivesse sido geologo profissional,



devem-se-lhe muitas contribuições á geologia do paiz, e quando aceitou o cargo de director do Museu do Serviço Geologico de Alabama, foi no intuito de fazer um estudo dos fosseis terciários daquelle Estado. No Brasil foi Herbert Smith quem fez as collecções de fosseis na vizinhança do Ereré, no Estado do Pará, e uma das collecções importantes de fosseis devonianos no Estado de Matto Grosso.

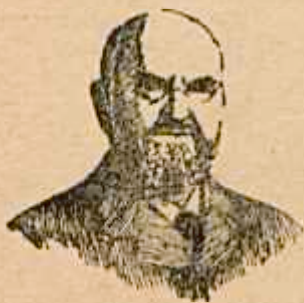
Da extincta Commissão Geologica do Império do Brasil agora sobrevivem apenas dois membros: o geologo Branner (*) e o engenheiro Wagoner.

No dia 22 de Março de 1919, ás sete horas e meia da manhã, H. Smith indo de sua casa, na villa de Tuscaloosa, Estado de Alabama, ao Museu da Universidade, teve de atravessar a linha de uma estrada de ferro, quando foi morto por um trem de carga. Desde moço, Herbert Smith era um pouco surdo, e parece provável não ter sentido o trem approximar-se naquella occasião.

Ner anno de 1880, H. Smith casou-se com Miss Amélia W. Smith, que o acompanhou nas suas viagens e nos estudos scientificos. Deixou-a viuva com um filho.

XVII

CHARLES A. WHITE



1 nome do Dr. Charles A. White ap-
parece apenas uma vez na bibliographia da geologia do Brasil. A contribuição por elle feita, porém, colloca-o entre os que mais têm contribuído para o conhecimento hodierno da geologia desse paiz.

O Dr. White nasceu em North Dighton, Massachusetts, aos 26 de Janeiro de 1826. Foi educado nos estados de Massachusetts e Yowa, tendo mais tarde concluído o curso de medicina no Rush Medical College de Chicago. O seu grande amor pela geologia, no entanto, privou-o de seguir a profissão de medico, para

(*) *N. da R.* — Branner, o autor destas notas, finou-se em princípios deste anno, nos Estados Unidos, como em tempo noticiamos.



assumir, em 1886, o cargo de geologo do estado de Yowa, cargo esse que occupou por 4 annos.

Depois disso, leccionou geologia por alguns annos, tendo sido professor do Bowdoin College, no estado de Maine, de 1873 a 1875.

Em 1875, foi pelo governo dos Estados Unidos nomeado paleontologista junto á commissão de geologos indicada por esse governo, tendo occupado esse cargo até 1892.

Foi por muitos annos director do museu nacional dos Estados Unidos em Washington, e é autor de um grande numero de valiosas obras e estudos sobre a geologia e a paleontologia da America do Norte.

O seu único trabalho sobre a geologia brasileira consiste no clássico volume VII dos archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro publicado sob o titulo de "Contribuições á Paleontologia do Brasil". Esse volume trata exclusivamente dos fosseis do periodo mesozoico, encontrados na grande maioria nos Estados de Sergipe, Pernambuco, Pará e Bahia.

XVIII

ARTHUR SMITH WOODWARD



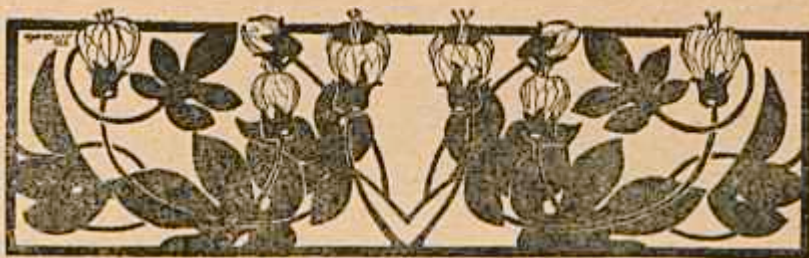
[H xcivPçÃo feita do admiravel trabalho de I—i Xvitnd, a obra mais importante sobre a paleontologia vertebrada do Brasil é escripta pelo Dr. Arthur Smith Woodward.

O Dr. Woodward nasceu em Macclesfield, Inglaterra, aos 24 de Maio de 1864. Foi educado no Owens College, em Manchester, tendo entrado em 1872 para o museu britannico. Em 1892, foi nomeado assistente do director de geologia do referido museu. Dedicou-se especialmente ao estudo da paleontologia vertebrada, em cujo ramo é reputado como uma daß mais celebres autoridades mundiaes.

Visitou o Brasil em 1896 tendo desde esse tempo dispensado grande interesse pelos vertebrados mais ou menos extinetos da America do Sul.

O Dr. Woodward é membro das principaes sociedades geológicas do mundo.





BRASIL - ARGENTINA

ITALO LUIZ GRASSI

A "Asociacion PRO-PATRIA, de Señoritas, de Buenos Aires, conmemorando o primeiro centenário da independencia do Brasil, promoveu a 13 de setembro ultimo, no salão azul da "Sociedad Nacional de Autores", uma conferencia de que se encarregou o sr. Italo Luiz Grassi, advogado naquella capital. Grande amigo do Brasil, aonde veio ha alguns annos com a Missão Universitária chefiada pelo professor José Leon Suarez, o illustre intellectual interessase sobremaneira pelas coisas brasileiras, não poupando esforços no pregar a amizade entre os dois povos vizinhos. A presente conferencia, que publicamos na integra, é prova bastante do que dizemos.

CONVIDADO pela distincta senhorita Elisabeth Howard Saavedra, para fazer uso da palavra neste simples e tocante acto de confraternização americana, assaltou-me a duvida: seria eu o mais autorizado para distrahir os presentes, com os artificios de minha modesta oratoria? A honra desta tribuna é superior a meus méritos, e acceitei a distincção que o uso da mesma comporta, com mais entusiasmo que confiança e fé no êxito da tarefa que se me incumbiu. Hei de declarar, desde logo, que, orientado desde muito joven na escola ideologica, cuja semente semeou e semeia, com mão pródiga, o meu querido e respeitável mestre, o dr. José Jeón Suarez, tocou-me a mim, quasi moço, a alta honra de representar a intellectualidade universitária argentina, na missão que, chefiada por meu mestre, levava em 1918, á republica irman do Brasil, a mensagem de cordialidade, a pa-



lavra affectuosa," o anhelô de confraternidade de classe pensante de meu paiz.

As honras, os delicados obséquios, as finas distincções, as gentilezas de que, naquella inolvidável circumstancia, fomos ob-
jecto, de parte das autoridades, dos intellectuaes e do povo bra-
sileiro, devo dizel-o aqui, com toda franqueza, quiçá tenham des-
viado o curso normal de minha vida, arrolando-me nesta avan-
çada, neste esquadrão dos propulsores e sustentadores da amizade
e confraternidade argentino-brasileira, de que sou o mais modes-
to soldado. E' com estes titulos (que expresso, não como mo-
tivo de vangloria, mas como um antecedente justificativo de mi-
nha presença neste lugar e neste momento) que venho distrahir
a vossa attenção, circumstancia que, além de me permittir a grata
satisfação de gosar, no mais profundo de minh'alma, o prazer
que sente quem cumpre um dever patriotico, me offerece, ao
mesmo tempo, a oportunidade de saldar uma divida de grati-
dão para com o nobre povo brasileiro.

Acaba de passar um século, a contar do momento em que as
margens placidas do Ypiranga, o tranquillo e doce rio paulistano,
ouviram, da liberdade de um povo, o grito augusto de "Independen-
cia ou Morte!" A exclamação commoveu o espelho do rio, his-
torico desde esse instante, e ensanchando-se o circulo das ondas
sobre a limpida superficie da limpha, foi morrer ao largo de
toda a terra brasileira, communicando a suas entranhas o santo
anhelo de liberdade. E a terra brasileira foi livre. Uma etapa
mais, para a liberdade de todo um continente — havia-se vencido.

E eis por que, senhores , nós nos reunirçõs hoje, para render
homenagem ao grande povo amigo, para associarmo-nos a seus
júbilos, para acompanhál-o ein suas alegrias, para expressar-lhe,
de manifesto e terminantemente, que suas alegrias são nossas ale-
grias, e que suas dores também são nossas dores.

O espectáculo que acaba de offerecer o povo argentino, que
se moveu, que se reuniu expontaneamente, para nomear seus repre-
sentantes encarregados de levar ás cidades brasileiras suas ex-
pressões de affecto e sympathia; que festeja o centenário do paiz
irmão, como si fosse uma ephemeride nacional, é, em si mesmo,
como acontecimento, único, quasi diria sem precedentes. Que
força occulta, que sentimento é o que move ás massas argentinas,
nesta magna expressão "de carinho e solidariedade? E' acaso a
consciência nova, que lentamente vinha se formando no seio do
povo, graças á dedicação e ao carinho que os apostolos do credo
da amizade argentino-brasileira têm posto, tanto num como nou-
tro paiz, na mesma empresa? Ou é que os acontecimentos do
mundo, com seus ensinamentos, apressuraram a elaboração deste



largo processo psychologico? E', quiçá, o sentido instinctivo das massas, que, livre de toda pressão extranha, entregue a si mesmo, sem prejuízos que envenenam, sem bastardos interesses a defender, encontrou por fim o fio conductor que, atravez do labyrintho das amarguras e das vicissitudes da luta de todos os dias, de todas as horas, se encaminha pela senda que conduz á anciada meta de felicidade e bem estar communs? Seja como fôr, o espectáculo é promettedor para o americanismo bem entendido, e é reconfortante para os que num e noutro paiz, realizam o duplo trabalho de entregar ao sulco da terra fecunda a semente da confraternidade, cuidando-a de par, para que as não devorem antes que germinem, com o que se perderia o fructo, e o labor teria sido esteril.

E' que, tanto a Argentina como o Brasil, plasmados por uma mesma determinante histórica, herdeiros dum mesmo typo de civilização, filhos de uma só raça, dividida pela mão da historia em duas soberanias distinctas, sentem e percebem a communiidade de origem, a unidade de seu tronco. Tão idêntica vae sendo a physionomia destes povos, que não se produz num delles acontecimento de certa importancia, de character colectivo, que não repercute no outro, immediatamente. Faz poucos mezes, lembriamo-nos todos, por motivo do centenário do grande patricio argentino, o general Mitre, governos e povos brasileiros exgottaram os recursos das manifestações cordeaes, e como signo ostensivo e duradouro desse movimento espirital, a estatua do prócer dirá, da soberba praia de Botafogo, a verdade dos sentimentos argentino-brasileiros.

Esta festa centenaria sentimol-a sinceramente, commove-nos de verdade, por que não tem, em seu significado para nós nem para nenhum povo da terra, um aspecto mortificante, nem um só ponto ingrato. Tanto a unidade territorial e politica brasileira, como a argentina, não são filhas de nenhuma imposição violenta; não são o preço que o vencedor impõe ao vencido no campo de batalha; a vida das duas nações não é a fraqueza nem a morte de nenhuma outra soberania. Ainda mais, ambos os paizes, em circumstancia histórica, se inspiraram no conceito honrado, na norma elevada, de que a victoria não dá direitos, ou melhor, *a Victoria, em si mesma, não é capaz de gerar direitos*. Sentimo-nos, também, argentinos e brasileiros, solidarizados pela identidade da odyssea e dos sacrificios nas largas lutas da independencia.

O descobrimento, a conquista e a independencia do Brasil constituem um thema historico digno de figurar, com todo o realce,



nos annaes das nações mais cultas. Que episodio mais interessante, na historia da civilisação, que essas cruzadas americanas dos "bandeirantes" dos séculos XVI e XVII?

A influencia da vida européa deteve-se, nos primeiros tempos da conquista, ao largo do litoral brasileiro. O interior desconhecido, região de lenda, de grandes riquezas occultas, moveu, entre 1531 e 1549, as primeiras incursões desses atrevidos e audazes bandeirantes paulistanos, que percorrendo as margens do historico Tietê, escalando as dilatadas e impressionantes serras da Mantiqueira, fundam cidades, em sua arremettida chegam até o território das missões hespanholas, contra as quaes fazem guerra, destruindo suas populações. Ao internar-se no territorio desconhecido, os bandeirantes, assim chamados porque desfraldavam como signal de guerra, uma bandeira, ou porque soiam formar secções de um terço, evitavam, sempre que lhes era possível, a matta, sempre perigosa. Conheceram os boqueirões, os escondidos "pasos abiertos", e quando um rio navegavel se oppunha á sua marcha, improvisavam, rapidas canoas. Por terra, seguiam os caminhos praticados pelos indios, ao largo dos barrancos e dos valles.

Caminhando quasi sempre descalços, vestidos em rigidos jubões, confeccionados com grandes pannos de algodão, com uma longa faixa de couro por cinta e cobertas suas cabeças com "sombros" de palha ou de couro, de amplas abas; internando-se cada vez mais, vieram a ser nas montanhas pharões gigantescos, guias fieis e seguros-nas rudes e asperas marchas atravez plainos, rios e mattas. Estes comboios, providos de mui escassa bagagem, algumas armas de fogo, e um ou outro utensílio agricola, tudo transportado sobre a cabeça dos indios, deram ao Brasil, pela audacia de seus componentes, pelo stoicismo com que supportaram penúria e soffrimentos, territorios immensos, cuja posse definitiva foi assegurada, mesmo contra a estipulação dos tratados e as ambições dos contemporâneos. Em busca de ouro, de pedras preciosas ou de escravos, os bandeirantes deixaram estabelecidas assim as grandes linhas de penetração da civilisação brasileira, e elaborados seus limites geographicos.

Mais tarde, ao finalizar o século XVIII, a pagina dramatica da conspiração mineira, episodio liminar das cruentas luctas pela independencia, com a acção das grandes figuras patrias, que suspiram pela liberdade de seu povo e por ella se sacrificam. Os louros posteriormente ganhos numa guerra justa, contra a tyrannia que se insinuava na America, com suas mais terríveis manifestações, constituem para o Brasil, esse thesouro, essa herança moral, que faz dos povos, não um agrupamento de homens, espiritualmente dispersos, mas um conjuncto humano, perfeitamente defi-



nido, com uma physionomia que o caracteriza, com uma tradição que o eleva, e um sello de cultura que o dignifica.

Seja-me permittido, n'este acto, exaltar a figura sublime do heroe e santo da conspiração brasileira, que, inflammado pelo divino fogo do amor á sua terra e a seu povo, deu-lhes tudo o que podia dar á grande causa : sua vida.

A cobiça dos invasores, o despotismo dos funcionarios, as immoralidades no governo da Colonia, a dureza e a soberbia com que a Metropole orientava a acção sobre seus dominios da America, elaboraram, em largo processo, na alma dos nativos, o sentimento da nacionalidade e o anhelos da independencia. Passada já á categoria das tentativas frustradas, a revolta mineira de 1720, tardava apparecer, no scenario da Colonia, o génio da liberdade, o precursor que, com seu sacrificio, incendesse a revolução. Era mister o homem, que levasse ás ruas o que apenas se balbuciava nos salões, nas tertúlias dos literatos, na intimidade dos lares. Esse homem indispensável, surgiu. Liavia de pertencer a essa categoria de individuos extraordinários, pouco communs na historia, quasi sempre desafortunados em suas empresas, porque se erguem excessivamente, quiçá, sobre o manso nivel da collectividade. Esse homem, modesto filho do povo, nascido numa obscura aldeia do actual Estado de Minas Geraes, na villa de São João d'El -Rey, dotado de um coração, com tanto ouro puro em suas entranhas como o que encerra a pedra do famoso morro ante o qual abrija seus olhos, foi Joaquim José da Silva Xavier, appellidado Tiradentes, em razão de suas occupações, pela gente simples da comarca.

Entregue á arte dentaria — diz autorizado historiador brasileiro — que exercia com grande habilidade e perfeição, Silva Xavier percorria a então Capitania, vendendo ao mesmo passo, objectos meudos. Figura curiosa, também praticava a medicina ambulante, em regiões em que só dessa forma lhe era possível pôr a serviço dos doentes os conhecimentos que adquirira no Rio de Janeiro. Com semelhante meio de vida, Tiradentes, em contacto directo e continuo com o povo, teve de conhecer de perto a oppressão, as violências e os vexames de que este era victima, e havia de ouvir as queixas amargas que, em voz baixa, se articulavam em toda a parte, sem que ninguém tivesse ousadia de fazel-as publicas. No seio dos conjurados de 1789, contavam-se homens illustres, poetas, homens de sciencia, sacerdotes, militares. Tiradentes, por sua coragem e sua decisão, sua vivacidade, sua intelligencia brilhante, não só foi o inspirador genial da conjuração, o cerebro que



dirige, mas também, de facto, o chefe indiscutível, fonte de conselho, juiz que havia de proferir em definitivo toda a decisão dos conjurados. Um autor brasileiro disse de Tiradentes, que se transfigurava quando falava do povo oprimido, quando falava da Pátria villipendiada e violentada.

Tudo preparado, disposto o plano de acção, assignalada a missão que a cada inconfidente correspondia no momento em que se julgara opportuno obrar, tocou-lhe, a Tiradentes, a parte mais difficil. Devia sublevar o povo de Villa Rica, acompanhado pelo qual percorreria as ruas, aos gritos de — Viva a Liberdade! O coronel Paula Freire, conjurado, accudiria á frente de seus dragões e simulando uma repressão da revolta, fraternizaria com o povo. Contra o Visconde de Barbacena, governador geral da Capitania de Minas, nada se faria, devendo ser conduzido ao Rio de Janeiro. A republica seria, assim, proclamada. A 'delação, porém, entregou á perfidia do conde de Barbacena, os infelizes exaltados. Depois de largos interrogatorios, de vexações sem conta, quebrado e abatido o espirito dos patriotas, destruído o seu moral, as confissões e as desculpas minoraram o rigor da ultima pena, para desterro e prisão perpetua dos inconfidentes. Só para Tiradentes não houve clemencia. O fiel e integerrimo conspirador devia ser conduzido pelas ruas e ser executado; seu corpo seria esquartejado, devendo ser levada sua cabeça para Villa Rica; Elie, seus filhos e seus netos foram declarados infames; seus bens confiscados; sua casa arrazada, seus terrenos salgados. A 21 de Abril de 1792, ante a consternação do povo do Rio de Janeiro, foi executado, o único para o qual a bondade da rainha Maria I havia se extinguido. Desde esse momento, Tiradentes foi definitivamente consagrado chefe desafortunado do movimento libertador, não só pela grandiosidade moral de sua figura, mas porque assim o impunha a própria monstruosidade da condemnação.

Em Ouro Preto, a antiga Villa Rica, no mesmo lugar em que fôra exhibida a cabeça de Tiradentes, se levanta hoje um monumento, ao pé do qual, em letras de bronze, se lê o protesto da posteridade: "Neste lugar de infamia, foi exposta sua cabeça." Que emoção, que perturbação espiritual para quem, conhecendo o drama desta vida, contempla hoje a estatua do martyr! Os membros da Missão Universitária Argentina, experimentamol-a em 1918, quando depositamos no pedestal da estatua, uma corôa de flores, como recordação e como offerenda do povo argentino.

Detive-me um tanto sobre este episodio da historia brasileira, porque constitue uma formosa pagina do heroísmo civil, e porque,



EXPOSIÇÃO NACIONAL



Parque Interno do Palácio das Indústrias.

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Inauguração Oficial da Exposição.

ao commemorar o faustoso dia da grande data brasileira, seriamos injustos, não fazendo resaltar o importante papel que a conjuração mineira desempenha nos actos e acontecimentos que prepararam a revolução.

Em plena vida independente, o Brasil offerêce o formoso espectáculo das luctas e das campanhas dos grandes varões, desses espíritos selectos, que em face do egoísmo dos potentados, em face do proprio poder da côrte, desfraldam a grande bandeira da abolição, da suppressão da escravidão. Evoquemos a memoria daqueles evangelizadores do abolicionismo, que se chamaram Joaquim Nabuco, José do Patrocínio! Inclinem-nos ante a personalidade desse ancião glorioso, RUY BARBOSA, que, em seu leito de enfermo, acaba de receber a homenagem de admiração e respeito, dos embaixadores de cem povos livres da terra!

A passagem da forma monarchica para a republicana de governo, ultimo acontecimento historico do paiz amigo, constitue um signo de honra para o povo que a realizou e uma causa de orgulho para os espíritos que a idearam. Preparada com toda a paciência e sabedoria pelos grandes cerebros republicanos, sem derramamentos de sangue, quasi, sem uma nota cruel, sem uma violência esteril, sem uma dôr desnecessária, o Brasil obteve o que outros povos só conseguiram, depois de derramado muito sangue irmão, depois de grandes lutos e cruentos dissabores. A forma republicana de governo contribuiu efficazmente para que o Brasil entrasse sem receios nem temores, nesta grande familia das jovens democracias sul-americanas.

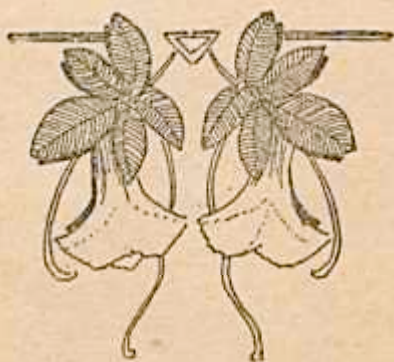
José Henrique Rodó disse em ARIEL, esse livro amigo, que acode fatalmente ao cerebro, sempre que pensemos em coisas da America, num de seus mais bellos paragraphos: "Todo o que se consagre a propagar e defender na America contemporânea um ideal desinteressado do espirito — arte, sciencia, moral, sinceridade religiosa, politica de idéas — deve educar sua vontade no culto perseverante do porvir. O passado pertenceu, todo inteiro, ao braço que combate; o presente, pertence, quasi por completo, também, ao tosco braço que nivela e constrói; o porvir — um porvir tanto mais proximo quanto mais energicos sejam a vontade e o pensamento dos que por elle anceiam — offerecerá, para o desenvolvimento de superiores faculdades da alma, a estabilidade, o scenario e o ambiente."

Discípulos desse bello ideal do mestre, sobre esse terreno fer-



til, sobre este fresco e alegre campo do porvir, sigamos esparzindo, ao largo dos sulcos abertos, a semente fecunda da paz e da concordia americana, da qual obteremos opimos frutos, com que assegurar a cada vez mais prospera e sorridente vida material e moral de homens e povos.

Façamos votos para que a centúria que começa seja para o Brasil e para os irmãos da America, o tempo ditoso, a era dourada da realização de todos os anhelos, da conquista de todas as esperanças.





EVOLUÇÃO ESPORTIVA

FERNANDO DE AZEVEDO

A situação actual da educação physica 110 Brasil — A influencia de São Paulo no esporte nacional — A nossa organização esportiva e a necessidade c os meios de reformal-a — Outros dirigentes c novos processos — O exemplo do Uruguay — O que valeu a nossa acção na olympiada do Centenario.

Transcrevemos d'"O Estado de S. Paulo", cujas palavras a respeito do autor fazemos nossas:

Agora que está praticamente terminada a grande olympiada sul-americana com que se pretendeu commemorar o Centenario; agora que a atenção do grande publico está toda voltada para as questões que delia se originaram e que fazem a nossa evolução esportiva atravessar uma verdadeira e séria crise moral, julgamos util e interessante fazer conhecer aos leitores do "Estado " o que sobre o assumpto pensa uma das mais competentes e esclarecidas autoridades nacionaes sobre a matéria.

Para isso dirigimo-nos ao dr. Fernando de Azevedo, o applaudido autor de dois livros que têm importancia primordial na nossa educação physica e que constituem obras de referencia que honram a bibliographia esportiva em lingua portugueza. E de s. s. obtivemos a seguinte entrevista, na qual fêre ao vivo as questões de maior valor e importancia, mostrando-nos não só o que se vem fazendo de mau e de errado, como, também, o meio pratico de corrigir todos os enganos até agora praticados. Não se trata, pois, de um simples trabalho de critica pessimista e destrutiva. Trata-se, principalmente, de um grande programma de reforma e construcção.



*

Não julga que o Brasil entrou definitivamente na phase da cultura de muitos esportes? O que prenuncia delia?

— Esta convicção de que já entrou definitivamente nos hábitos de nossa mocidade a cultura esportiva tenho-a desde que o futebol, hoje tão malsinado, ganhou as sympathias populares. Bem sabe você, que é entendido nessa matéria, ter sido sempre o papel dos jogos por turmas, inclusive na Inglaterra, onde enchem os programmas de educação physica, deixarem o passo aberto ao dominio das provas athleticas, em que, por certo, a affirmação vigorosa e serena da individualidade não se arma ao effeito theatral e emocionante das provas collectivas. O que me parece desenhar-se agora neste movimento que, ha mais de vinte annos, dos fôcos admiraveis das sociedades esportivas se irradiou aos poucos pelo paiz inteiro, é uma época em que o futebol e os demais jogos por turmas, de origem anglo-saxonia, passem para o segundo plano e deixem o primeiro á pratica da atletica (ou athletismo, como vulgarmente se chama), em que a educação physica adquiere suas formas mais harmoniosas e efficientes. E esta época virá a passos tanto mais apressados, quanto mais empenharem as sociedades, em favor da renovação da mentalidade esportiva, os seus recursos e o seu prestigio, que se formou por uma sequencia longa de esforços benemeritos e não ha de se consolidar senão enfraquecer, com a faculdade negativa de entrar esse processo evolutivo da educação physica.

Que pensa do papel de São Paulo no progresso da educação physica nacional?

— Vejo que está ansioso por chegar ao ponto a que o assumpto me conduzia. O papel de S. Paulo, já preponderante ao dos outros Estados, na divulgação dos esportes, em geral, assume proporções de maior vulto ainda no tocante á "renovação do ideal esportivo", que a muitos pareceu parar na pratica do futebol. Pois não foi em S. Paulo que se realizou a primeira corrida de 25 kilometros, por iniciativa da edição da noite do "O Estado"? Não foi aqui que se correu, com êxito, a nossa primeira marathona? Não foi aqui também que ha 4 annos começou a esboçar-se esse movimento salutar em favor do athletismo grego, que tem sobre os outros a vantagem incontestável de ser mais "humano" e mais adaptavel a um paiz como o nosso, em que a educação physica deve tender a fundar a sociedade, não "sobre o grupo" (pelos jogos por turmas), mas "sobre o individuo" que conta comsigo mesmo (provas athleticas)?

Os esportes anglo-saxonios se formaram e desenvolveram num paiz como a Inglaterra, onde se procurou, instinetivamente, por elles despertar a força expansiva do enthusiasmo e o "espírito de collaboração" naquella mocidade em que o "espírito de iniciativa individual" e a serenidade pertinaz da acção constructiva são um patrimônio de sua própria raça. Ora entre nós o que é preciso corrigir não é, já se vê, a "hypertrophia da personalidade", senão o habito inveterado de contarmos, em tudo, com o apoio alheio, a "confiança exclusiva no grupo", de que tiramos as nossas forças e de que nos fornece exemplo gritante a própria vida politica do paiz. Dahi, na formação da educação physica nacional, o importantíssimo papel de S. Paulo, em que o espirito do athletismo grego (arremesso do dardo e disco, corrida, salto e luta), não se originou nas sociedades espor-

tivas, que, no entanto, já se vão interessando por elle, mas "fôra e ao lado delias", na imprensa e no livro, ao contrario dos esportes anglo-saxonios, cujo desenvolvimento foi sua iniciativa e ainda é sua gloria.

Julga que a actual organização do esporte lhe assegura o máximo de efficiencia? Que ha necessidade de reformal-a? Como? Porque?

— Ou estou redondamente enganado — e não seria a primeira vez nem a ultima — ou não ha, em verdade, em nosso paiz, nada que se possa baptisar de organização do esporte, como sua pergunta inculca. O que por ahí campeia com esse nome não passa de um arremedo de organização, cujas consequências desastradas não ha quem não veja, nem falta quem" não tenha sentido. Mas, demos de barato que haja organização e neste caso, o que é preciso não é reformal-a, mas refazel-a. Pois quando se fez por aqui uma estatística séria de sociedades esportivas? Onde se organizaram estas em federações estaduaes de bases solidas? Responda-me alguém a estas perguntas: Quantos clubs temos em pleno funcionamento? Qual a fê de officio de cada um e quaes as suas possibilidades economicas e technicas? O problema da organização se ha de atacar, pois, pela criação de federações dos clubs esportivos existentes dentro de cada Estado. Nunca pude comprehender uma Confederação Brasileira de Desportos, sem a organização prévia de federações estaduaes que seriam as partes componentes e a força daquella.

O que se fez (e dahi o que se vê e se lastima) foi pôr diante dos bois esse carro emperrado, que, mesmo com os bois á frente, não fôra tão fácil arrastar pelos caminhos ásperos ou escorregadios, a que o tem jogado, aos trancos, a prepotencia de carreiros habituados a vêr no agulhão de seu arbitrio a vara magica, com que se aplainam estradas... Forme-se, pois em S. Paulo, que deve dar o exemplo e abrir a porta á organização de federações em todos os Estados, uma grande federação esportiva, com a sua comissão technica, a sua séde, para cuja installação e conservação concorram todos os clubs com annuidades suficientes; e então, só então, se organizará solidamente uma confederação dessas federações, que assim formadas, em cada Estado, constituirão, cada uma delias, o elo de uma cadeia difficil de romper. Mas, para isto, já se vê, é básico e primordial levantar o recenseamento das sociedades esportivas estaduaes e uma estatística com os dados precisos sobre a data de sua fundação, o numero de socios, os recursos economicos das sociedades, os estatutos que as regem e as installações e praças de esportes, que possuem.

Como pensa que se poderia remediar essa apparente decadência moral do esporte no Brasil? Em que causas pensa que se fudamenta ella?

— Fixemos, antes de tudo e de corrida, o mal, que não é apparente mas verdadeiro, e as causas que o originaram, para depois indicarmos a sua medicina, que deve ser urgente e especifica. Existe, de facto, a "decadência moral" do esporte e não é com pannos quentes e aguas mornas que se ha de curar essa postema que já rebentou cá fôra. As causas ao parecer se reduzem ás seguintes: 1.º) a incapacidade dos actuaes dirigentes quanto ao manejo dos negocios (parte administrativa) e á solução de problemas (parte technica) em que entram em jogo os altos interesses da vida esportiva do paiz; 2.º) o erro dos clubs em transformar em "fontes



«de renda», quando não deviam passar de uma especie de ajudas de custo, as entradas elevadissimas para os torneios esportivos; 3.º) o profissionalismo, que se alastrou no dominio dos esportes e de que não têm culpa os jogadores, mas os clubs, que, fazendo dos torneios um "espectacub para renda", inculcam naturalmente nos jogadores a convicção de que não devem "trabalhar" de graça...; e 4.º) a explosão de animosidades inconfessáveis, com que os clubs dentro, de um Estado, e o que é mais de lamentar, de "estado para estado", á força de se hostilizarem, dão a impressão triste de um sacco de gatos, com cujos bufidos e arreganhos fica o povo a divertir-se fóra... Está no espirito de todos o acolhimento que aos paulistas deu o Rio de Janeiro, que aliás para conservar a sua posição saliente na vida esportiva do paiz, não precisava saracotear com aquellas escaramuças desabridas....

Não é esta, de facto, a situação anormal? Não são estas as causas principaes, que a determinaram e a sustentam? Logo, para eliminar o imal, não se ha de aparal-o, com reformecas, muito pelas ramas, mas arrancar essas raizes, que com o tempo se vão tornando mais profundas... Em primeiro logar a direcção dos esportes no Brasil deve passar dessas mãos incapazes de menear negocios, desmaranhar intrigas e o que é mais, de empunhar o leme da educação physica nacional, para as de homens com força moral e cultura technica bastante para tratarem a educação physica como ramo de hygiene, desipertarem pelo esporte, com que se augmenta o capital biologico da raça, o interesse dos poderes públicos, e realisarem, sem idas nem vindas, sem avanços nem recuos, um programma administrativo technico, em que occupem a ultima e menor parte as ridicularias e comezainas... O que importa, pois, e antes de tudo é a "reforma de pessoas", na direcção, que para ser util deve trazer uma "reforma de processos". E' preciso não perder de vista que, na direcção se hão de mudar "as pessoas", para mudar "os processos", e para isto se ha de aproveitar, por todas as vias, uma acção conjunta dos "valores substantivos", isto é, valores que subsistam por si mesmos e independam do prestigio emanante das sociedades esportivas.

Ora, ao leme da vida esportiva nacional devem ser escaladas pessoas com créditos de cultura technica e geral e com a visão clara do problemas «de educação physica. Dahi a conveniência de se entregar a direcção das federações não a "representantes" de clubs, mas a pessoas competentes, que, não pertencendo effectivamente a "nenhum", se interessem de verdade "por todos" e possam, desta fôrma, tomar as medidas exactas áj necessidades de cada club, olhar para ellas de perto, sem, no entanto, deixarem de ver as coisas a vulto no que importa não a um club particularmente, mas ao interesse colectivo dos clubs e da sociedade. Quem por exemplo norteia a educação physica nacional da Argentina? Romero Brest, uma das maiores autoridades nesta matéria, nas duas Américas. Quem a dirige na França? Pierre de Coubertin, restaurador dos jogos olympicos e escriptor brilhante, e Felipe Tissié, conhecedor notabilissimo da educação esportiva. E aqui?... Mas, não pode ficar nisto a reacção contra a decadencia moral do esporte e dos clubs, cujo prestigio é abalado nas suas bases pelo profissionalismo, que as vae minando insensivelmente até affectarem a solidez de fabricas tão úteis e harmoniosas.

O problema de nossa organização esportiva não pôde, por complexo, ser resolvido de um lance, mas ha de ser atacado, não a torto e a direito, mas por partes, segundo um plano, que seja previamente traçado e realisado sem interrupções e saltos, e em que deve ser a preocupação obsidente dos homens do leme a organização das federações; a unificação dos regulamentos esportivos; a criação de bibliothecas e museus, nas sédes dos



clubs e das federações estaduais; a associação dos esportes e das artes, segundo a formula das palestras antigas; a construção de um estádio; a introdução definitiva, nos hábitos da mocidade, do atletismo grego em todas as suas fôrmas; o desenvolvimento dos esportes náuticos (nadar e remar) e enfim a restauração, depois de sua estylisação technica, das fôrmas esportivas tradicionais como a capoeira, ao lado dos esportes de luta e esse admiravel jogo do "zicunati", cujas turmas vão encontrar-se no Rio para a disputa do primeiro torneio do grande esporte de criação indígena. Mais uma suggestão para terminar. Por que, por exemplo, não hão de realizar aqui em São Paulo, de quatro em quatro annos, festas athleticas como a que se realisou a 11 de Maio de 1911, em Pariz, e que foi no testemunho do barão de Coubertin um espectáculo de "eurythmia" verdadeiramente antiga? Pois, descreve elle, "foi, de noite, que se effectuou, ao resplendor das tochas, no admiravel pateo do palacio da Sorbonne, em Pariz, aquella obra magistral de belleza. Os movimentos dos atletas nus, os côros invisíveis, uma pyrotechnica simples mas grandiosa, enfim, a representação de um acto composto para as circumstancias por Maurice Pottecher, o fundador do Theatro do Povo, que se intitula "o philosopho e os atletas". Esta festa deixou no espirito de todos os espectadores a memoria de uma radiante collaboraço do atletismo e das musas".

Como explica o facto de o atletismo particular do Brasil, datando de pouco mais de dois annos, vencer o atletismo official do Uruguay datando de cerca de 20 annos?

— O Uruguay, como sabe, tem desde 1905 organizada oficialmente a educaço physica num plano cujas linhas geraes incidem com as da educaço physica argentina. Não foi surpresa para mim o resultado do atletismo official uruguayo, que está sob a influencia directiva de technicos estrangeiros, quando a educaço physica argentina não foi somente lançada "em bases nacionaes", mas dirigida, desde 1904, por "autoridades nacionaes" e executada por professores diplomados nesse "viveiro nacional" de technicos e atletas, que é o Instituto Superior de Educaço Physica. Espero que com este exemplo evite o Brasil metter-se fã dansa americana com os uruguayos, aos quaes melhor estivera procurar em seu meio orientadores de sua vida esportiva e que tiveram medo de entregar a direcção e execuço a nacionaes, não o tendo de por si mesmos planear uma obra a muitos respeito notável.

O que pensa da fundação e do funcionamento de um "comité" olympico latino-americano, para propaganda do olympismo na America do Sul?

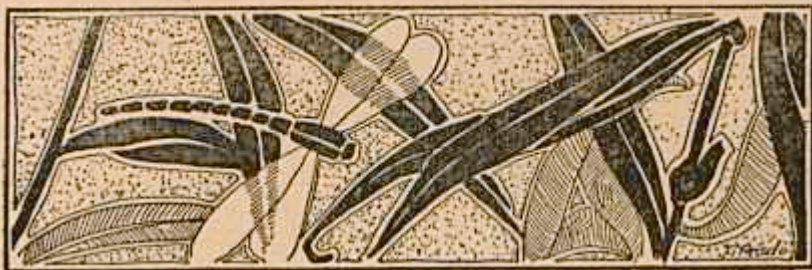
— Melhor do que eu, bem sabe que a organização olympica abrange o Comité Internacional Olympico composto de um a tres membros por paiz e criado por suggestão de Pierre de Coubertin, que é seu presidente pelo terceiro decennio e os Comités Olympicos Nacionaes ligados e subordinados áquelle e com um representante por paiz. Bem se vê que falta aos paizes latino-americanos um Comité Olympico cuja fundação é, a todos os aspectos, sobre utilíssima, opportuna e no qual o prestigio do Brasil depende da largueza e segurança de vistas como do tacto de quem nelle o representar. Se fôr, porém, para mandar ao seio do comité um papa-jantares, é melhor não nos interessarmos por elle, o que, neste caso, vale o mesmo que nos interessarmos pelo nosso paiz...



Que importancia e alcance attribue aos jogos olympicos que acabam de ser disputados no Rio de Janeiro. Do ponto de vista nacional? Do internacional?

— O Brasil fez e não fez figura ridicula nestes certamens olympicos que foram disputados no Rio de Janeiro. Do ponto de vista technico pôde orgulhar-se das victorias surprehendentes no pentathlo, no arremesso do dardo e nas provas nauticas em que tres de nossos athletas, apesar de nossa falta absoluta de organização esportiva, honraram — e por que não dizel-o? — salvaram o nome de seu paiz. Ora isto de o Brasil ter levantado tres palmas e das mais difficeis de conquistar, quando não suppunhamos ainda figura para representar no grande theatro, em que appareciam turmas escolhidas e aparelhadas de athletas respeitáveis, foi uma esplendida surpresa para estrangeiros e uma boa lição para muita gente que, entre nós, anda a remoer o estribilho da decadencia da raça. Quanto ao mais, fez figura triste e nem sei eu como o bastão dos dirigentes do esporte nacional ha de despir o crepe, com que o enlutaram os últimos episodios dos jogos latino-americanos, e em que lhes deram mais um laço as mãos do autor do projecto contra as partidas internacionaes do futebol... Quanto ao ponto de vista internacional já passou o tempo de se desatarem com os pés os laços de amizade (!) atados menos pelas mãos da diplomacia do que pelas do interesse reciproco que têm os paizes de viver em boa paz... Ademais "um pouco de necedade e de estulticia a seu devido tempo, vale mais, lá dizia o bom padre Manuel Bernardes, do que os pontos de honra e os créditos da sabedoria"... Mas note-se bem, um pouco... e a seu devido tempo. O que, no dominio dos esportes, fizemos a mais, "de necedade e estulticia", já passará da conta...





A LITERATURA NACIONAL NO ESTRANGEIRO

O PROBLEMA DA RAÇA NEGRA NA AMERICA PORTUGUEZA, por Nina Rodrigues e Oscar Freire.

A "Revue de l'Amerique Latine", numero de 1 de Outubro ultimo, insere a seguinte nota, sob a rubrica "Revistas e jornaes da America Latina:

"Na "Revista do Brasil" (Julho 1922) o sr. Oscar Freire publica um capitulo da obra ainda inédita e inacabada de Nina Rodrigues sobre o "Problema da Raça Negra na America Portuguesa". O sr. Oscar Freire põe em ordem e organisa os documentos que o sábio professor da Faculdade da Bahia havia recolhido acerca dessa interessante questão. Seis capítulos estavam já escriptos. O que nos revela a "Revista do Brasil" diz respeito ás sobrevivencias totemicas: festas populares e folclore.

"A sobrevivência dos cantos, das dansas e de certos costumes, como o de limar os dentes, é muito curiosa de observar-se, no Brasil principalmente, onde o trafico foi feito em grande escala. Esse costume de certas tribus do centro da Africa, de limar os dentes, tinha sido julgado pelos primeiros viajantes uma prova de sua antropophagia. O tenente de Grand-pré, que foi capitão de trafico, não via nisso, em 1787, mais do que um costume extravagante, sem o explicar. Frazer indica o fim que o costume visava: assemelhar ao gato ou ao crocodillo, quando os "totems" da tribu representavam esses' animaes.

Sendo os negros, no Brasil, escravos a principio, e actualmente regidos pelas leis do Estado, não puderam organisar-se sob o regimen dos "totems", mas tel-o-iam feito se fossem livres. Descendentes dos Bonis, negros provenientes do golpho de Benin, provavelmente da Costa dos Escravos ou da Costa do Ouro, tornando-s independentes na Guyana, constituíram-se, uma vez livres, em classe totemica.

Conservaram igualmente numerosas festas populares e os cantos que a tradição oral lhes transmittiu. E' curioso comparar os "Cantos Populares" recolhidos por Sylvio Romero, em 1897, com os que os viajantes afri-



canos, como Ellis, nos transmittiram. Não se esqueça que negros de todas as categorias eram vendidos como escravos, mesmo principes, como aquelle chamado Tati, de Malembe, filho do mafuc Vaba, a terceira personagem do reino, embora fosse irmão paterno do rei de Cabende. O sr. Desponte, capitão de um navio mercante, que o vira na sua infancia em casa do mafuc seu pae e que ficou todo surprehendido de o reconhecer um dia, conduzindo um carro de bois ao Cabo Francez, apressou-se em compral-o e restituil-o á patria, • onde elle se tornou immensamente rico. Em reconhecimento ao seu bemfeitor elle adoptou o nome de Tati Desponte.

O tenente de Grandipré, que nos conta esta tocante historia, fal-a acompanhar de um bello desenho representando Tati Desponte em maca, rumo de sua pequena terra. (*Voyage à la Côte Occidentale d'Afrique*, Paris, 1801).

TROPAS E BOIADAS, por H. Carvalho Ramos.

Publica a mesma revista:

Nascido em 1895, em Goyaz, capital do Estado, fallecido em 1921, o autor de "Tropas e Boiadas" era um letrado de extensa cultura, que deixou inéditos "dois pequenos volumes de bella brosa, ao gosto um pouco morrido de Baudelaire, Mallarmé e Samain. Deste ultimo, accrescenta o estudo-prefacio do sr. Gomes Leite, traduziu com bastante carinho lindos versos."

Não obstante, voltou-se para o estudo directo' das coisas e da gente de sua terra natal, e sua collectanea de contos mestra que, nisto, brilhou. Viveu voluntariamente temporadas no sertão, para ver, para fazer falar a gente do interior e para meditar sobre suas confidencias. As historias de apiparição, as aventuras mysteriosas que constituem o thema de alguns de seus contos, thema obrigado, pois que o mysterio impregna profundamente a alma dos habitantes do interior — modelou-as de maneira differente da dos nossos assumptos analogos ou da dos mestres do seu paiz. Bastou-lhe esboçar variantes da vida, que são o melhor recurso do contista, e ultrapassam todos os artificios do mistêr. Da mesma forma, os personagens que pinta são duma nitidez chocante, devido á brevidade do traço que evoca sua psychologia de primitivos, e, mesmo quando o drama é violento, a concisão do seu talento contribue para mostrar, na sua verdadeira ambiência, uma natureza onde a morte de um homem é nada.

Manoel GAIHISTO.





*Fernando Nobre — AS FRONTEIRAS DO SUL — Off. Gr.
Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.*

A jurisdição das águas do Prata e a Ilha de Martin Garcia constituem desses seculares problemas internacionaes que pesam sobre nações convisinhas, ameaçando-lhes a tranquillidade. Os estudos a respeito sõem apaixonar de parte a parte, comprometendo assim a imparcialidade do julgamento final. Ora, na pendencia secular entre a Argentina e o Uruguay, tendo sido interessado directo o Brasil, o esclarecimento delia depende, em ultima analyse, do conhecimento da nossa Historia, estando, pois, em evidencia a situação favoravel do brasileiro para estudal-a. E' o que acontece com o sr. Fernando Nobre.

Brasileiro, conhecedor profundo de nossa historia colonial, especialmente relativa aos paulistas e ás bandeiras, tendo, ademais, residido no Prata, mais que ninguém estava o auctor de "As fronteiras do Sul" em condições de bem estudar o caso. E' o que nota, em prefacio, o dr. Clóvis Bevilacqua, eminente internacionalista, que nestes termos se exprime:

"Reunindo essas condições, pôde Fernando Nobre cinzelar paginas, que são projecções luminosas a esclarecer as obscuridades da politica em torno do Rio da Prata.

As suas theses sobre Martin Garcia e a jurisdição das águas do Prata, ficam, depois da leitura do livro, definitivamente implantadas nas consciências límpidas.

E da sua esperança, de que a generosa alma argentina se encarne num homem de prestigio que, superior a preconceitos, abra o caminho á justiça, todos devemos compartilhar."

A questão do Prata, em resumo, é a seguinte: o Uruguay disputa á Republica Argentina, o condomínio do Prata e da sua ilha. A nossa interferencia na discussão cessou com a solução do litigio de Missões, na qual se estabeleceu a verdade sobre as combinações luso-castelhanas referentes á colonia do Sacramento. Restam em campo as republicas do Sul, como interessadas directas.

A prioridade na posse e colonisação de Martin Garcia, reivindica-a o sr. Fernando Nobre para os portuguezes, isto é, os paulistas que a povoaram e lhe sustentaram, durante séculos, as guerras. Dahi, atravez da diplomacia portugueza e, depois, brasileira, até nossos dias, o auctor sustenta os direitos da antiga Província Cisplatina á coparticipação no domínio das águas e terras litigiosas.

A documentação histórica é exhaustiva. Destacam-se as paginas referentes aos bandeirantes e o capitulo sobre Alexandre de Gusmão, o genial chanceller paulista de D. João V, predecessor e inspirador de Pombal.

Tito Marcondes — NAUS ERRANTES — Ed. "Novidades" — Santos — 1922.

A secção editora da Agencia Novidades, de Santos, é uma realidade. Aos vários volumes que já tem editado, accresce agora mais um, que, pela impressão e factura, nada deixa a desejar.

"Náus errantes" é o livro de Tito Marcondes, joven poeta, cuja es-tréa se faz auspiciosa. Na avalanche dos maus versos, que todos os dias se abate sobre a mesa do noticiarista, livrinho como este é um pedaço de crystal que se desprende da mole obscura. Em muitas das suas paginas, os versos são bons. Têm musica, têm rythmo e têm poesia. Não raro, a sua phrase tem personalidade, demonstrando o dominio do idioma pelo auctor. Ademais é claro e transparente, como na linda profissão de fé :

PORTICO

Musa, que o portico singelo,
de vãos ornatos destituído,
seja, entre todos o modelo
seguido.

Simplicidade encantadora,
encantadora singeleza l
Único emblema de grandeza
sonora l

Toca com os teus dedos de arminho
a pobre penna com que escrevo;
a Perfeição é ao teu carinho
que devo...

Merece destaque o soneto "Praia de saudade" :

Ha no vago rumor destas aguas, o encanto
cheio do almo dulçor daquela paz de outr'ora;
aqui foi que me viste e que te vi; no emtanto,
nada mais nos ficou de tanto amor, Senhora.

Quebram-se ondas na praia; e o céu, que se descora,
tem o triste pungir de acerbo desencanto;
todo o passado azul vejo e relembro agora,
escutando o fragor destas aguas em canto.

Trago do sonho morto uma lembrança viva...
Doces recordações numa penumbra esquivada,
este céu, esta praia, este mar, estas fraguas...

Lança agora um olhar ao passado risonho:
ha de falar-te a voz daquelle grande sonho
no remoto fragor cantante destas aguas.



*Osorio Dutra — O PAIZ DOS DEUSES — Ed. Leite Ribeiro
— Rio — 1922.*

Depois que Pierre Loti viu o Japão e escreveu "Madame Chrysanthème", tornou-se aspiração de todo escriptor moço... ter visto o Japão e ter escripto "Madame Chrysanthème". Tudo mais pareceu vulgar e indigno de letras. Mas nem todos podem ver o Japão e a auctoria de um livro é uma só: cfuem o fez, fez e ninguém mais o fará. Só por isso não morreu então a literatura. Do contrario, ahi teriamos um eterno paiz de samurais e chás e cerejeiras e geishas, a monopolisar prêlos e bibliothecas.

Em todo caso, sempre ha uns mortaes felizes que viram o Daibutso de Nara, o lago Biwa, os templos de Kioto e os encantos de Nikko e é assim que, mesmo no Brasil, temos já uma pequena literatura japoneza. O sr. Osorio Dutra se conta entre esses venturosos peregrinos do "Paiz dos deuses", como nos provam as trezentas paginas deste bello livro.

Prefacia-o João do Norte, que diz do auctor: "Não escreve, com propriedade e com capacidade de agradar ao leitor, sobre os paizes por onde anda quem quer; mas quem naturalmente possui os dons necessários para tanto." E o inclue, com justiça, entre os bons viajantes, que "vêm, observam, estudam, amam aquillo que viram."

O volume, muito bem cuidado, é devido aos editores Leite Ribeiro, do Rio.

Instituto Geographico e Historico — REVISTA — Bahia 1922.

A Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, numero 47, é quasi toda ella dedicada á memoria do professor Carneiro Ribeiro, não ha muito fallecido. E' uma piedosa homenagem ao preclaro mestre da lingua, sobre quem escrevem o prof. Bernardino José de Souza, dr. Homero Pires e dr. Accacio França.

O volume, em suas seiscentas paginas, contem ainda: "Resumo chronologico e noticioso da Provincia da Bahia", por José Alvares do Amaral e commemoração do sacrificio de Joanna Angelica, além de varias illustraçõeí referentes ao texto.

Leonardo Pinto — CONJUNCCÕES — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1922.

O sr. Leonardo Pinto, professor de portuguez, reúne cm volume as suas "notas elucidativas e exercicios práticos", respeitantes á conjuncção e muito úteis ao estudo da lingua.

Em perto de setenta paginas, o auctor compendia o que de mais interessante se escreveu a respeito, esclarecendo, ao mesmo tempo, com doudas opiniões, os casos mais obscuros e controversos da analyse referente á especialidade.

Augusto Magne S. J. — CURSO DE LINGUA GREGA — Ed. Livr. Drummond — Rio — 1922.

Recebemos o primeiro fasciculo do "Curso de Lingua Grega", organizado em Londres pelo rev. Augusto Magne, da Sociedade de Jesus. O volume, cm 230 paginas, contém o estudo da morphologia, precedido de noções de phonetica.



O auctor segue a orientação adoptada pelo prof. dr. Lourenço Roci em seu curso escripto em italiano, alterando-o, porém, com a ampla liberdade que este lhe concedeu. Seguir-se-ão mais quatro fasciculos, todos de menor tomo, perfazendo uma obra que se destina a prestar excellentes serviços aos estudiosos.

Ramiro Berbert, de Castro — NOTAS DE VIAGEM — Imprensa Officiã — Bello Horizonte — 1922.

Com o objectivo de focalizar o problema do saneamento do valle do rio Doce, chamando para elle a attenção do poder publico, o sr. Ramiro Berbert de Castro publica em folheto suas impressões de longa viagem que emprehenheu pelos estados de Minas, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Districto Federal. E' leitura interessante pelas noticias que dá daquella porção do paiz, "celebre e notável pelas suas magestosas florestas, ricas das mais preciosas essencias, pela assombrosa fertilidade do seu solo, e pela malaria, que se acouta no recesso dessas mattas formidáveis, á espera do homem para matal-o ou inutilizal-o."

Após as 50 paginas do seu trabalho, o A. houve por bem appensar uma conferencia sobre o mesmo thema, pronunciada por Belisário Penna, bem como as notas de Nelson de Senna, sobre o rio Doce.

João Correia das Neves — ANNA ROSA — Botucatu — 1922.

Apresenta-se como "romance historico" e de facto historia uma tragedia occorrida em Botucatu, em 1885, e hoje com foros de lenda naquella zona do estado. O caso foi mal aproveitado, mas releva notar a idade do auctor, "nascido em Salobro (Pesqueira-Pernambuco) em 5-6-1902." Ade-mais, tendo a publicar oito volumes de contos, romances, theatro, versos e philosophia e em preparo outros cinco, inclusivé um dictionario, não podia, de facto, esmerar-se na confecção desta novella. O que, com uma fran-queza que é de encomiar-se, confessa em pagina de rosto, nestas lacônicas linhas: "Começado na noite de 1 de Agosto de 1922 e terminado na de 8 do mesmo mez e anno..."

Amostra do livro — a sua primeira pagina:

"Ali, bem perto daquelle morro, numa humilde casinha branca, que, com as intemperies dos tempis, ruiu ao chão, nasceu Anna Rosa.

"Anna Rosa era a virgem dos cabellos mais pretos que as pennas do corvo e tão longos como as palmas da carnaúba.

"Seu sorriso era mais doce que o mel da mandassaia, capaz de attrahir o coração mais insensivel.

"A emancipação embriagante da alfavaca não rivalisava com o seu per-fumado hálito, nem a papoula viçosa tinha o rubor dos seus lindos lábios."

A edição é de Correia das Neves — Editor — Botucatu.

G. L. Bon — A REVOLUÇÃO FRANCEZA E A PSYCHOLO-GY DAS REVOLUÇÕES — Ed. Gamier — Rio — 1922.

A livraria Garnier, que em boa hora creou a sua "Bibliotheca Scienti-fica", publica, em volume elegantemente encadernado, um dos últimos tra-balhos do illustre escriptor Gustavo Le Bon — *A revolução franceza e a psychologia das revoluções*.



Servem-lhe de épigraphe as seguintes palavras : — 'Explicáveis sòmente pela psychologia moderna, muitos acontecimentos historicos permanecem tão incompreendidos pelos seus autores quanto pelos seus historiadores" — á luz das quaes dá nova interpretação á revolução de 1789.

Arturo Cancela — *TRES RELATOS PORTEMÓS* — Ed. Geider
Buenos Aires — 1922.

Não só no velho mundo floresce a maravilhosa planta que recebeu dos gregos o nome de Eironeia. O clima da America propicia-lhe a eclosão, fazendo-a vir eivada de sábios e manhosos requintes.

Provou-nos isso mais uma vez o recente livro de Arturo Cancela — *TrCs relatos portciios*, revelação para nós de um engenho encantador. Abre o livro um... como chamaremos? conto? *charge*? — uma festa do espirito, uma *féerie* da ironia, onde paga o pato o sábio Herrling, *inventor* de um cocobacillo maravilhoso para a extineção da praga dos coelhos.

Abre-se uma campanha tremenda contra o coelho. Repercussão no parlamento. Discursos. Projectos. Organização. E' convidado para dirigi-la o grande sábio, que chgea e... fica inactivo. A campanha degenerara em engenhosa burocracia, absorvente de créditos cada vez maiores, com apparelhamento cada vez mais luxuoso — pura maravilha. E a onda cresce, já é partido politico, já é movimento social, já é Moloch que ameaça as finanças. Afinal a opposição grita e com uma palavra magica faz vir abaixo todo o castello de cartas : não ha coelhos ! Era verdade. Não havia coelhos a extinguir. E os milhões de pesos dispendidos só causaram uma victima : um pobre coelho de estimação que a dona da casa onde se hospedara Herrling trazia no jardim. O imprudente penetrou no quarto do sábio, contaminou-se e morreu, sendo chorada sua morte até pelo eminente coelho-phobo que, como na comedia classica, se casa com a afflictta viuva, para consolal-a.

Paginas tão finas, caricaturas tão hábeis, criticas tão penetrantes, achados tão felizes só os vimos eguaes sahidos da penna endemoninhada que escreveu o Putois. Mas Cancellia é um Anatole moço, tendo a menos esse alealoide "senectudina" que transparece mesmo nos velhos de mocidade eterna, e a mais o viço, o elance, a plenitude de quem attingiu o apogeu da força do espirito.

Se quizermos definir com exemplos como é, como deve ser o verdadeiro artista moderno, o artista do pensamento, o *jongleur* das subteis ironias que resultam da percepção philosophica e da aguda visão das coisas — saltam-nos á memoria um numero bem restricto de nomes mundiaes, e será sinceramente que entre elles incluiremos o de Arturo Cancela. E' possivel maior elogio?

Alvaro Guerra — *GALERIA DOS GRANDES HOMENS* —
Cia. Melhoramentos — Paulo — 1922.

Em volumes de pequeno e elegante formato, a Companhia Melhoramentos de S. Paulo acate de lançar a sua — "Galeria dos Grandes' Homens" — biographias que, em linguagem fácil, ponham ao alcance de todos, particularmente da juventude das escolas, a vida e a obra dos vultos da nossa historia. Inicia-a o sr. Alvaro Guerra, com a serie — "Literatura nacional", de que recebemos os dois primeiros números, sobre José de Anchieta e Gregorio de Mattos. Da empresa, sahiu-se magnificamente o conhecido professor.





O PRESIDENTE DA ACADEMIA
DE LETRAS

*Nobre existencia e bella obra. Mere-
cido preito*

Poder-se-me-ia irrogar a arguição de suspeito, ao tributar eu homenagem ao Conde de Laet, tantos os vínculos de estima e solidariedade que a elle me unem.

Co-religionarios em matéria politica e religiosa, temos ferido, lado a lado, os mesmos prêlios, victimados de analogas injustiças, arrastando iguaes perigos, passando por idénticos transe, sem que jamais arrefecesse a nossa fé.

Vivemos longo tempo como exilados no seio da própria patria, á qual procuramos dedicada e conscienciosamente servir, soffrendo a dura "ei do voe victis", não menos implacável no mundo moderno, embora sob formas differentes, do que' na antiguidade, porque as paixões humanas não mudam em sua essência.

Hoje, como outr'ora, ai! dos que se contrapõem á corrente victoriosa, não capitulando, não transigindo!

SSS mais tarde se reconhece alguma razão, ou se proclama, merecimento (e quanta vez fálha no mundo a reparação!) aos opprimidos, aos proscriptos, aos que pelejaram e morreram na defeza de sua bandeira.

Fomos ambo^ distinguidos otoo alta mercê pelo chefe <ia nossa crença, o qual outr'ora conferia as maximas investiduras e continúa a ser a maior autoridade espirital do orbe, — mercê de que, sem a menor jactancia — pois so-

mos sinceramente christãos, nos desvancemos, acceitando-a, e ligando-a ao nosso nome como prova de obediencia, fidelidade e reconhecimento ao Soberano Pontífice da Christandade.

Mas é por isso mesmo, que, irmão de armas do Conde de Laet, com quem tenho lidado par a par, em conjuncturas difficeis e decisivas da vida particular e civica, me assistem razões para dar testemunho cabal das suas superioridades.

Além do respeito e admiração que todos lhe rendem, devo-lhe summa gratidão, porque foi o mais leal, o mais valente, o mais constante, o mais desinteressado amigo e cooperador de meu pae, o Visconde de Ouro Preto, na boa e na má sorte, no poder e no ostracismo, quando tantos entre aquelles a quem elle beneficiara, o repudiaram, pelo único motivo de haver cahido, aliás com a impavidez e a dignidade de varão forte, sobranceiro ao infortúnio.

Ao organizar o seu governo, sabendo o Visconde de Ouro Preto que ia travar formidáveis lutas, buscou rodear-se de homens de escól, como Ruy Barbosa e Floriano Peixoto.

Collaborou este com o Visconde, durante toda a sua gestão.

Chamou também o Visconde a Carlos de Laert, o qual lhe deu, até que aquelle succumbiu ao pezo da idade, da moléstia e das decepções, preciosissimo concurso, provas de acatamento, demonstrações de quasi filial affecto, que corroboravam no estadista do Império a confiança, nunca esmorecida, em nobres sentimentos dos brasileiros, e consequen-

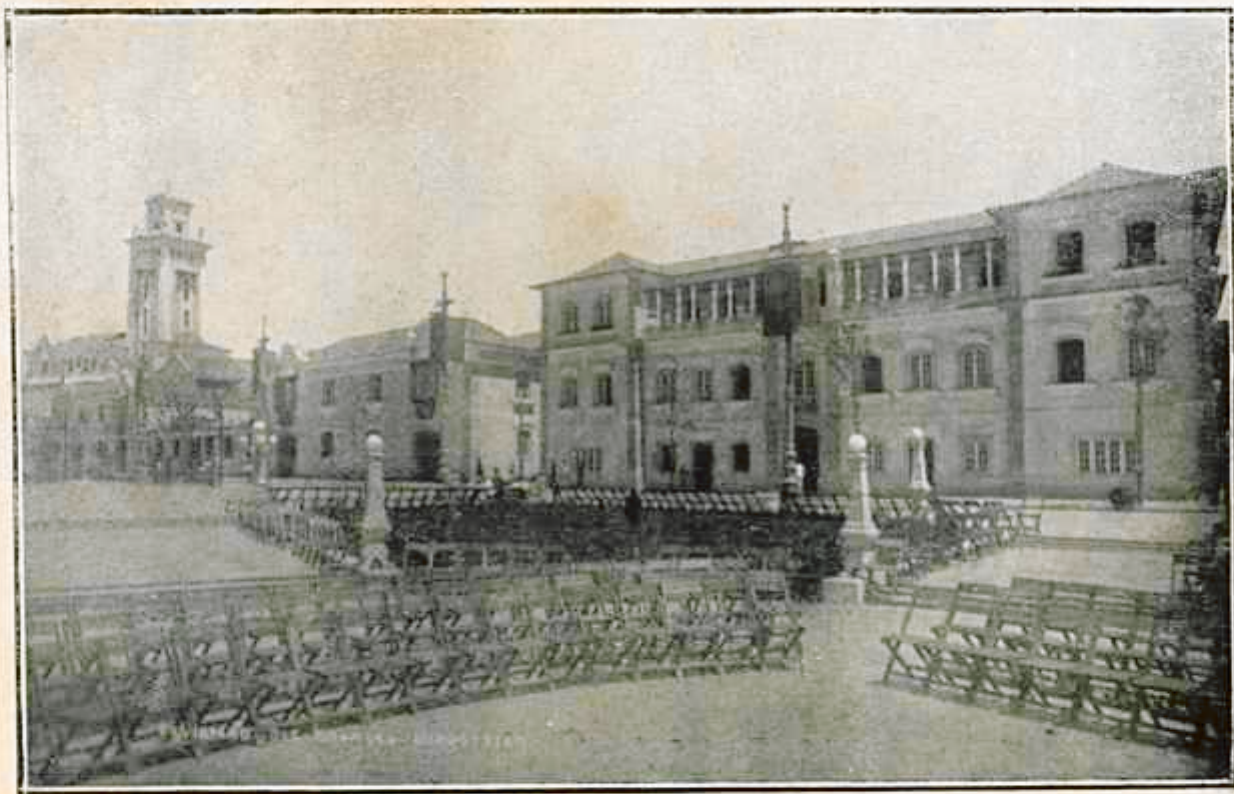


EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão Japonez.

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão das Grandes Indústrias.

temente, no futuro da pátria.

Em livro, publicado ha 27 annos, com o titulo — *Guerrilhas*! dedicado a Carlos de L'aert, tentei delinear-lhe o perfil, a proposito do volume — *Em Minas*, então dado a lume.

Disse, nessa occasião, em artigo epigraphado — *Um forte que* — *Em Minas* era admiravel da primeira á ultima pagina, merecendo ser versado com assidua mão, tamanhos os encantos de pensamento e de forma que enthezoura.

Persisto em pensar assim.

Com effeito, *Em Minas* — depara primores de linguagem purissima, alliando a vernaculidade á elegância, — linguagem ao mesmo tempo classica e leve, sóbria e colorida, com as tersas qualidades dos antigos e as nervosas vibrações ho diernas.

Sem a menor eiva de dogmatismo, externa tão solida quão extensa erudição em literatura, sciencias naturaes, historia, philosophia.

E que esplendidas mostras de estylos, descriptivo, didáctico, critico, conceituoso !

Quanto sentimento em alguns trechos, que cortante ou graciosa ironia em outros, que espirituosa malicia, que lúcido critério, mais adiante, que fulgido talento em tudol

A dedicatória constitue por si só uma obra prima de eloquência singela e cornovedora.

Eis o trecho final: "*Paes que, fechados no tumulo, me symbolisais a mocidade esvaecida; mulher e irmã que, comigo vos feris, desbwando as urzes da adversidade; filhas sobre quem peço que revertam todas as venturas a que tenha direito; acceitai a homenagem deste livro, escripto em horas de tristezas, quando a Patria, mãe de todos nós, dolorosamente se estorcía na guerra civil*".

Considero essa dedicatória superior A tão famosa de Ernesto Renan — "*A' alma pura de minha irmã Henriqueta, morta em Byblys, e que termina com a invocação:*

Revela-me, oh! bom génio, a mim que tu amavas, essas verdades que adminam a morte, nos impedem de temer-a e quasi a fazem amar".

Manifesta, sobretudo, *Em Minas*, o inamalgavel character do autor, a propugnar, sem medir riscos e sacrificios, as suas convicções catholicas e monarchicas.

O 15 de Novembro encontrou-o no seu posto de combate — a imprensa, — e, enquanto affluíam, de todas as procedências, adhesões ao novo regimen, parecendo, na plirase d'elle, que o paiz se transformara em enorme emplasto adhesivo, Carlos de Eaet, irreductivel, indifferente a ameaças e seducções, — elle que nenhum favor recebera da menarchia, — protestava, resistia, com unia coragem, um desassombro, um heroismo, comparáveis aos de Horácio Cocles, o isolado, legendário combatente da velha Roma.

Na sua biographia, avultam outros traços de insuperável bizarria, quaes o da sua moção verberando a mudança do nome do Collegio Pedro II, o que lhe valeu a demissão de uma cadeira vitalicia, conquistada por concurso.

No mesmo caso está a sua sabida de um grande órgão da imprensa onde insignemente trabalhara dez annos, para não se sujeitar ao que chamavam — *cabresto* — a modificação da plirase de um artigo, exigida pelo redactor-chefe.

Sempre a sua penna, impoluta, nítida e afiada, como a espada de Roland, manejou-a impeterrito e, não raro, com ella, semelhante ainda á *Durandal* — rasgou fendas no granito das idéas contrarias.

Absolutamente, não é o Conde de L'aet, como desaffectedos ou invejosos têm affirmado — *homo unius libri* — *Em Minas* sufficiente, entretanto, pana lhe grangear ampla e luminosa nomeada.

Simples questão de encadernação, disse elle proprio: a sua obra é fecunda, vasta e complexa.

Colligam-se-lhe os innumerados trabalhos, alguns de largo folego, estampados em jornaes e revistas, de ha meio século para cá, e ter-se-á avultada copia de exedlentes volumes.

O primeiro foi uma collecção de poesias, datada de 1873 e contendo produções de quando ainda estudante.

Elonge de méras *pechás de jeunesse*, ou delictos literários em beneficio dos quaes prevalece longa presoripção, patenteiam esses versos louvando engenho poético cre-



dor de encomios, mormente pela elevação de alguns assumptos. Assim: *Ad Cesa-rem*, Andrade Neves; *Ave Hispania*; *A Arte*; *Osorio e Andrade Neves*; *A Paz*, scintillantes de bellos e levantados conceitos.

Instructivos ensaios, magnificas monographias, interessantissimas conferencias, como por exemplo a *Heresia Protestante*, alistado c a *Religião*, *A Educação Christi*, o *Frade estrangeiro*, o *Indiferentismo Religioso*, a *Imprensa*, — determinaram por si sós ao Conde de Laet logar de grande destaque nas letras- nacionaes.

Outros indiscutíveis títulos para sua gloria vemol-os na serie de discursos, — seis editados pelas *Leituras Catholicas* — da Escola Typographica Salesiana de Nitheroy — proferidos como paranympho na collação de gráo, em vários institutos de ensino.

Tratando em todos do mesmo thema, o Conde de Laet soube delle tirar variações maravilhosas, tornando-os genuino« paradigmas no genero, benemeritos do applauso de qualquer intelligente leitor.

Por estes motivos — e a lista facilmente se acresceria, — a Academia Brasileira de Letras chamou para o «eu selecto grêmio o Conde de Laet, elegeu-o e repetidamente o tem reelegido seu presidente, successor de Machado de Assis, Ruy Barbosa e Domicio da Gama, promoveu-lhe significativa festividade, por occasião do jubileu da sua formatura.

Solemnidade literária simples e modesta, demonstrou eloquentemente o quanto o Conde de Laet é querido e admirado pelos seus companheiros de jornada, que, mais de perto tratando com elle, bem lhe podem apreciar o raro e immenso valor.

Affonso Celso.

(Jornal do Brasil).

CARTAS MANDADEIRAS

As pessoas do conto

Meu amigo,

Fizeste-me outro dia a reflexão de que nada podia ser mais difficil nas obras da fantasia do que a apresentação das pessoas em qualquer historia.

Pôde pintar-se uma paisagem sem viva alma, mas as historias, as próprias fa-

bulas, não dispensam o concurso da vida animal. E' preciso que nellas alguma coisa se mova mais do que agua, o sol ou a folhagem.

Dahi o exame esthetico que faz um critico tudesco das pessoas do conto.

O sr. Ernest Heirich Hess, bavaro, dedica suas aptidões criticas ao estudo da technica litoraria. (1)

Um dos seus estudos mais curiosos, e bem documentado, foi o que fez a proposito da entrada dos personagens na arte de contar. E' o primeiro passo por onde se afere a capacidade do roman-cista.

Como são introduzidos ou apresentados ao leitor? Eis um problema nem sempre fácil, a que tem dado soluções varias a fantasia illimitada dos escriptores.

Examinando-os de perto, acha E. Hess que são duas as apresentações prncipacs nos contos ou nas novellas. Pelo menos podem reduzir-se a este schema.

Uma delias é a apresentação *épica*, segundo a sua classificação, a outra é a *apresentação dratmatica*. O drama e o épico comprehendem toda a area da criação.

Está claro que se trata aqui de um schema reduzido ás linhas mais simples e geraes e dentro delle pôde caber enorme variedade de processos. Não 'as darei, todas ellas.

Como quer que seja, esse schema é intuitivamente daro e razoável.

Ninguém pôde recusar-o.

Na maneira *épica* a apresentação é feita narrativamente pela indicação de pessoas e coisas como nas epopéas:

Canto as guerras e os varões...

E' assim que diz Virgilio:

Anna virumque cano...

ou Camões:

As armas e os barões...

Cantando espalharei...

(1) Einführung der Personen in die Erzählung (Lit. Echo, 1921).

ou Torquato Tasso:

Canto l'arme pietdse e 'l Capitano...

ou Voltaire:

Je chants le héros...

seguindo todos elles o velho exemplo do primeiro épico, de Homero, na Iliada.

*Canta, ó musa, a cólera de Achilles.. **

ou na *Odysséa*:

*Canta à hcr&e astucioso **.*

Esse estylo de apresentação épica é o adoptado frequentemente por alguns *conteurs*.

Eis o exemplo de Machado de Assis:

Agora contarei a historia do relogio de ouro. Era um grande clirometro...

A forma *épica* é peculiar aos contos populares, e Machado de Assis ainda pôde offerecer novo exemplo:

Era uma vez uma agulha...

Essa é a mais ingênua e popular de todas as especies. Se não estás contaminado pda pernicie da literatura, acredito que a terás por mais bella que quantas foram engenhadas pela agudeza dos homens cultos.

E nunca saiu da moda.

A outra maneira de apresentação é a *dramatica*. São os personagens que, oomo na scena, se apresentam por si mesmos. Essa apresentação é geralmente um monologo ou dialogo. Viciosa pôde ser, mas é a mais empolgante.

Machado de Assis era insigne no uso dessa maneira:

— Ah! o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Motta, fazendo um largo gesto admirativo. Desculpe o meu modo... mas é mesmo o senhor?

Varias historias, 61.

Ficam rapidamente apresentados o Pestana e a sua admiradora.

Em outro conto de Machado de Assis, com a mesma forma dramatica apresentam-se tres personagens num só átimo.

A preta entrou na sala de jantar, chegou-se á mesa rodeada de gente e falou baixinho á senhora. Parece que lhe pedira alguma coisa urgente, porque a senhora levantou-se logo.

— Ficamos esperando, dona Adelaide?

— Não espere não, sr. Rangel; vá continuando, eu entro depois.

Id., 167.

Aqui estão Adelaide, Rangel, a preta e outras pessoas banaes e circumstantes, em comparsaria.

Essa é a forma sempre mais empolgante, como dissemos. A narrativa perde muito da vivacidade com os logares communs da descripção ou da paisagem...

Uma joven de dezoito annos, olhos negros... lábios...

Ao longe, no horizonte em fogo, caia o sol... A brisa soprava... as arvores...

ou

Rompiam os primeiros clarões do dia...

Essas formulas paesistas são todas ellas legitimas e excellentes ás vezes, mas correm o risco de inanimadas e frias quando se alongam do homem ou este tarda a apparecer. Os românticos, desle Chateaubriand, abusavam da maneira descriptiva.

Alencar, cuja palheta conhecia todos os tons, foi insigne nessa especie.

Afinal quando pedimos uma informação qualquer, chegaríamos ao desespero se nos dessem a maravilha do scenario. A alma, a vida humana e animal é o que interessa.

Assim pensa E. Hess e com razão quando aponta a emotividade de algum exemplos de apresentação dramatica.

— Ou acabarei com isso ou não me chame Samuel.

Spiilhagen.

ou ainda.

— Bom dia, sr. Henriquel

Heiberg.

São formulas de vida immediata. Os velhos escriptores românticos perdiam muitas palavras em narrativas poéticas que, embora formosas, retardavam a acção. Isso, para "fazer estilo" ou achar a côr local de que se preocupavam.

E. Hess lembra a admiravel apresentação de *Esmeralda* na *Notre Dante* de Victor Hugo. Antes de mostrar a heroína na rua, Victor Hugo mantem-nos no interior do Palacio da Justiça quando ahi circula a noticia: "Esmeralda está lá fóra na Praça". Todos se precipitam ás janellas para veila. E assim ella apparece com essa tempestuosa popularidade.

Parece haver aqui uma combinação extraordinariamente feliz das duas formas épica e dramática.

Sem querer illustrar as subdivisões do schema geral, em duas maneiras compostas ou floridas, parece que o verdadeiro *conteur* é o que sabe usar ao grado da inspiração, de qualquer formula, seja épica ou dramatica.

Espero que *assim* te pareça. Os criticos anatomizam de mais.

Os teus contos offerecem as variedades que sempre accusam coloração diversa e matizes que repousam e amortecem as asperezas geométricas da technica dos criticos.

Não quero abusar das tuas horas de lazer e de extase, tão essenciaes ao espirito creador. Até outra vez.

João Ribeiro.

(O Jornal).

SERTANISMO DE INDUÇÃO

Apenas volto, com o termo da leitura, a ultima pagina de *Afonso Arinos*, um livro esplendido de senso critico e de arte, que Tristão de Athayde trouxe agora a lume, e o espirito que o acompa-

nhou na miudeza de todas as linhas que elle encerra, voltou-se também, mas por través de incidências e reminiscências que se não apagarão, para os distendidos sertões desta grande e abandonada provincia da Bahia.

Voltou-se na sua integralidade de perscrutação e de observação minuciosa, para melhor enterolhar, por todo o panno da obra de Arinos, quanto este sertão maravilhoso tem de grandezas para a realização de uma arte poderosa, quanto já tem cooperado para a realização de farturas e riquezas opulentas.

Arinos, descrevendo os sertões, naquillo que elles tanto representam e contém de sensações e de bellezas, depois de os cortar por todos os lados e de'os investigar por todos os reconditos, assentou, melhor que os demais impressionistas escriptores, os alicerces dessa literatura regional e sertanista que se vae levantando, pelo Brasil inteiro, como eloquente contribuição para a formação da verdadeira literatura nacional. Nascido no cerne das distancias de Minas Geraes, ás convizinhanças do rio S. Francisco, de cedo o seu espirito de indagações se filiou aos caprichos de desvendar, para observar, entender e para repetir, as nuanças sensoriaes da alma sertaneja, das próprias coisas do sertão, e nisso descendo como psychologo esmerilhador a todos os inquéritos e á privança com todas as gentes.

Dahi, desse acuro e desse empenho pela sua parte original, sem as mesclas de que ensartaram as suas obras sertanistas os que o antecederam e que ainda o succedem, a excellencia dos seus livros publicados, verdadeiros incfices nesse movimento patriótico de reabilitação intellectual que se realiza efficaçmente em nossas letras.

E porque Arinos foi ao fundo das minúcias de observação, para as repetir na sua inteireza absoluta, a verdade incontestável de sua obra, onde os criticos de mais argúcia e de gana maior não encontram retoques de fantasia que não sejam coloridos naturaes e reaes para a vestimenta da fôrma inconsutii de sua arte literária.

A essa pureza extreme de realidade, apprehendidas *de visu* e *in loco* nos sertões longínquos de Minas, de Goyaz e de



S. Paulo, é que se não filiárá, certamente, essa chusma de escriptores regionaes apparecendo, por toda párt e entre todas a? gentes, com unia obra de falsa ficção, de personagens e características visivelmente alteradas, senão deturpadas. Artistas de gabinete, postos em torno dos effluvios de flores de estufa e de jarras de Sèvres ou cristaes de Baccarat, imaginam criações de scenas, de paisagens, de typos e de coisas do sertão, e soltam a penna corredia para as narrativas sertanejas, quando o não fazem por meio de informações que lhes já vieram com a eiva da falsificação. A obra que produzem, llo genero, é dfeste feito e deste merecimento.

Poderia, se a simples resenha de agora tivesse a feição de um estudo com o fim de esmiuçar toda a divulgada obra sertanista, reunir contribuição de subidas valias, para sustentar a falsidade dessa obra impingida pelo Brasil a fóra e pelo Brasil a dentro, com a chancellia do maior desconhecimento do paiz. Como, porém, estas letras não alcançam além do imaginado e traçado, o que <e refere a escriptores taes é bem a evidencia das affirmatives.

O sr. Coelho Netto, por exemplo, uma estrella da literatura que se vae apagando por força dos ouropéis de suas rouparias literarias, fantasiosas e extravagantes, mostra bem no *Sertão* a coima que denunoio e que lhe não perdão, como lhe não perdoou Antonio Salles, citado por Tristão de Atliâyde: "As novellas deste livro (*Sertão*) traduzem todas ellas assumpto de vida campestre, mas com uma tal mescla de fantasia, que a gente é obrigado a dizer do seu sertanejismo o mesmo que Heine, porventura injustamente, disse do lyrismo de Victor Hugo — *forcé et faux*. O titulo *Sertão* requeria a meu ver mais justeza de traços • mais cõr local nas tintas".

Miudemos as contas e passemos-las para as terras bahianas, das quaes ninguém se alevará para contestações. Aqui, melhor se aloaçam as pechas dos sertanistas de gabinete.

Compul-se-se, neste caso, o *Diamante verde*, do sr. Almachio Diniz, escriptor que admiro e prézo, depois de se ter visto e apreciado como se executam os

trabalhos aos garimpos das lavras diamantinas, e se lhe descobrirá de logo o canhestro da ficção de que se revestiu a curiosa novella, em varias de suas partes. Tanto assim é que os *Contos do norte* do sr. Alberto Rabello, annuciados a vir a lume, inspirados e de effeitos verificados nessas lavras, revelarão passagens semelhantes ás referidas pelo sr, Almachio Diniz, mas revestidas do colorido e do senso de observação real, que o *Diamante verde* nem todo tem. O sr. Rabello foi ás lavras, viu os garimpos, observou catas, furnas e garimpeiros e escreveu o livro, como bem lhe estava á altura da intelligencia e da arte.

No *Visionário*, um livro interessante e agradável, o sr. Astério de Campos incide nas mesmas culpas e encampa verdadeiros dislates de objectiva, ao tratar coisas do sertão, que elle desconhece nos seus aspectos reaes.

Quem tenha lido com cuidado, carinho e ansia de aprender o *Sargento Pedro*, do sr. Xavier Marques, um dos seus livros mais preciosos, havia de encontrar o effeito positivo dessa arte de escrever por inducção, ou por empréstimo, em prova de que ella não traduz, na sua força exacta, o critério do nobre escriptor, que todos lhe reconhecemos e lhe gabamos, com louvores. K' ainda a resultante da literatura de informação, revelada em minúcia, que, se não altera na sua integralidade admirável o romance, denuncia entretanto que o *immortal* illustre não está immune desse peccado original. Está no *Sargento Pedro* a scena em que o vaqueiro Angelo, transpondo um rio, com agua á altura dos peitas, é ferido na *ôxa e llo ventre por um jacaré. Juízos de pessoas intelligentes, que se encontraram em peleja com o indolente amphibio, affirmam que não ha condição em que o animal possa ferir, com os dentes, dentro da agua, como no caso do vaqueiro Angelo. Narrativas outras, e anteriores, de inducção, já encamparam o facto como verdadeiro, mas a pratica e a observa,ção fiel o desmentem. O sr. Xavier Marques, que nunca atravessara rios de jacarés, achou que estes padessem ferir, com os dentes, os transeuntes ou vadeantes do seio das aguas.

Ainda ha pouco, lendo, por me cair ás mãos a revista que o publicara, o conto *Vida rústica* do sr. Altamirando Requião, tive o desprazer de comprovar a mesma affirmativa das irrealdades que denuncio, e num simples conto. O «r. Requião descreve a sua impressão em certa fazenda agricola, dizendo que á noitinha "os cabritos que saltavam em grupos, os taludes" iam "beber ao riacho". Ora, a esse tempo os cabritos estão naturalmente enchequeirados, ao querer do» vaqueiros ou delles próprios. Os animaci de cria têm as suas horas determinadas para a comida, a bebida, o repouso, quando soltos, e ovelhas e cabras, á noitinha ruminam nos curraes uu sobre os lagedos, á beira das casas... E vae além o contista para repetir que "a moenda, cansada de rodar, no esfarinhamento da mandioca, estacara" a esse tempo do final db dia. Não ha na agricultura nem nas fazendas sertanejas, aperfeicoadas ou primitivas, moendas para esfarinhar mandioca. O que a esfarúnha é rodete, é eaitetú, uma peça cylindrica, com serilhas horizontaes a curtos espaços, ou então os modernos engenhos. O processo da seccagem da mandioca esfarinhada se faz em tipitis e prensas, que ainda não são moendas, pois são estas simples machinas utilizadas, principalmente, e no Brasil, para a canna de assucar. E' Preiso que se distingam esses aparelbos e que elies sejam conhecidos nas suas devidas applicações e préstimos.

No *Tropas e boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos, um goyano que emigrou na infância e que ás terras de nascimento nunca mais fôra ter, apanham-se flagrantes depoimentos e crimes dessa natureza, em prova de que, se a retentiva da infancia lhe não traíra, a imaginação do artista falseou.

Mario Hora, um rapazelho sergipano mas das avenidas cariocas, que tem inrpiração e não tem grammatica, disse no *Tabareos e tabarões* que os vaqueiros na sua terra se vestem de couro crff, usam chapéus de couro crú, montam em silhão para fazer vaqueijadas, quando isso não se dá, em nenhum logar do Norte. O couro crú, pela sua consistência endurecida, não se presta nessas utilidades e o silhão é a sella em que montam re-

presentantes do outro sexo, que não os vaqueiros.

Deixando de parte a contribuição literaria, vemos nos próprios documentos, que importam até para o nosso credito geographico, e historico, o manifesto crime que as induções e as informações falsas e falsificadas produzem. Disso muito se tem socoornado o sr. F. Borges de Barros, habituado a fazer geographia de gabinete.

O novo *imtnortal-mirim* fez ultimamente um esboço chorographico da Bahia, felizmente um eshoço, o qual o governador, como no Gênesis, achou muito bom e, a pesar de todos, mandou-o para o Piccionario geographico brasileiro, que agora se conclue, no Rio. Nesse trabalho não ha somente falhas imperdoáveis, como desa-oertôs que taes não commetteriam gymnasios com vislumbres de saber de nossa geographia. Aliás, o sr. Borges de Barros é vezeiro nesse habito, porquanto, escrevendo uma monographia a respeito de Belmonte, cobriu-se de ousio para afirmar que a cidade deste nome ficava ao alto de uma collina, quando é isso de uma falsidade palmar. A cidade estende-se num planalto sem contrafortes e sem saliências, á margem do Jequitinhonha, que lhe começa a damnificar nalguns trechos.

Este, o resultado da maior parte dessa literatura regional e sertanista que se nos apresenta, com radiações de triumphos na apreciativa nacional levantada por artistas que não têm luzes para penetrar o segredo de verdades e de falsidades que ella encerra. Esta, entretanto, a literatura por que não contribuiu Affonso Arinos, o mais puro e mais fiel dos nossos escriptores sertanistas.

Affonso Costa.

A Tarde, da Bahia.

A COMMUNHÃO PAULISTA

Não vemos bem como negar-se visão politica aos paulistas dos primeiros séculos que, aos dominios da corôa, reconhecidos pelo Tratado de Tordezillas, juntaram area cinco vezes superior áquelles. Visão politica, é evidente, tinham-na os que levaram o nosso nome e os nossos



direitos ao planalto central brasileiro, aos territórios que, mais tarde, constituíram as províncias do sul, as planícies maravilhosamente férteis e ricas do actual Estado de Matto Grosso.

A tenacidade e a persistência demonstradas nessa acção de posse continuada levam-nos a admitir e a reconhecer, mesmo, um propósito deliberado desses gigantes da historia. Não pretendemos que "a priori" se tivessem elles proposto a realização de um vsato e preconcebida plano. Mas, da mesma maneira que os anglo-saxões, arrastados por seguro e singular instincto, chegaram a se apossar de tudo quanto na superficie da terra ha de melhor e mais aproveitável, traçando, cm suas linhas geraes, as determinantes definitivas da politica britannica o paulista assignalou, cm a marca indelevel da sua passagem, os contornos, tambem definitivos, dentro dos quaes a nacionalidade completaria a sua evolução. Esse instincto intelligente permanece ainda hoje sob a fôrma dessa força propulsora, que já se vae tornando, agora que vamos attingindo á maturidade, cm directiva disciplinada e quasi consciente. Os prodromos dessa gigantesca tentativa, que poderíamos chamar de ratificação histórica da acção do bandeirante, já são perfeitamente discerníveis no conjunto de aspirações com que se preoceupa actualte São Paulo. A politica de expansão ferroviaria, seguindo, nas suas linhas geraes, os roteiros de penetração do passado, mostra-nos de sobejo a acção calculada do paulista. Planejada e posta cm execução por elementos particulares, ntlla se espelha a alta visão de que aomos hereditariamente dotados. A Paulista, desde o seu inicio incorporada por elementos e capitaes deste Estado, lenta e seguramente, avança em demanda de Matto-Grosso (o maior dos problemas paulistas) e do Pacifico, esporando apenas oportunidade para disputar á Argentina, "Icader" actual das populações banhadas pelo grande oceano, o emporio economico daquellilas regiões do continente' sul-americano. Oni a ligação de Assumpção " do Paraguay a Santos, brilhante conquista i de Cincinato Braga, estará ipso-facto pos-^/ to, ainda uma vez pela communhão pau-^C/ lista, nas suas directrizes principaes, o

eixo da politica internacional do Brasil. Se o problema internacional brasileiro, como acabamos de ver, é obra eminentemente paulista, não o é menos o de penetração interna. A Mogyana, que logo na sua fundação tinha por fim os paizea do Pacifico, deliberou, mais tarde, visar o planalto central, onde hoje já se assen* tam os seus trilhos e se faz sentir a sua acção civilisadona. Esse esforço de integração parece-nos difficilmente refutavel, se attendermos para o que já se conseguiu.

Não é menos significativa a actividade que, dentro dos limites politicos de São Paulo, se nota. A invasão da onda cafeeira leva de vencida as ultimas matas restantes. As velhas fazendas renascem, cuidadas com carinho pelo esforço único do paulista vigilante e zeloso da sua riqueza. A producção cresce, sem desfallecimentos, supprindo as exigencias da população e amparando o paiz nas suas necessidades de ouro.

E' a revisão do problema posto pela epopea bandeirante em via de solução definitiva. E' o mesmo ideal a absorver o mesmo paulista.

Já Amadeu Amaral, no seu discurso de recepção na Academia de Letras, falou no imperialismo benefico de São Paulo. Estamos com elle. Imperialismo em contraposição a inércia. Ou caminhamos, como até aqui vamos caminhando, por alargar cada vez mais o circulo da nossa acção, arrastados pelo impulso inicial, ou paramos, e, então, já não seríamos aquelle povo caracterisadamente "particularista", a que o Brasil deve a sua g-andeza. Nesse imperialismo de que primeiro ou sou falar Amadeu Amaral e que nes legaram nosso? maiores, reside todo um ideaü, que por muita9 gerações ainda deverá ser o único a manter o estimulo de uma communhão a cujo destino está entregue o destino do Brasil.

E«s, ahi, em esboço rápido e ligeiro, a politica de S3o Paulo.

Diante delia e dos seus altos designios, como querer que q paulista se interesse e se ocupe com a politica militante em São Paulo? , Desvial-o de suas esplendidas realizações seria, além de criminoso, um contrasenso, a que o seguro critério e a sua intelligencia (no que este termo

tem de mais elevado) se opporiam irresistivelmente. A realisação desse legado do passado ha de, por força, mobilisar-lhe todas as energias.

Mas, na luta, a selecção dá-se com a facilidade das leis incoercíveis. Os organismos sadios buscam, naturalmente, as difficuldades na altura de sua pujança. Para esses, os commietimentos grandiosos, aquelles a que nos habituou em todos os tempos o paulista. Para os demais, — porcentagem tanto menor quanto maior é a vitalidade do organismo — a tarefa de não deixar perecer de todo o mecanismo politico-administrativo.

Emquanto a communhão paulista não encontre o equilibrio necessário á sua pujança expansionista, a politica militante em São Paulo permanecerá o que é hoje. A sua direcção continuará a apoiar, como na generalidade dos casos politicos do interior e da capital, os elementos com que mais sentem affinidades.

E' que os norteia um único desejo: mandar, a todo transe, custe o que custar. Vivem apartados da communhão, sem lhe perceberem o instincto admiravel. Não podendo acompanhar-lhe o incessante evol-ver, delle se desinteressam, naturalmente, sem maldade. Eis a politica militante em São Paulo.

Encarada em si mesma, o seu aspecto é para infundir profundo pessimismo em quem nella deposita esperanças, de u'd não participamos. Com a Sciencia Social, julgamos residir na reserva que diante delia sempre manifestou o paulista representativo, a sua mais bella qualidade. Os pnvos, quanto mais afastados da politica militante, mais proximos estão das grandes realisações. Esse axioma, ainda da Sciencia Social, parece encontrar em São Paulo um poderoso argumento a seu favor. Somos fortes, somos ainda dignos do passado das bandeiras, justamente porque ás enganosas victorias da politica militante, sabemos ainda preferir as rudes victorias que pontilham a historia da nossa evolução. As sadias emoções da vida livre da lavoura, das tentativas audaciosas de que todos os dias temos noticias, empoflgam a visão segura e affoita do paulista, desviando-o da es-

tagnação acabrunhadamente niveladora dos nossos partidos politicos.

Nos momentos capitaes da historia nacional, de São Paulo sempre partiu a palavra que haveria de decidir dos destinos da nacionalidade. José Bonifacio e Feijó — o mais pualista de todos os paulistas' — marcam os dois grandes cyclos da evolução nacional. Amanhan, como naquellas duas etapas memoráveis, outros hão de surgir, dentre nós, da mesma tempera e do mesmo valor. Porque, desprezando o circulo acanhado em que se debatem as correntes politicas da actualidade, mostra o paulista que é, ainda hoje, o que era nos primordios da nacionalidade; um lutador victorioso.

Julio de Mesquita Filho.

(O Estado de S. Paulo).

O DETENTOR DA BELLEZA

Já está finalmente exposta nas nossas livrarias a nova obra do sr. Gilberto Amado.

Um livro do illustre escriptor sergipano traz sempre uma grande revolução no dominio das idéas nacionaes. Toda gente sabe como appareceu o sr. Gilberto Amado no scenraio intellectual do Rio, empolgando com a sua palavra nova, a sua idéa agil e profunda e a sua audacia de predestinado da Gloria. E não é preciso remexer muito a memoria para recordar o que então elle sôffreu, de perfidias e de calumnias.

A sua luminosa conferencia *A chave de Salomão* foi por longo tempo em todos os circulos mentaes do paiz,,o pábulo da mediocridade vencedora.

Perquiriram-na sob todas as faces, e tentaram descobrir-lhe uma porção de defeitos e sobre ella, durante vastos mezes, pró e contra falaram os jornaes. Somente depois, muito depois, pelas disfarçadas imitações que appareceram, chegou-se á conclusão de que o sr. Gilberto Amado creára talvez sem o querer um novo padrão litterario.

Afinal a conferencia foi considerada perfeita. E ainda hoje muita gente de responsabilidade mental, tudo quajito escreve dá lembrança *d'A chave de Salomão*.



O sr. Gilberto Amado, porém, é que não ficou alli.

Aquilo era apenas prova preliminar das suas altas possibilidades estheticas. Evoluiu rapidamente, vertiginosamente. Seus artigos posteriores demonstram bem significativamente isso.

Com leituras novas e mais aturadas meditações, as idéas rebentaram-lhe ainda mais claras e serenas.

O estylo adoçara-se-lhe em novas e ricas harmonias. Attingia assim num prazo incrivelmente curto o ponto a que outros jamais tinham chegado em toda a sua vida mental.

Dahi a nova campanha que soffreu. Os que o haviam, com um esforço tremendo, arremedado, pastichado, sentiam-se agora incapazes de acompanhado, nos surtos a que se librara.

E a lucta parecia assim — permittam-me a imagem sedicã — a de um bando de corvos que acompanhassem o vôo altaneiro de uma aguia e de repente perocbessem que esta, de azas espaldas nj azul ascendia regiões a que elles — pobres corvos! — não podiam chegar pela sua restricta capacidade de elevação.

O bando porém detivera-se á encosta j-f do morro mais alto." Como não podia re- produzir o vôo da aguia, ficou vorazmente a observ-o, grasnando de inveja, praguejando.

E a aguia continuou, serena, a erguer-se para a gloria immensa do azul.

Foi eleito á Camara baixa do paiz. Tmpoz se logo, já não direi á consideracã — como pede o logar oommum — mas á admiração dos seus pares, por isso que tres ou quatro discursos o exaltavam em pouco ao estalão dos mais consagrados na oratoria parlamentar.

Mas os cuidados da tribuna politica não bastavam a esse espirito inquieto. Idéas em sação gritavam-lhe no cérebro pela luz de uma realisação mais objectiva onde ellas ficassem perpetuadas para a Immortalidade.

E surgiu a *Suave Ascensão* revelando um poeta admiravel que Tibullo louvara se o lêra, mas a quem Paulo Bar-

reto, outro Tibullo de nossos dias, chamou "intdligencia de diamante".

E veio depois o *Grão de areia*, tão modestamente rotulado para a nossa vida litteraria em que a cada pa\$90 medram versos mediocres intitulados *Tllesouros de Créso* e coisas similares'.

Mau grado, porém, o parco titulo, o *Grão de areia* affirmou-se como se lh'o houvesse chamado seu autor — *A montanha de ouro*.

Agora surge *Apparneias e realidades*, nova onda de luz do espirito eleito.

Appariencias e realidades é o que nos seus lineamentos geraes se pôde chamar um estudo da nossa nascente nacionalidade, em alguns dos seus mais interessantes aspectos.

E por isso dizia eu, lá no começo deste artigo, que um livro do sr. Gilberto Amado traz sempre uma grande revolução no dominio das idéas nacionaes.

Porque esse amaveil escriptor sergipano tem como uma das características fundamentaes da sua *inanière* — o horror á banalidade.

O que se precipita da sua penna nunca é o já dito, o já sabido senão a novidade, o imprevisto.

Revolto ou traiujulio, mordaz ou ironico, a phraticae-lhe sempre dos lábios ungida daquelle mel maravilhoso que Horácio desejava para os seus versos.

Se o seduz um velho assumpto expõe-no apenas para delle inferir razões ainda não concluidas.

E quer-me parecer que somente esta circumstancia num paiz em que os pensodares quase que se limitam a virar pelo avesso o pensamento extrangeiro e a dal-os como seus, seria sufficiente para sagral-o um escriptor de nota. O sr. Gilberto Amado, porém, é que se não contenta cio seu trabalho.

Sente-se a cada livro seu a tortura da perfeição, tão subtilmente demonstrada na serenidade crescmte das suas idéas. Dir-se-ia um descrente das leis da relatividade, que caminhasse cada vez com mais impeto para a Perfeição integral.

Mas o que é singular e que destaca o insigne pensador de todos os demais é que enquanto os outros, á procura da Belleza, torturam o pensamento, deformando-o, tornando-o incompreensível; embaraçando-se em hypotheses absurdas para dahi descer a conclusões ainda mais absurdas, o sr. Gilberto Amado busca a perfeição na simplicidade — fonte primaz da Belleza eterna.

Trechos deste seu ultimo livro lembram pela serenidade do estylo e pela ponderação das idéas, um rio que escorresse de manso sob arvores, por um escurecer magnifico de verão. E sentese o esmorecer da luz, a doçura do céu, o incerto dos insectos na herba húmida de orvalho.

Mas fechando por instantes o livro do pensador, eu me pergunto se valerá ainda a pena de, nesite século de ambição e utilitarismo, perder um homem sua mocidade, reclinado sobre os livros, para que todos finjam não comprehendelo, negando-lhe a eleição da Intelligencia. E ifiú sei porque attracção de idéas me domina o relato dum velho raconto indiano que já li ha tempos.

Entre os vdhcs cantadores das margens do Ganges havia certo homem pallido e extranho que" mal começára o officio, logo dos outros se destacava pela graça e pela originalidade dos assumpto« que penetrava.

Seus versos eram inebriantes. EIS dizia, com», os outros, dns arvores verdes e dos rios daros, do céu sempre azul e das fontes sonoras, das aves multicores e da graça estonteante das mulheres.

Mfis trazia uma tão doce harmonia m^ n tatoio uma vida publica, que, longe dfe voz, um tão imprevisto sabor nas canti- *v* *cr indifferença e despreendimento, é gas que logo sua fama correu por cem^ o espectáculo mais intenso e movimentado a que tem assistido o mundo nos diivrsos sronarios nacionais. Entregue íá sua evolução natural, devia sel-o, da mesma forma, o paulista e, si o não é, certo ocorreu nella a interferencia de um grave, gravissimo factor de artificio, que a desvia.

Certa vez, porém, a inveja dos companheiros teceu a rede do ódio.

Aquelle homem — diziam — aprisionara a Belleza de que somente Budha devia ser detentor.

E uma torva noite de 'nverno o homem foi lapidado e summariamente atirado ao rio á cuja beira cantava.

Temo que com o sr. Gilberto Amado não aconteça o mesmo.

Seu novo livro tem pelo menos as qualidades precipuas que arrastaram á morte o ingênuo poeta indiano — o sentimento da cór, o imprevisto e a graça.

Lucilo Vareção.

A Provincia, de Recife.

PAULISTAS E SAXONIOS (1)

A paridade entre os^ dois typos sociaes o anglo-saxão e o i^aulista, è deveras, sob todos os aspectos, impressionante. A conquista da terra e da produção, da liberdade e da independência; a constituição da raça e da sociedade; o irrequieto do viver e a expansão posterior, são de um claro parallelismo. Mesmo na abstenção politica a similitude prosegue... Absorvem-se os saxões na luta pela vida e na mesma futa, os paulistas.-

Começa aqui a duvida. Certo, sob <> questões politicas, na historia dos povos saxonios, existe sempre, como movei profundo, o interesse economico ou, pelo menos, accentuado egoismo, donde b amor aos direitos e á liberdade; assim como, debaixo do apparelho politico, ha sempre uma forte organização social. Dahi para a al>stención politica vae alguma distancia.

Supponfoamos a antithese: os povos de língua ingleza, na Europa e na America, são visivelmente politicos, aprçsen- Supponfoamos a antithese: os povos de língua ingleza, na Europa e na America, são visivelmente politicos, aprçsen- Supponfoamos a antithese: os povos de língua ingleza, na Europa e na America, são visivelmente politicos, aprçsen-

(1) V. J. Mesquita Filho — "A communhão paulista" — "O Estado de S. Paulo".

Os reformados», os protestantes, cujo caracter liberal e independente se exprime na exegese bíblica, não podem ter o espirito isento de faccionismo. E' a lição da Historia, que afinal, sempre Vale alguma coisa: antes e depois da Reforma, a resistencia dos potentados rurais ao poder central, a luta entre as comunas e o rei; a luta secular dos whigs e tories; a politicagem hanoveriana; a formação parlamentar, consuetudinária embora, mas a poder da desbragada politica dos reis Jorge (I, II, III), dos seus mitos, Walpole á frente e das suas respeitáveis amantes.

Mais claramente, acompanhemos, a ligeira, a Historia da Inglaterra no século XVII:

As leis constitucionales referiam-se As relações entre os nobres e o rei, com exclusão do povo, a quem coube, não abster-se, mas intervir, positivamente, na vida do paiz. Nasceu das communa» a oamara baixa, obra de precedente sobre precedente, de acção e não de inércia. Conhecido o Direito Romano, cedeu lugar o direito divino a um direito, sempre absoluto, mas já discutível, porque humano. E com a discussão se abriu a disputa entre as communas, isto é, o povo e o rei.

Henrique VIII e Isabel, pela força e pelo sangue um, pela astúcia outra, arredaram dos debates os direitos politicos. E os Stuarts, passando da Escocia para a Inglaterra, puderam estabelecer absolutismo ainda mais completo que o de Henrique ou o de Constantinopla. Mas a insubordinação, com o auxilio das ideias religiosas do livre exame e individualismo, levantou-se, encarnada no poder feudal. O rei tornou-se perigoso a todos. A Reforma desagradava. Discutia-se o poder espiritual. As controvérsias religiosas habituavam a discussão: todos eram theologos e estadistas. Ao contrario do que sempre acontece, os interesses religiosos se identificavam com os interesses politicos. E foi assim que os puritanos, politicos da peor espécie, porque fanáticos, acreditando-se guiados pelos anjos, impetraram a celebre "petição de direitos", em que se encerram os principios liberais ainda em vigor no mundo civilisado.

Ora, tudo isso não se chama abstenção politica, porém, exacerbada, perseverante, energica actividade civica.

Passemos de alto sobre o período revolucionário, de excepção; e recordemos o que foi para os ingleses o século XVIII.

Emquanto decahiia o Sul da Europa, levantava-se o Norte, com a Inglaterra a frente. Firmado o governo parlamentar, as discussões produziam ideias de ordem e independencia. Os "whigs", liberais e os "tories", conservadores, descendentes de antigos catholicos, equilibravam o regimen de debates e não de abstenção. Com Jorge I, do Hanover, trocam papeis os partidos. Walpole sustenta-se 20 annos no poder, através da mais acirrada opposição. Incoherente, grosseiro, depravado, conhecia o valor dos homens: um a um, apreçara-lhes os votos no parlamento. Tal «ra a violência da luta. Jorge, corrupto e corruptor, servilizou o parlamento, governou com as amantes, fel-as honrar pelo povo, e por ellas destituiu Walpole. Isso não é politica, é politicagem, mas é também acção. Dizia Shippen: "Roberto (Walpole)" e eu somos dois homens de bem, elle pelo rei Jorge, eu pelo rei Jayme, mas os outros não querem sinão empregos, seja de Jorge, seja dos jacobitas". Morto Jorge I (de uma indigestão de melões...) Jorge II succede-lhe no governo e nos costumes, entregando-se á rainha, que, o domina, ao mesmo tempo que ás amanhãs, emparelhadas com ella e por ella também dominadas. Walpole retoma o poder e, atacado, calumniado e injuriado todos os dias pelos jornaes, abre os cofres á imprensa, exactamente como em certo paiz muito nosso conhecido.

isso tudo, por certo, < seja embora muito pouco perfumoso, algo differe da beatifica estagnação paulista. Em absoluto, não ha abi paridade, ha contrastes chocantes: de um lado a luta, do outro a passividade. Mas ha, no fundo, um ponto de contacto: a abjecção, cá e lá.

*

A inactividade politica em São Paulo é um desses abortos da natureza, que pasmam e lancinam, de ver apenas. Não

tem simile, como vimos, nem mesmo sob o absolutismo monarchico, de ha dois e tres séculos. E' sem par, hoje, no mundo e o é também em nossa propria Historia regional.

A formação particularista dos bandeirantes — em sua era de maior esplendor antes da dispersão e ainda em São Paulo (2) levou-os, não a outra coisa, mas á politica mais descaimada: — guerra de Pires e Camargos pela posse da camara; expulsão de Salvador de Sá, governador; expulsão dos jesuitas; expulsão do vigário Albernaz; aclamação de Amador Bueno (factos cuja correlação procuro demonstrar em trabalho ainda inédito); a formação, enfim, d'ê legendaria "Republica", espanto de mais de um viajante e de todos os chronistas hespanhoes e jesuitas. Si alguma coisa significam os grandes homens, não é a indole e o gênio politico da nossa gente que se encarnam em Alexandre de Gusmão, o genial inspirador de Pombal? (3)

Essa mesma formação não nos impediu, mas favoreceu decerto, todas as revoltas politicas da Minas colonial, desde os Embabas até a Inconfidência. E não no« annullou o estupendo papel na Independencia, e em toda a Minoridade, papel politico e w politico.

A seguir, após um interregno de inacção, a era pre-republicana e abolicionis-

(2) Oliveira Vianna — "Populações meridionaes".

(J) Fernando Nobre — "As fronteiras do Sui" — cap. III.

ta, com a absorpção politica de todas as individualidades representativas.

'Como já tinham sido os Andradas, Arouche, Oeynhausén, Diogo Ordonhes, Rodrigues dos Santos, São Leopoldo, Feijó, são politicos todos os nossos expoentes mentaes: — Joisé Bonifacio, o moço, Martim Francisco, Américo Brasiliense, Pereira Barretto, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rangel Pestana, Ameri, oo de Campos, Antonio Prado, João Mendes, Duarte de Azevedo. A Academia — alma da Provincia e da nação — professores e estudantes, isto é, flor de intelligencia e cultura, todos politicos.

Só agora, a phenomnal, teratologica abstenção, cluima.se isso, antes, estrangulamento e asplyxia; não morte natural; sim morte violenta, por agente esterior — a pata de Cavallo e o "não poupe bala" das eleições.

E é curioso notar a concomitância da annullação politica com os últimos surto* da literatura paulista. Todas as intelligencias, concentradas outr'ora em tomo do bem publico, voltam-se para as letras. Ha mesmo coincidências famosas: — Martim Francisco Filho, Vicente de Carvalho, Alfredo Pujol, todos ex-secretarios de Estado, são hoje honuens de letras, auctores de pro a e verso, membros da Academia Brasileira.

Qual a razão? Não se dirá que selecção ás avessas, é evolução natural...

Verdade é que sob Augusto, na "magestosa paz do Império Romano", floresceu a Edade de Ouro da latinidade... Mas interrompamos, a tempo, o simile.

Brenna Ferras.



AS CARICATURAS DO ME25

NA EXPOSIÇÃO



— De outra vez, quando trouxermos iua mãe, havemos de convencil-a a fazer um vôo de aeroplano.

JEFFERSON - (D^l. Quixote)

OS FORASTEIROS



— Agora, zonde vamos?

— Até ao Museu, ver as raridades da terra. Provavelmente lá está a photographia da ultima casa que houve no Rio para alugar.

JEFFERSON - (D. Quixote).



Não esqueça a elegante comissão de oferecer as sobras do banquete ao Abrigo das Crianças; é uma obra de alta filantropia.

KALIXTO - (D. *Quixote*)



— Que diabo de coisa execranda e immoral é essa?
— E' a "lei do inquilinato" cujo melhor interpretador está junto delia.

STORNI - (D. *Quixote*).

OS "TORCEDORES" FORA DA ARENA



— Está interessante ?
— Qual! traz apenas tres paginas so-
bre o foot-ball...

JEFFERSON — (*D. Quixote*).

CONTRA — SENSO



— Estou convencida de que o Alcides só quer casar commigo porque o papae tem dinheiro.
— E como é que disseste que elle era um idiota ?

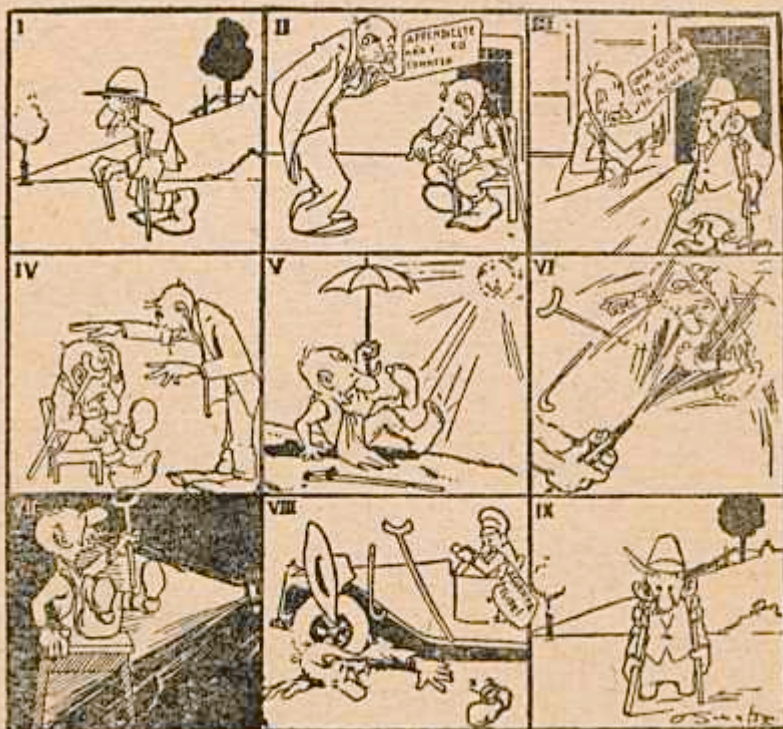
MANOLO — (D. Quixote)



Si os instrumentos de musica pudessem reagir...

YANTOCK — (D. Quixote).

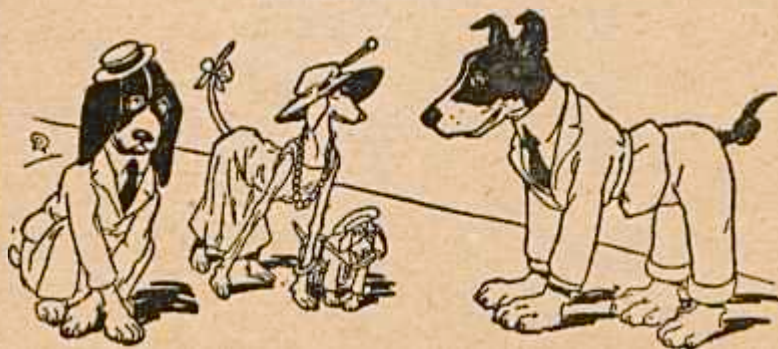
UM VALIOSO ATTESTADO



- T — Sofrendo ha muitos annos d' rlieumatismo
 II — ... reccorri a um medico alopatha ...
 III — ... que nada m' adeantou ; pass'ei para a homoeopathia.
 IV — ... e não fui mais feliz ; recorri ao espiritismo • nada ...
 V — A cura pelo sol não deu melhor resultado.
 VI —» Nem a hydrotherapia ...
 VII — Nem a phototherapia ...
 VIII — Afinal, em desespero de causa, apellei para a auto-cura,
 IX. — e graças ao maravilhoso tratamento, foi-se-me o rlieumatismo das pernas.

OSWALDO — (D. Quixntrl)

NA EXPOSIÇÃO CANINA



- Que é isso ? Você virou almofadinha >
 — E' que o patrão sahiu hoje com o meu frack.

RAUL — (D. Quixote).

INDICE GERAL DO VOLUME XXI

O momento, por Brenno Ferraz	.1
Paraizo Verde, por Narbal Fontes	3
O idealismo na evolução politica do Império e da Republica, por F. J. Oliveira Vianna	21
O legado, por Godofredo Rangel	51
Impressões de leitura, por Cleômenes Campos	57
O lápis de 1822 a 1922, Raul Pederneiras	62
Bibliographia	66
Movimento artistico.	79
Resenha do mez	81
Notas do Exterior.	84
As caricaturas do mez	93
O momento	97
Regionalismo, por Antonio Salles	101
Du Guay Trouin e um avô de Bocage, por João Ribeiro.	106
Florença, Caio de Mello Franco.	111
Tentação de Eva, por Baptista Cepellos.	114
Versos, de Cesidio Ambrogi	119
Historia de um rato, por J. Ramos.	125
Notas biographicas de geologos, por J. C. Branner.	130
Notas scientificas, por Arthur Neiva	137
Bibliographia.	143
A literatura nacional no estrangeiro.	152
Resenha do mez	156
Debates e Pesquisas.	181
As caricaturas do mez	189
O momento	193
Uma historia de mil annos, por Monteiro Lobato.	196
O conto, por Herman Lima	203
Versos, de Cleômenes Campos e José de Andrade	216
"A Esthetica da Vida" e "Illusão", por Brenno Ferraz	219
As fronteiras do Sul, por Fernando Nobre	226



Notas biographicas de geologos, por J. C. Branner.	237
Notas scientificas, por Arthur Neiva	239
Inquérito literário sul-americano, por B. Sanchez Sáez	245
A literatura nacional no estrangeiro.	247
Bibliographia	250
Resenha do mez	264
As caricaturas do xnez	285
O bom marido, por Monteiro Lobato	289
Um novo capitulo de biologia, Egas Moniz de Aragão.	299
Ligeira contribuição para a terminologia florestal, por Ed. Navarro de Andrade.	311
Versos, de Caio de Mello Franco.	321
Alexandre de Gusmão, por Fernando Nobre.	323
Uma campanha obscurantista, por Brenno Ferraz	333
Notas biographicas de geologos, por J. C. Branner.	341
Brasil Argentina, por Italo Luiz Grassi.	347
Evolução esportiva, por Fernando de Azevedo.	355
A literatura nacional no estrangeiro.	361
Bibliographia	363
Resenha do mez	368
As caricaturas do mez	381

Holmberg, Bech & Cia. Lmtd.

IMPORTADORES

RUA LIBERO BADARO', 169

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK,

E LONDRES

Papel, materiaes para
constracção, aço e
ferro, anilinas e
outros productos chimicos.



Joannerie — Horlogerie — Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

LOTERIA DE S. PAULO

Grande Loteria para o fim do Anno

Sexta Feira, 29 de Dezembro

200:000\$000

Inteiro 9\$000 Fracção \$900

Os bilhetes já estão á venda
em todas as casas lotericas

Novidade Litteraria

O PALANQUIM DOURADO

romance de MARIO SETTE com illustrações
de Wasth Rodrigues. — Edição do Centenario

Preço do volume em papel optimo, capa illustrada... 5\$000

A' Venda na Revista do Brasil.

Ultimas Rdições da Casa

M o n t e i r o | L o b a t o

C .

— — — — m —

MONTEIRO LOBATO — <i>Onda Verde</i> , 2.ª edição	4\$000
<i>A menina do narizinho arrebitado</i> , album, 2.ª edição	3\$500
<i>O Marquez de Rabicó</i> , album 1.ª edição	2\$000
<i>Negrinha</i> , contos, edição popular	1\$500
ALBERTO SEABRA — <i>Hygiene e tratamento homeopathico das</i> <i>doenças domesticas</i> , encadernado	8\$000
<i>Phenomenos psichicos</i> , estudos	3\$000
ALOYSIO DE CASTRO — <i>Palavras de um dia e de outro</i> , allocuções	4\$000
RIBEIRO COUTO — <i>O crime do estudante Baptista</i> , contos	4\$000
RAOUL POLLILO — <i>A dança do fogo</i> , romance	5\$000
MENOTTI DEL PICCHIA — <i>o Homem e a Morte</i> , romance	4\$000
LEOPOLDO PEREIRA — <i>S. Paulo nos tempos coloniaes</i> , tradu- ção da obra de Saint-Hilaire	4\$000
CHRYSANTHÈME — <i>Gritos femininos</i> , contos	4\$000
MUCIO DA PAIXÃO — <i>Typos, curiosidades, exquisitices dos ho-</i> <i>mens celebres</i>	3\$000
SERAPHIM FRANÇA — <i>Cantos da linda terra dos pinheiros</i> , versos	3\$000
PEDRO SATURNINO — <i>Crupiaras</i> , versos	3\$000
LEONARDO PINTO — <i>Conjunções</i> , edição escolar	2\$500
LUCILO VAREJÃO — <i>De que morreu João Feital</i> , romance	4\$000
LIMA BARRETO — <i>Vida e Morte de Gonzaga de Sá</i> , do grande escriptor ha pouco fallecido	2\$000

Rua dos Gusmões, 70

CAIXA 2-B - S. PAULO



DIARETICOS

? / V v ^ J) é preciso combater a perda
/ ^ — d e assucar. tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e reõtabelecer o appetite e a função
vv digestiva pdo uso da

GLYCOSURINA

heroico medicamento composto de
plantas indígenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-^e de 3 a 6 colheres^/^;
de chá por dia em agua

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá

São as mais recommendaveis
para a lavoura, segundo expe-
riencia de ha mais de 50 an-
nos no Brasil. : : : :

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Óleos - Telhas de Zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para con-
servação de correias.

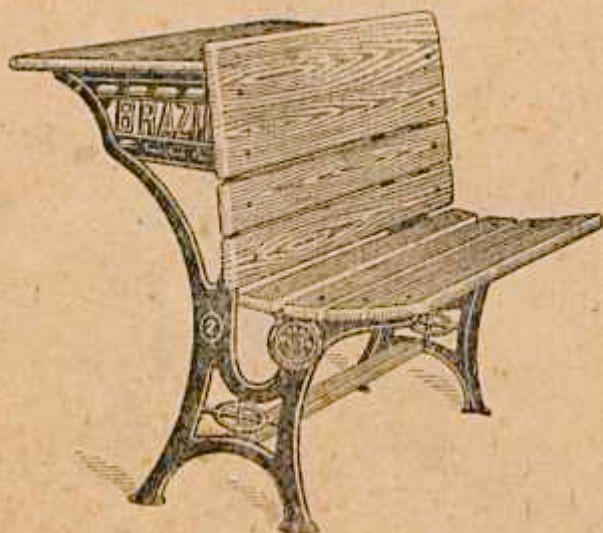
IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisa-
do para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO



Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDÖ^VALLER"

D E ^ -

J. Guaberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz D. 65 (Consolação] Cidade, 1210

SÃO PAULO

